



SÃO CRISTÓVÃO, SÃO JANUÁRIO E BARREIRA DO VASCO
A SUBJETIVIDADE E A TRANSGRESSÃO COMO INSTRUMENTOS PARA
O ROMPIMENTO DE LIMITES E LIVRE MANIFESTAÇÃO DOS CORPOS

LUIZ GUSTAVO COSTA MELLO
AUTOR

GUSTAVO BADOLATI RACCA
ORIENTADOR

TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO - 2021
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

AGRADECIMENTOS:

À Gustavo Racca, orientador e grande exemplo, pela incansável companhia, confiança e amizade.

À Bernardo Soares, sempre presente ao longo de minha formação, pelas aulas, primeiro contato com o território e todo o apoio que foi dado.

À Claudio Ribeiro, por todo o envolvimento ao longo do desenvolvimento do trabalho e por todo o apoio e humanidade nas trocas e orientações.

À Universidade Pública, à FAU - UFRJ e à todos que estiveram ao meu lado ao longo dessa jornada.

Ao Ped, Charlie Brown, Victinho e Lucas Costa pelas entrevistas, conversas e discussões.

Aos meus irmãos pela tranquilidade e aos meus pais pelo apoio sempre.

À Marcela, Victor, André e Pedro, que me acompanharam nas visitas e diversos momentos de produção e fotos.

Aos grupos “Bem Vindos”, “Crepe” e “Vazção” por todas as discussões, trocas de ideia e, principalmente, risadas.

RESUMO

Este trabalho se debruça sobre o bairro de São Cristóvão, São Januário e a Favela Barreira do Vasco, na Zona Central do Rio de Janeiro. Parte de minhas experiências pessoais e se desenvolve ao redor das narrativas e memória daqueles que vivem e dão vida ao lugar em suas diversas esferas. Suas subjetividades e a transgressão das lógicas que limitam os espaços e os indivíduos.

Antes casa da Aldeia Indígena dos Tamoios -exterminada pelos portugueses em 1565-, o bairro de São Cristóvão foi fundado em 1627, junto à Igreja de São Cristóvão, à beira do mar na época. O local acumula diversos tempos em suas materialidades e histórias, desde sua configuração como Bairro Imperial em 1810, até sua consolidação como Bairro Industrial em 1889, junto à queda do Império. Nos conta a história do Rio de Janeiro e do Brasil.

Ao percorrer o lugar, tem-se como inquietação inicial a tensão na relação entre os *limites* (físicos ou não) e seu papel na construção de uma paisagem urbana onde os corpos são controlados, o verde é negado e a memória negligenciada. Mais importante que isso, observa-se, também, as maneiras encontradas pelas pessoas para aproveitar ao máximo o lugar, rompendo com as lógicas da terra na política urbana e criando e pulsando espaços de festa, coletividade e significado.

Nesse sentido, tendo a Praça Carmela Dutra, coração da Favela Barreira do Vasco, como modelo de um *espaço público como espaço político*, o trabalho atua em um recorte que inclui os Reservatórios do Morro do Pedregulho (1880), o Estádio São Januário (1927) e os galpões industriais da Rua Ricardo Machado (a partir de 1940, com a construção da Avenida Brasil). Sendo essas, infraestruturas urbanas que, quando interagem com os corpos do local, o fazem de maneira que nega a existência e o acesso delas. O estudo tem como objetivo incentivar o atravessamento dessas estruturas, compreendendo seus limites e as formas de transgressão já existentes e utilizadas e criadas pelos indivíduos.

“A festa é espaço de protagonismo das cidades negadas”

- Simas, 2020

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO

- 1.1 // LINHAS DO TEMPO E PROCESSO DE CONSTRUÇÃO;
- 1.2 // O LUGAR - CONTEXTO, VIDA E POLÍTICA
- 1.3 // A CIDADE NEGADA - ESPAÇOS COLETIVOS E PAISAGEM URBANA
- 1.4 // AS “ÂNCORAS” DE PROJETO

2 METODOLOGIA

- 2.1 // LIMITES, ARQUEOLOGIA URBANA E MATERIALIDADES ESTAMPADAS;
- 2.2 // EPISTEMOLOGIA DA EXISTÊNCIA - O MÉTODO ATRÁVES DA VIDA
- 2.3 // ESTUDOS DE CASO, REFERÊNCIAS E “ANTI-REFERÊNCIAS”

3 RESERVATÓRIOS DO MORRO DO PEDREGULHO

- 3.1 // INFRAESTRUTURA EXISTENTE E MEMÓRIA;
- 3.2 // OS LIMITES NOS RESERVATÓRIOS;
- 3.3 // TRANSGRESSÕES, EXPERIMENTAÇÕES E PREMISSAS;
- 3.4 // ESPACIALIDADES, ATRAVESSAMENTOS E DISPOSITIVOS;
- 3.5 // CENÁRIOS



**“A QUESTÃO DA TERRA É CENTRAL NA POLÍTICA URBANA, POIS ELA É
DOMINADA POR ESSE MERCADO RESTRITO, ELITISTA E ESPECULATIVO.
O POVO ACABA TENDO QUE SE VIRAR” (MARICATO, 2011)**





1 INTRODUÇÃO

RIO DE JANEIRO

SÃO CRISTÓVÃO



1.1 LINHAS DO TEMPO E PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO LUGAR

1565		EXTERMÍNIO DA ALDEIA INDÍGENA DOS TAMOIOS
1627		FUNDAÇÃO DA IGREJA DE SÃO CRISTÓVÃO (À BEIRA DO MAR)
1759		MARQUÊS DE POMBAL - EXPULSÃO DOS JESUÍTAS E DIVISÃO DAS TERRAS
1765		CRIAÇÃO DO HOSPITAL DOS LÁZAROS
1803		FUNDAÇÃO DA QUINTA DA BOA VISTA
1810		MUDANÇA EFETIVA DE D. JOÃO E FAMÍLIA REAL PARA A QUINTA DA BOA VISTA
1837		FUNDAÇÃO DO COLÉGIO PEDRO II
1850		PRÍNCÍPIO DA CRIAÇÃO DA COMISSÃO DE MELHORAMENTOS E DOS ATERROS
1880		CONSTRUÇÃO DOS RESERVATÓRIOS PARA ABASTECIMENTO DA CIDADE
1889		QUEDA DO IMPÉRIO - CONSOLIDAÇÃO DE S.C. COMO BAIRRO INDUSTRIAL
1898		FUNDAÇÃO DO CLUB DE REGATAS VASCO DA GAMA NO BAIRRO DA SAÚDE
1902		PEREIRA PASSOS - ATERRO DA ENSEADA DE S.C. E PRAIA FORMOSA
1924		"RESPOSTA HISTÓRICA" CONTRA O RACISMO E PRECONCEITO DE CLASSES
1927		FUNDAÇÃO DE SÃO JANUÁRIO - DOAÇÕES E MÃO DE OBRA VOLUNTÁRIA
1930		FUNDAÇÃO DA BARREIRA DO VASCO, TERRAS CEDIDAS POR GETÚLIO VARGAS
1940		CONSTRUÇÃO DA AVENIDA BRASIL
1943		VARGAS ASSINA A CLT EM SÃO JANUÁRIO LOTADO
1950		GRANDE PROCESSO MIGRATÓRIO E EVASÃO DA CLASSE MÉDIA PRA ZONA SUL
1952		CONSTRUÇÃO DO CONJUNTO RESIDENCIAL DO PEDREGULHO
1966		FUNDAÇÃO DO PAVILHÃO DE SÃO CRISTÓVÃO
1974		CONSTRUÇÃO DO ELEVADO PAULO DE FRONTIN E LINHA VERMELHA
2014		INÍCIO DAS OBRAS DO BRT TRANSBRASIL, AINDA NÃO CONCLUÍDAS



ENSEADA DE SÃO CRISTÓVÃO

1940

1930

1927

1952

1880

1974

1837

1966

1627

1765

1803

arth

1 km



CRESCIMENTO E PROGRAMAS RECENTES

2000 - OCUPAÇÃO DO “UGA-UGA”

Atualmente a parte mais crítica da Favela Barreira do Vasco. Foi ocupada pelas pessoas desalojadas após incêndio em Manguinhos. Seu nome é em homenagem à novela do mesmo ano. Abriga aproximadamente 200 pessoas e contrasta com os espaços de maior qualidade e com acesso a serviços básicos nas zonas mais à margem da favela.

2010-2016 - MORAR CARIOCA

Sendo a terceira fase do Programa Favela Bairro, iniciado em 1995 por Luiz Paulo Conde, tinha como objetivo integrar as favelas com o restante da cidade formal. Em 1990, o Favela-Bairro esteve presente na Barreira do Vasco, em algumas partes, com soluções para o saneamento básico. Atualmente, essas redes não suprem mais as necessidades da favela, que cresceu horizontalmente e, principalmente, verticalmente. Além disso, o Morar Carioca volta suas atenções para o Uga-Uga e a requalificação de espaços públicos do local. O Morar Carioca projeta sob um foco no olhar participativo, na escuta e envolvimento da comunidade.





SÃO CRISTÓVÃO - MEMÓRIA, DIVERSIDADE E ABANDONO

São Cristóvão é conhecido tanto como bairro imperial quanto como bairro industrial. No passado o Brasil foi governado por Dom João XVI do Paço Imperial, que é hoje o Museu Nacional, situado no bairro. Com a queda do Império, a função industrial do bairro se consolidou.

Atualmente, ao percorrer o território, o que se vê são marcas desse passado. A paisagem é formada pelas fachadas, muros e materiais da época. Dos sobrados e palacetes aos galpões e armazéns.

Por um lado, seus impactos na paisagem e no funcionamento do bairro são sentidos até hoje. Em parte pelo abandono e pelas grandes estruturas e terrenos subutilizados. Junto a isso, pedaços de rua mal iluminados, carros nas calçadas e grandes eixos murados. Por outro, essa diversidade e complexidade se apresentam como um repertório rico para a análise e estratégia projetual. Representa a história do Rio de Janeiro e do Brasil.

A nível peatonal, a experiência se vê prejudicada. Perde-se em segurança, espaços públicos e coletivos de qualidade, qualidade de vida e bem estar.



“Para Santos, o espaço pode ser considerado como uma totalidade, a exemplo da própria sociedade que lhe dá vida, e o tempo histórico é um dos elementos fundamentais para o entendimento desse espaço. A temporalidade representa os tempos pretéritos (formação socioespacial, rugosidade, periodização) e o tempo presente, onde o espaço pode ter objetos originados de tempos pretéritos, mas se inscrevem no presente devido a suas novas funções sociais desempenhadas”

DA SILVA, 2009 p. 02





Ainda sobre o caráter industrial do bairro, podemos nos deparar com diversos terrenos e espacialidades que nos remetem a esse ápice da industrialização. Grande parte deles vazia e sem uso. Se, segundo Maricatto, a questão da terra é dominada pelo mercado restrito, elitista e especulativo, há de se questionar e buscar estratégias que vão ao desencontro do que ocorreu com a Fábrica Sabão Português, às margens da Avenida Brasil.

Onde havia projetos para o programa Minha Casa Minha Vida ou para uma nova Cidade do Samba, surge um Assaí Atacadista.

Da demolição, permaneceu somente a chaminé, elemento tombado. Letreiros e diversos outros elementos que contam a história do Brasil e do bairro foram abaixo junto à construção do atacadista, que remete a um shopping center com seu caráter de *não lugar* de Koolhaas (1995).



Em uma cidade onde há a necessidade de transformações na Avenida Brasil e um déficit habitacional grosseiro, a construção de um atacadista, da forma como foi feita, voltada para automóveis e ao rodoviarismo, negando o território que ocupa, se apresenta como uma derrota do poder público e uma grave alteração na paisagem do local.

CONSTRUÇÃO DE SÃO JANUÁRIO E DA BARREIRA DO VASCO

Se Mello e Vogel entendem as cidades como “verdadeiros sistemas de memória”, é preciso compreender que memórias são essas e de quem são elas.

Neste trabalho busco, a partir de conversas e memórias pessoais, entender o conjunto de subjetividades, e como funciona o imaginário do local a partir da experiência e história de diversas pessoas.

A partir do percurso e inquietações preliminares, considero as narrativas de pessoas que representam grupos que frequentam ou moram no local.

São eles: o torcedor, o ambulante/flanelinha, o morador da Barreira do Vasco, o morador do Pedregulho e o trabalhador.

Além disso, as diversas materialidades estampadas no local e as transformações na paisagem também servem de insumos para o projeto e a criação de atravessamentos e contradições desejadas.



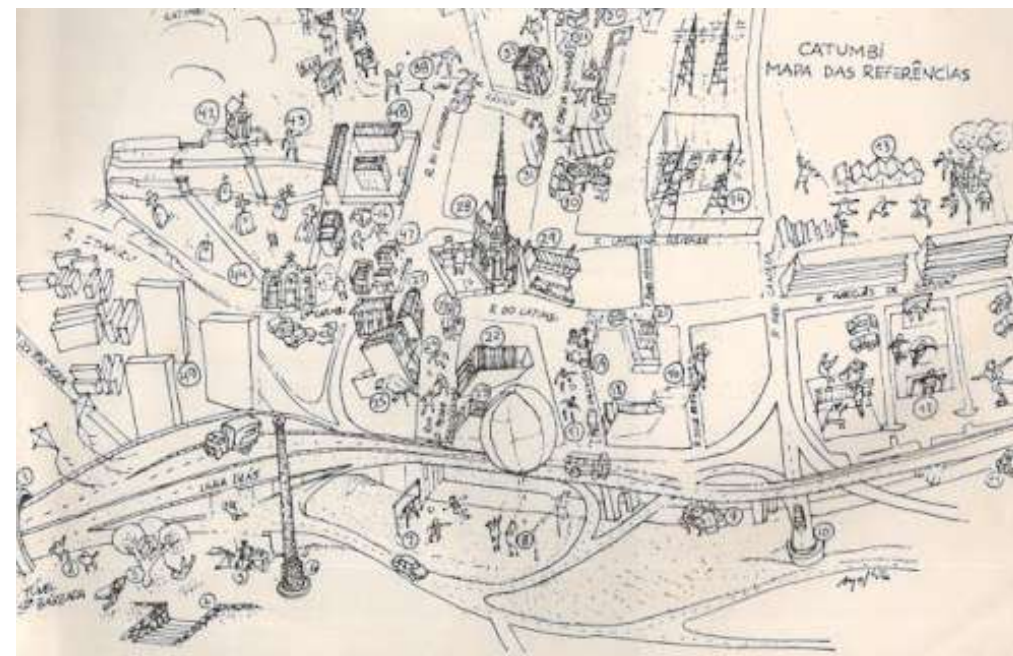


1.2 O LUGAR

No trabalho, busco ler e compreender o lugar conforme o livro “Quando a Rua vira Casa” (1980), de Ferreira dos Santos e Vogel, e as ilustrações do cotidiano e da diversidade de Orlando Mollica.

Entende-se que, um território complexo como São Cristóvão, São Januário e Barreira do Vasco vai muito além de suas vias, tipologias e índices, assim como o bairro do Catumbi, também na Zona Central do Rio de Janeiro.

Ao estar no lugar, sentado em um banco da praça Carmela Dutra, na Barreira do Vasco, por exemplo, o repertório de atividades, relações e subjetividades é infinito e seu valor, imensurável. O mesmo se aplica aos botequins presentes, aos vendedores ambulantes e seus instrumentos de trabalho/locomoção, aos campinhos e quadras e a qualquer espaço ou elemento espacial que seja dotado de grande valor e significado para a comunidade que experimentam o lugar. Questões essas que acompanharam a escolha do recorte territorial deste trabalho e que estarão presentes até sua conclusão.



FERREIRA DOS SANTOS, Carlos Nelson e VOGEL, Arno (1985)

MAPA DE REFERÊNCIAS



01 - ANTIGA FÁBRICA SABÃO PORTUGUÊS - ATUAL ASSAÍ
02 - PRAÇA UGA UGA
03 - ELEVADO PAULO DE FRONTIN
04 - BRT ABANDONADO
05 - PRAÇA CARMELA DUTRA
06 - ESQUINAS DA BARREIRA DO VASCO
07 - GALPÃO DA AMBEV E VIZINHO ABANDONADO
08 - MOTO TÁXI DA BV
09 - COLEGIO ESTADUAL

10 - BARES DA TORCIDA DO VASCO
11 - CAMPINHO
12 - ESTÁDIO SÃO JANUÁRIO
13 - ENTRADA ARQUIBANCADA
14 - CONJUNTO RESIDENCIAL DO PEDREGULHO
15 - QUADRINHA DA ESQUINA
16 - CALÇADÃO DA GENERAL ALMÉRIO
17 - FEIRINHA DE FRUTAS
18 - RESERVATÓRIOS

A PRAÇA CARMELA DUTRA: O ESPAÇO PÚBLICO COMO ESPAÇO POLÍTICO

Neste trabalho busco, a partir da compreensão dos limites e subjetividades do lugar, potencializar o poder da rua e do espaço público como espaço político. Lugar de festa, conflitos, manifestações e transgressões.

“O meio urbano é e tem de ser contraditório [...] a tensão nele é condição necessária e suficiente e, sobretudo, desejável de existência” (FERREIRA DOS SANTOS, 1985)

Nesse sentido, entendendo o saber popular e o cotidiano como um dos principais frutos para a elaboração de projeto, há de se entender esses conflitos e, principalmente, suas rupturas.

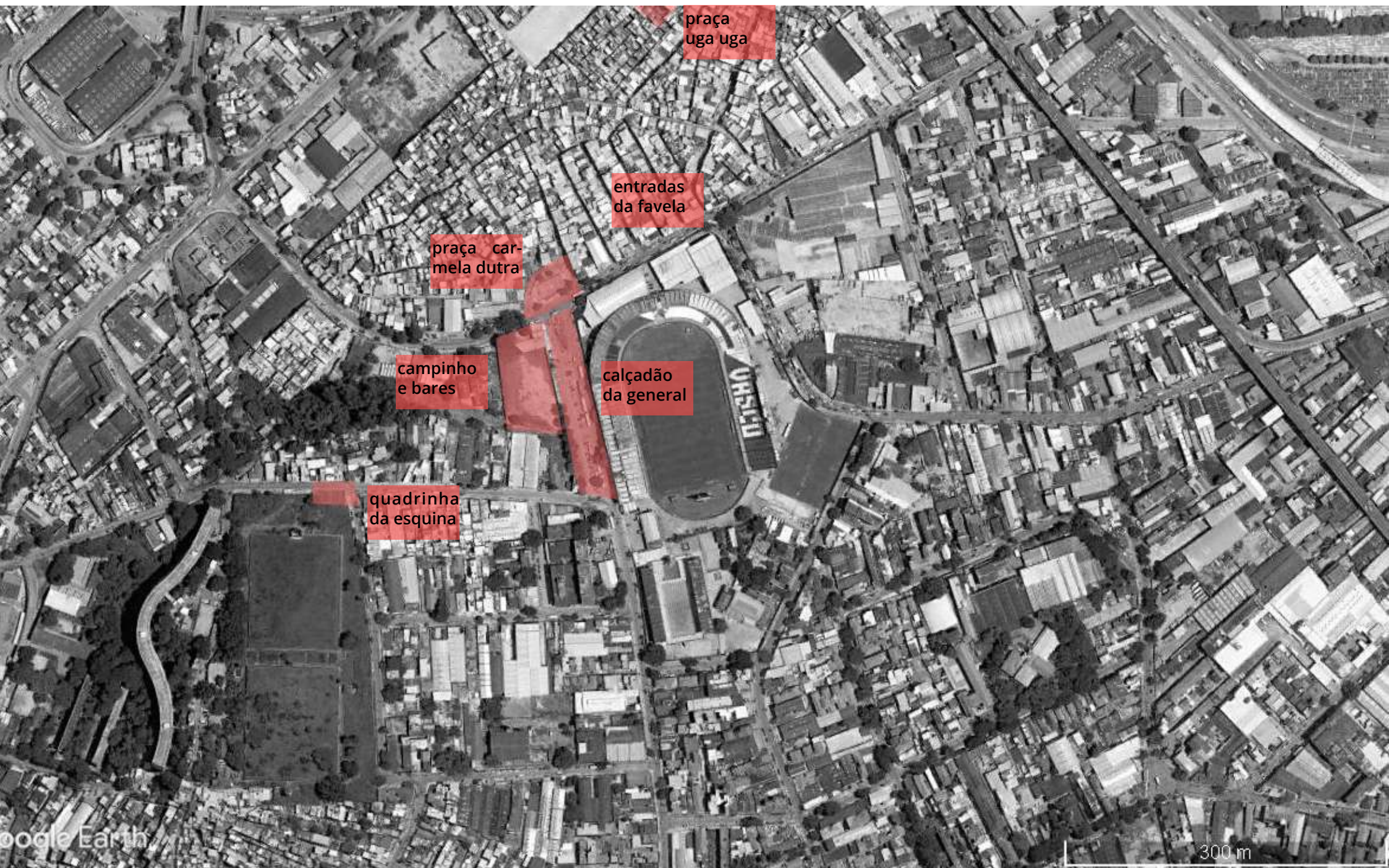
Além disso, entender como se ocupam as ruas, as redes de compartilhamento, as mobilizações populares e manifestações.







ESPAÇOS DE MANIFESTAÇÃO DO COLETIVO







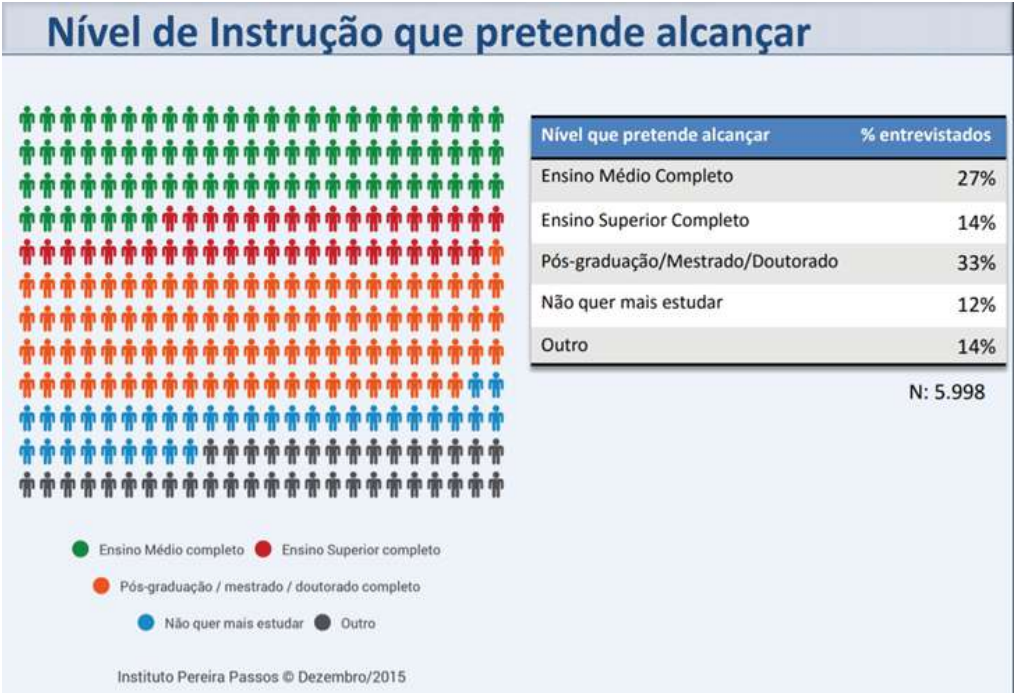
EDUCAÇÃO, RESISTÊNCIA, OPRESSÃO

Estar ali, no território, por si só, já é um ato político. A força da rua, da Praça Carmela Dutra e da relação entre os moradores é notável.

A preocupação com as crianças, com a educação e cultura também, e isso se reflete em dados. Segundo pesquisa de 2015 do IPP, um terço dos entrevistados pretende alcançar a pós graduação, mestrado ou doutorado. A maioria das crianças estuda na Escola Municipal João Camargo, às margens da Praça Carmela Dutra.

Além disso, segundo Andréa Costa, professora assistente do departamento de estudos e processos museológicos e da Escola de Museologia da UNIRIO, o Museu Nacional tinha uma característica particular de atrair, dentro de seu público total, aproximadamente 50% de pessoas de baixa renda. Dentro deles, grande parte vindo da região estudada. “Temos comunidades nas proximidades, como a de São Cristóvão, a Mangueira, o morro do Tuiuti e a Barreira do Vasco. Além disso, o acesso é facilitado por estações de ônibus e trem.”.

Com o incêndio do Museu Nacional em 2018, quais espaços são oferecidos para os moradores da Barreira do Vasco e São Cristóvão? Como trazer aspectos e espaços da Quinta da Boa Vista e Museu Nacional para mais perto ainda da Barreira do Vasco, facilitando o uso de crianças durante a semana?





“A Barreira nunca foi das mais perigosas. Antes da UPP, os tiroteios muitas vezes eram causados pela ação da polícia, que fazia incursões em horários impróprios, com trabalhadores e crianças nas ruas. Na lógica dos traficantes que trocavam tiro com a polícia – considerada inimiga – eles não defendiam a boca de fumo, e sim a comunidade.

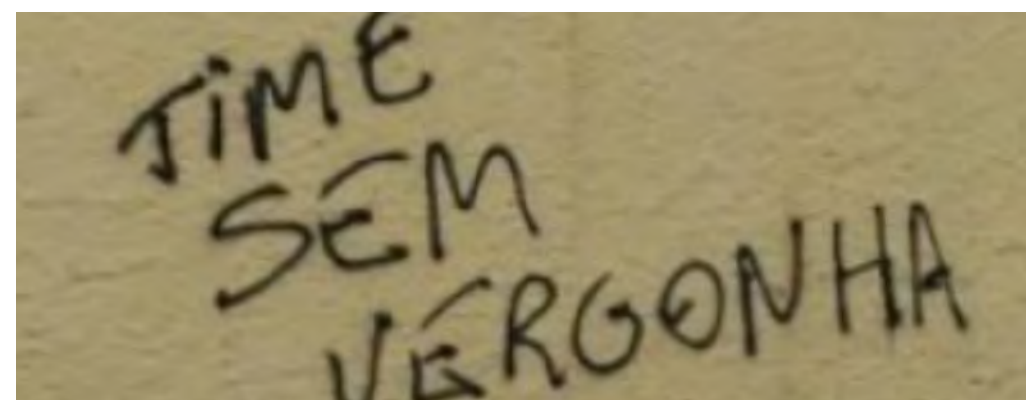
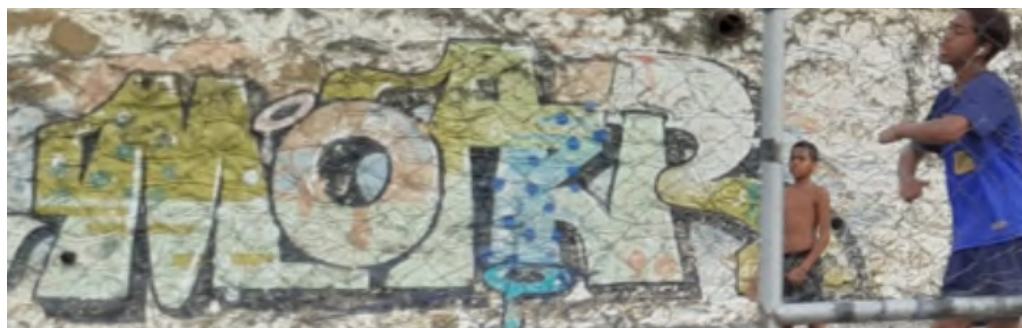
O auge da violência na guerra de facções foi nos anos 90. Bem antes disso, o tráfico na Barreira era independente, mas, pressionado, aderiu ao Comando Vermelho, assim como Tuiuti, Arará e Mangueira, enquanto o Caju, do outro lado da Avenida Brasil, passou a ser controlado pelo Terceiro Comando e pela ADA.”

MURILO, Paulo, Nas Entranhas da Barreira. 2015

RUPTURAS, ATRAVESSAMENTOS E MANIFESTAÇÕES

Ao observar o território e se baseando em Maricatto, em 2011, ao dizer que o povo acaba tendo que se virar frente à cidade que lhes é negada, é preciso entender que rupturas conquistadas são essas, O terreno murado do Campinho sendo utilizado para festivais de forró e soltar pipa; um recorte dos reservatórios sendo destinado a uma quadra e a movimentação que gera comércio e segurança em volta; a Praça Carmela Dutra e seu papel fundamental para a comunidade. Não só para o territorial, essas manifestações materializam também pautas do cotidiano e dos conflitos presentes no território.





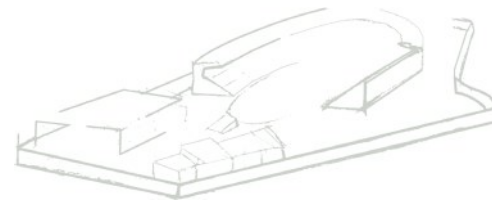
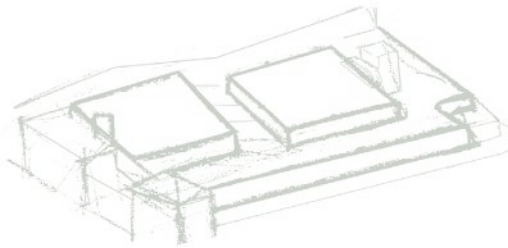
PRIMEIRAS PERCEPÇÕES: ÂNCORAS DE PROJETO

Entende-se as âncoras como elementos de um sistema de fixação, aquilo que impacta na paisagem e no cotidiano do território estudado de maneira que atrai maior inquietação.

Ao percorrer o lugar, levando em consideração a tensão e manifestação dos corpos, os impactos na paisagem e a presença de memória, três espacialidades se apresentam como âncora, sendo elas:

**OS RESERVATÓRIOS DO PEDREGULHO;
O ENTORNO DO ESTÁDIO SÃO JANUÁRIO;
OS GALPÕES INDUSTRIAIS ABANDONADOS**

Neste trabalho, entendo esses elementos como um só. Um sistema, podemos dizer, no que tange a problemática da escassez de espaços coletivos, qualidade peatonal, negação da cidade à seus moradores e configuração de uma paisagem agressiva e que limita os corpos e os olhares.



RESERVATÓRIOS DO PEDREGULHO





100 m



Um dos elementos provedor de maior inquietação é, sem dúvidas, o reservatório do Pedregulho. Construído em 1880 para solucionar a crise hídrica da cidade, é composto por duas caixas, a alta e a baixa, que possuem entre si diferença de nível de 3m. O terreno, de aproximadamente 290 x 145m, ou quase 43.000m², representa um espaço murado, negado à cidade e negador da cidade.





O local murado é desconhecido por muitos que frequentam ou moram na região.

Se apresenta como um espaço de contradições e contrastes. Ao lado de um dos maiores ícones da Arquitetura Modernista Brasileira, temos o maior espaço “livre” e verde do entorno, porém inacessível. Com a alteração dessa lógica, poderiam-se melhorar a qualidade de vida, a renda e opções de lazer e esporte dos moradores da região.

Por quê até hoje não há “nada” neste espaço?







ESTÁDIO SÃO JANUÁRIO





APOSENTOS DO CLUBE E ENTORNO IMEDIATO

- 1** BAR GUERREIROS DO ALMIRANTE
- 2** PONTO DE MOTO TAXI
- 3** ENTRADA ARQUIBANCADA "3"
- 4** QUIOSQUES E MURO
- 5** ENTRADA SOCIAL
- 6** LOJA C.R.V.G.
- 7** PARQUE AQUÁTICO
- 8** CENTRO DE ATLETAS
- 9** ENTRADA ARQUIBANCADA "5"
- 10** CAMPO ANEXO - TREINO
- 11** GINÁSIO
- 12** ESCOLA VASCO DA GAMA
- 13** GINÁSIO E ESTACIONAMENTO



Se Mello e Vogel entendem as cidades como “verdadeiros sistemas de memória”, é preciso compreender que memórias são essas e de quem são elas.

Neste trabalho busco, a partir de conversas e memórias pessoais, entender o conjunto de subjetividades, e como funciona o imaginário do local a partir da experiência e história de diversas pessoas.

A partir do percurso e inquietações preliminares, considero as narrativas de pessoas que representam grupos que frequentam ou moram no local.

São eles: o torcedor, o ambulante/flanelinha, o morador da Barreira do Vasco, o morador do Pedregulho e o trabalhador.

Além disso, as diversas materialidades estampadas no local e as transformações na paisagem também servem de insumos para o projeto e a criação de atravessamentos e contradições desejadas.



A imagem ao lado mostra a Barreira ainda inabitada, com o Estádio São Januário já concluído e sendo utilizado. Sem dúvidas, essa se apresenta como uma das principais relações do lugar. Concluído em 1927, tendo como pontapé a exclusão do clube da Associação Metropolitana de Esportes Athleticos sob a justificativa de não ter um estádio próprio, sua construção é fruto de arrecadação popular e trabalho voluntário. Esta justificativa, ainda, surge após outro empecilho imposto pela AMEA, que condicionou a participação do Vasco na Associação à exclusão de doze de seus jogadores da competição, todos negros e operários. O documento, de 1924, onde o clube se posiciona contra o racismo e elitismo é conhecido como “Resposta Histórica”, e visto como um dos mais importantes troféus da história da instituição. O estádio,

Até poucos anos atrás, o clube abria suas portas para os moradores da Barreira do Vasco no final de semana aproveitarem as piscinas e outros aposentos. Atualmente isso não acontece mais. Tem sua fachada neocolonial tombada pelo IPHAN e tem, também, reconhecidos seus valores históricos, culturais, esportivos e sociais.



Três anos após a conclusão do estádio, é fundada a Barreira do Vasco, quando o presidente Getúlio Vargas cede terras à igreja católica para a construção de habitação e barracos, além da atuação em serviço social, saúde e outras formas de assistência. A princípio, vilas proletárias para receber, temporariamente, famílias expulsas de suas casas em favelas da zona sul da cidade. O nome é "Barreira do Vasco" por conta de uma barreira que possibilitava a construção dos barracos, lidando com os mangues. Hoje, a favela conta com aproximadamente 20.000 moradores. Boa parte familiares de pessoas da região Nordeste que migraram para trabalhar nas obras da Avenida Brasil.



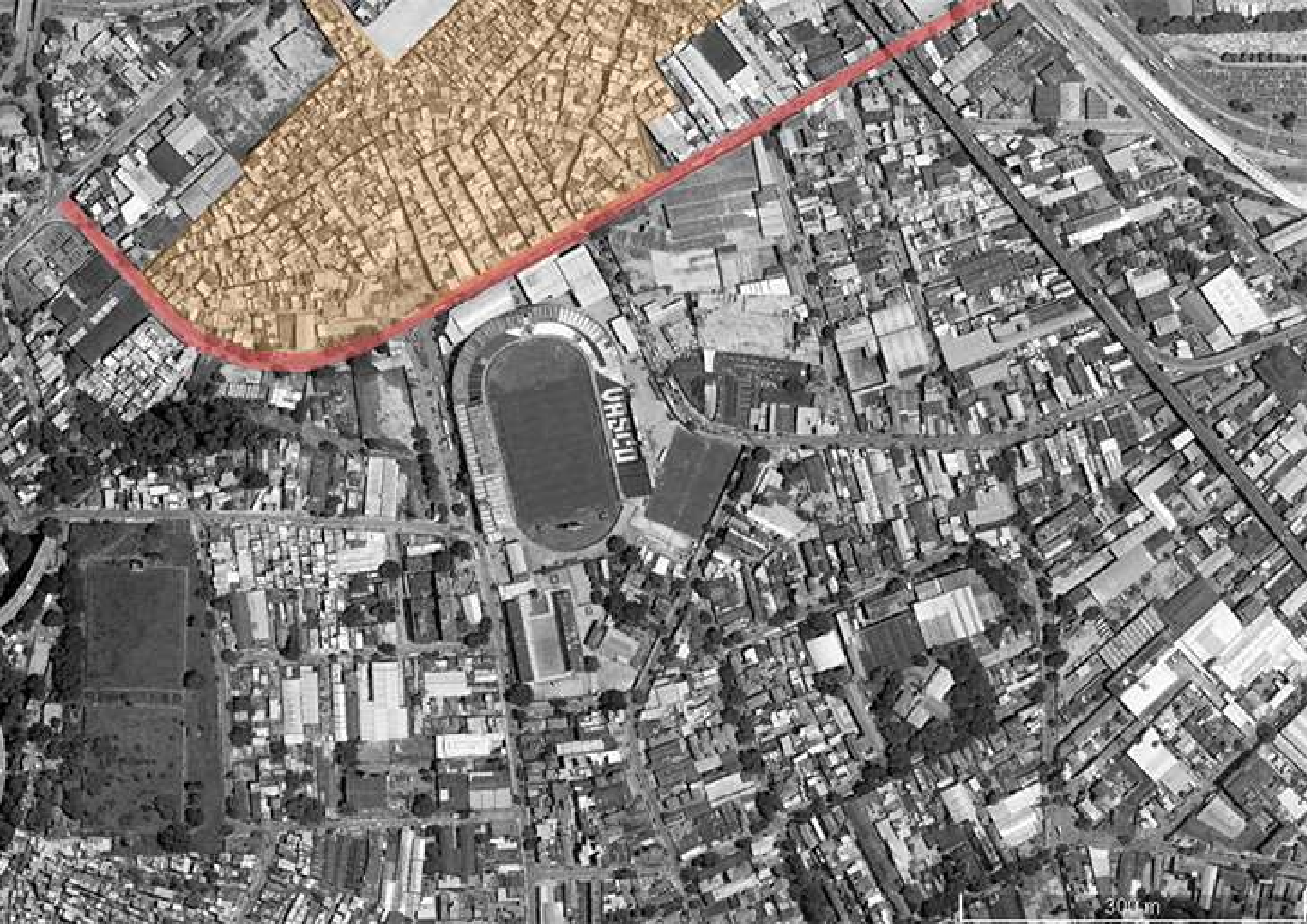
Apesar da pauta racial e da lutas de classe estar sempre presente ao longo da história da instituição (lá foi assinada a CLT, por Vargas, em 1943) e em diversas das ações que promove atualmente, ainda se pode perceber algumas incoerências.

Se, por um lado, na entrada para a arquibancada social, temos a fachada Neocolonial projetada por Ricardo Severo, que tratamento foi dado às outras entradas? Para Simas (2009), o futebol é a metáfora da vida, transcendendo o aspecto do jogo e se transformando, também, em uma metáfora sobre as relações dos homens e sociedade. Sendo assim, que conclusões podemos tirar a partir da discussão decolonial presente nos dias de hoje e da observação do entorno atual do estádio e das pautas social e racial presentes no histórico do clube?



RUA RICARDO MACHADO E GALPÕES INDUSTRIAIS





1.3 A CIDADE NEGADA - ESPAÇOS COLETIVOS E PAISAGEM

As questões de limite e acesso se apresentam como umas das principais problemáticas do lugar. A presença e repetição de elementos e arquiteturas que proíbem e tentam controlar os corpos, somada ao descaso do poder público e da especulação imobiliária do setor privado, configuram espacialidades e gestos agressivos aos moradores e aos que percorrem o território.

A maior parte dos moradores não tem conhecimento do que acontece nestes terrenos. Se tem, na maioria dos casos não os adentraram com seus próprios corpos ou os viram, por trás dos muros e portões, com seus próprios olhos. Como resultado disso se tem uma noção de cidade incompleta, marcada pelos borrões e pelo desconhecido. A cidade negada se caracteriza, também, por uma baixa diversidade de usos e atividades e pela escassez de espaços públicos e coletivos de qualidade.

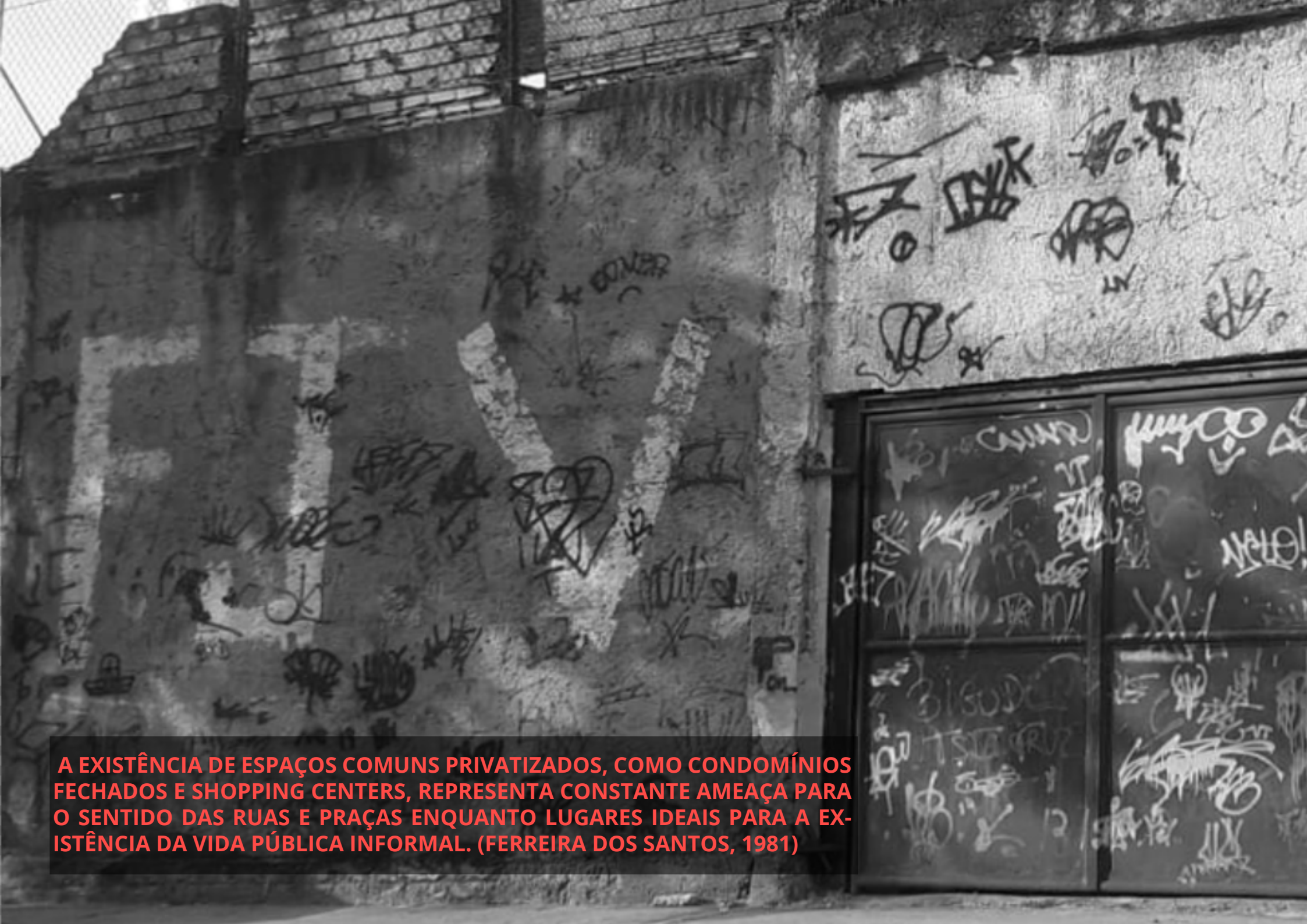
Se a Praça Carmela Dutra, na Barreira do Vasco, floresce com suas diversas formas de manifestação e apropriação, por que não há mais espaços assim? Existe uma demanda para lugares assim e de maior qualidade. Há espaços subutilizados ou vazios urbanos que deveriam ser aproveitados e pensados para o bem coletivo dos moradores do território. Essa necessidade, existência e força se manifestam a partir dos corpos que dão vida e uso a esses lugares ao transgredir as questões de controle de limite e acesso.





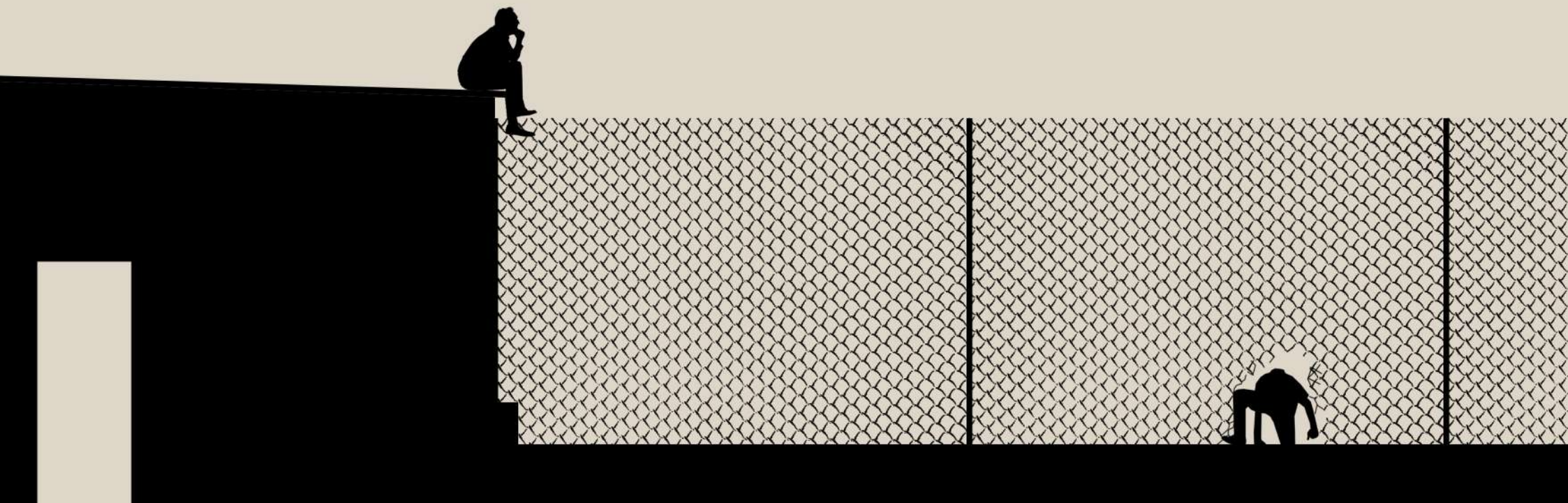
A CIDADE DESCONHECIDA



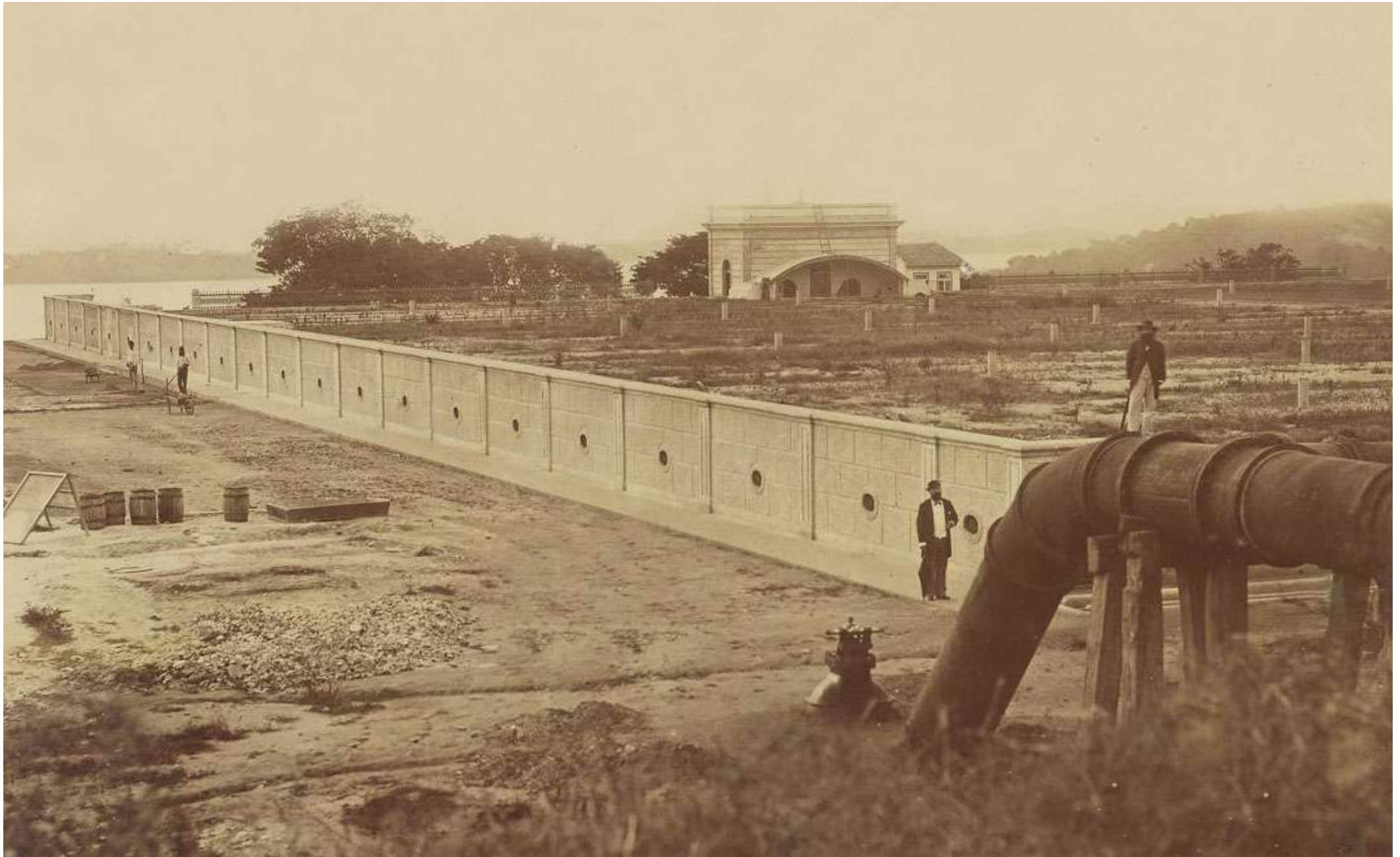


A EXISTÊNCIA DE ESPAÇOS COMUNS PRIVATIZADOS, COMO CONDOMÍNIOS FECHADOS E SHOPPING CENTERS, REPRESENTA CONSTANTE AMEAÇA PARA O SENTIDO DAS RUAS E PRAÇAS ENQUANTO LUGARES IDEAIS PARA A EXISTÊNCIA DA VIDA PÚBLICA INFORMAL. (FERREIRA DOS SANTOS, 1981)

2 METODOLOGIA



2.1 LIMITES, ARQUEOLOGIA URBANA E MATERIALIDADES ESTAMPADAS



LIMITES

Ao percorrer e permanecer nos arredores de São Cristóvão, São Januário e Barreira do Vasco, percebe-se que a construção da paisagem e muitas das relações e dinâmicas são pautadas por fechamentos e, principalmente, suas aberturas e rompimentos.

Busco, neste trabalho, não somente compreender o espaço a partir de seus **limites físicos, sociais e simbólicos**. Sob uma análise inicial a partir de seu caráter **físico-espacial**, entendem-se “como Elementos lineares constituídos pelas **bordas de duas regiões distintas**, configurando quebras lineares na continuidade. [...] **sem permeabilidade à circulação**.” (LYNCH, 1960)

Junto a isso - e principalmente -, busca-se o estudo dos limites sob seu caráter **social e subjetivo**. As chamadas “**Fronteiras Invisíveis**” e como o território é moldado e entendido a partir das pessoas, suas narrativas e dos acontecimentos. O que é **absorvido, criado e o que é negado**.

Por fim, **questionar esses limites** e aprender com o **cotidiano** do território as lógicas de **atravessamento e rompimento** deles.



ARQUEOLOGIA URBANA

Se a formação da paisagem não se constitui somente de elementos físicos, é preciso ir além para compreender as inquietações e o que floresce no local. Faz parte do processo também a inclusão da **memória**, das mudanças, das **relações interpessoais** e do que compõe o **imaginário** do território. Sob uma lógica de **escavação** do que fica nas **entrelinhas** do espaço público, das relações entre as pessoas, das ruas, becos e vielas.

Mello e Vogel definem “Arqueologia Urbana” como “Uma investigação sobre o meio urbano segundo uma perspectiva arqueológica. Considerando as cidades como “verdadeiros **sistemas de memória**”, em **incessante tensão e transformação**”. Além disso, não se trata somente de compreender o cotidiano mas, também, “a respeito dos sonhos e da imaginação, das **artes do fazer e do viver de uma sociedade**” (OLIVIERI, 2007)

Nesse sentido, as narrativas, tensões, conflitos e contradições compõem uma rica fonte de conhecimento urbano e base para o sucesso da elaboração e fortalecimento de um **espaço público - político**. Do futebol, da mesa de bar, da pipa e das manifestações. Neste trabalho, entende-se “**a rua como antídoto**” (FERREIRA DOS SANTOS, 1966)



figura 08: netvasco.com.br



figura 09: foto do autor



MATERIALIDADES ESTAMPADAS

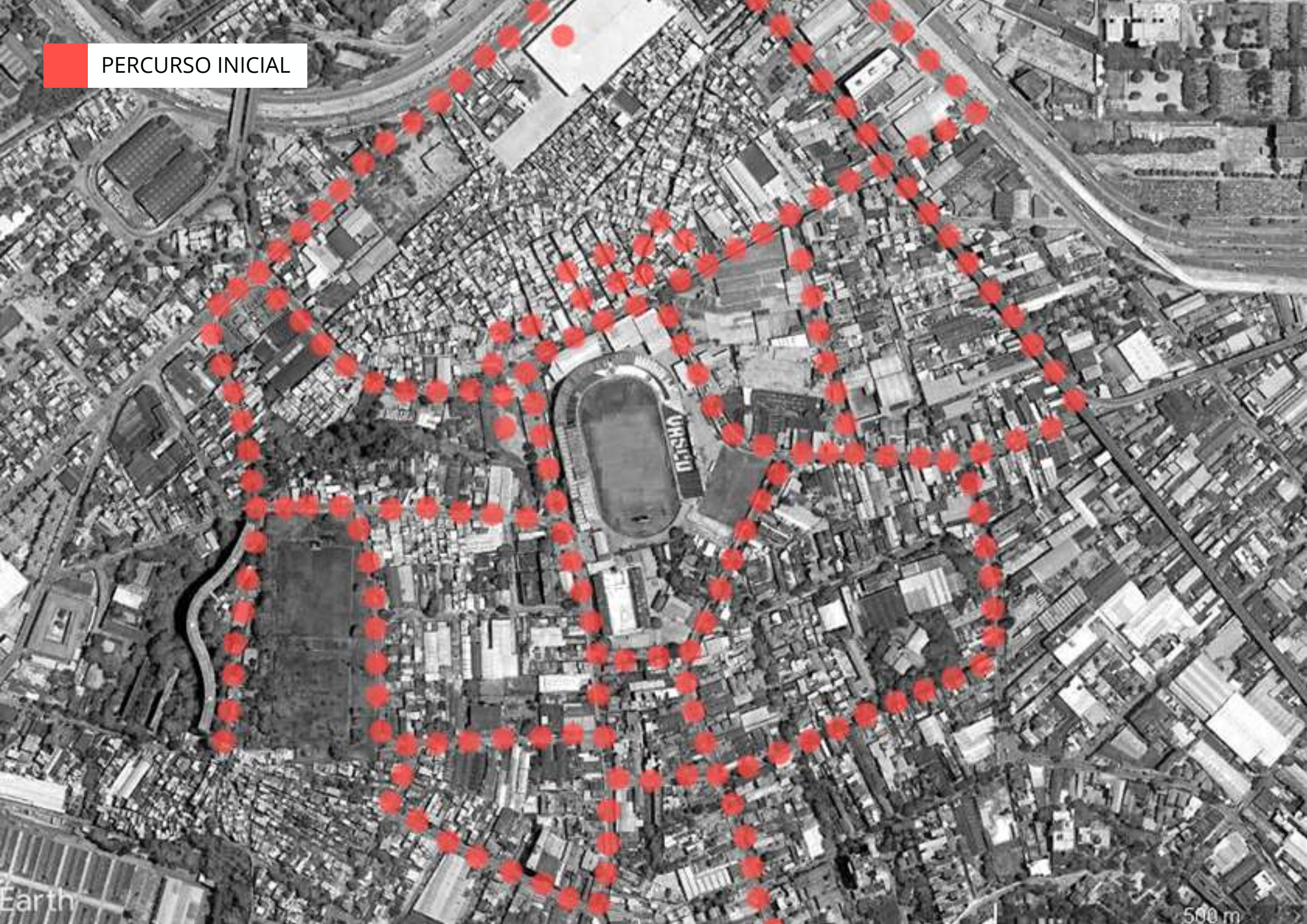
Entende-se como materialidades estampadas o conjunto desses *limites* com a linguagem percebida a partir da escavação e compreensão das múltiplas camadas conforme a *arqueologia urbana*. Ou seja, o resultado imagético e subjetivo do que compõe a imagem e a paisagem urbana em São Cristóvão, São Januário e Barreira do Vasco.

As cicatrizes e marcas no território, consequentes e enfatizadas pelas redes de memórias e eventos que compõem seus espaços abandonados, segregados, e as manifestações populares e culturais ali presentes.

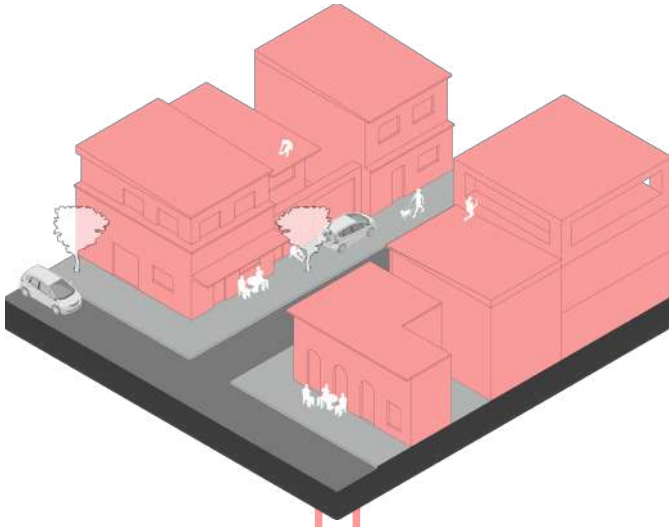
Nesse sentido, o recorte/área de atuação deste trabalho busca um conjunto no qual esses elementos, junto às narrativas das pessoas, proporcionam maior inquietação e demonstram maior potencial de transgressão e atravessamento. Então, aproveitar essas potencialidades para a elaboração de um ensaio projetual preliminar.



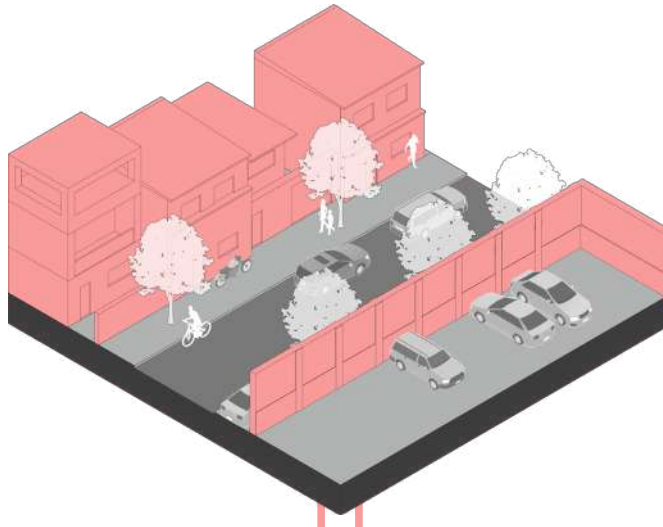
PERCURSO INICIAL



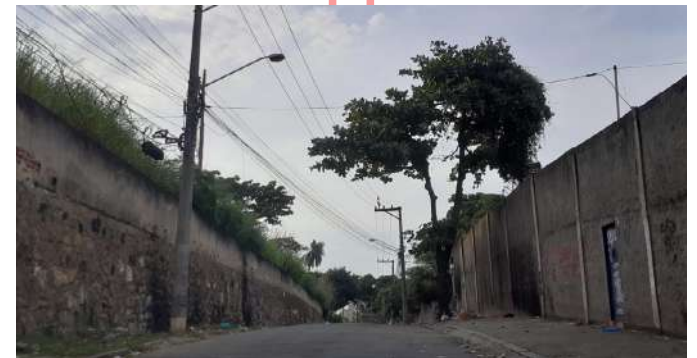
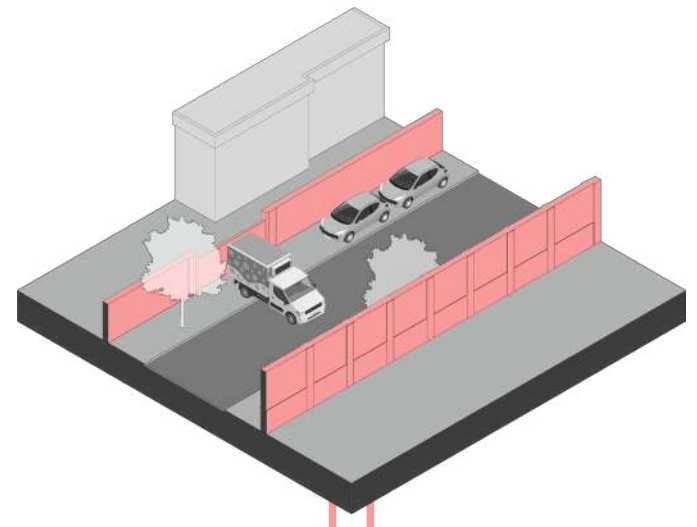
CASA - CASA

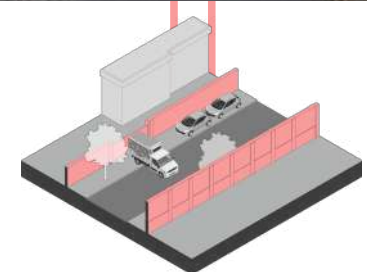
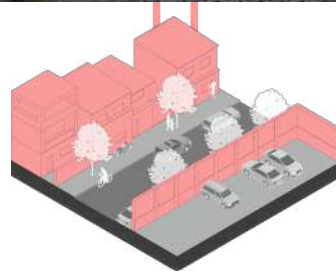
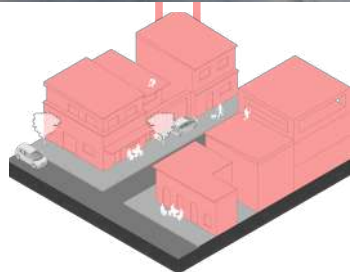


CASA - MURO



MURO - MURO





CASA - CASA

CASA - MURO

MURO - MURO





**O COTIDIANO, COM SUA INEVITÁVEL MISTURA, COM SUAS COMBINAÇÕES COMPLEXAS, VARIÁVEIS E CAMBIANTES, DEVIA SER A VERDADEIRA FONTE E O FOCO DO CONHECIMENTO URBANO”
(FERREIRA DOS SANTOS E VOGEL, 1981)**

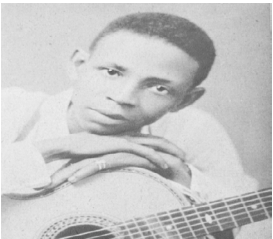
2.2 EPISTEMOLOGIA DA EXISTÊNCIA: O MÉTODO ATRAVÉS DA VIDA



AS NEBULOSAS QUE SE FORMAM E SE TRANSFORMAM, QUE NÃO SÃO FIXAS NO TEMPO OU NO ESPAÇO, MOSTRAM MOVIMENTOS SISTÊMICOS, TRANSGEOGRÁFICOS E, MUITAS VEZES, SINCRÔNICOS OU MESMO ANACÔNICOS DE IDEIAS ENTRE DETERMINADOS CIRCUITOS DE PENSAMENTO URBANÍSTICO. FORMAM, AS PRÓPRIAS NEBULOSAS, DIFERENTES NARRATIVAS A PARTIR DE REDES DISTINDAS - DE INTERCÂMBIO, MAS TAMBÉM DE DISPUTA.

JACQUES, PAOLA BERESTEI E PEREIRA, MARGARETH (2018)

O IMAGINÁRIO DO LUGAR



Quem trabalha é que tem razão
Eu digo e não tenho medo de errar
O Bonde São Januário
Leva mais um operário
Sou eu que vou trabalhar.

ATAULFO ALVES , O BONDE DE SÃO JANUÁRIO, 1940



São muitos anos de glórias, enriquecendo
a história, do esporte bretão.
Vasco da Gama, banii o preconceito, em nome do
direito, dando razão a razão

NELSON SARGENTO , CASACA CASACA



Leva lá no Pedregulho que você conserta isso por
menos de 30 reais

TAXISTA APÓS BATER NO CARRO EM QUE EU ESTAVA,
2019



"[...] ia pisar a soleira da porta de sua casa, numa rua
afastada de São Januário. [...] Não era feio o lugar, mas
não era belo. Tinha, entretanto, o aspecto tranqüilo e
satisfeito de quem se julga bem com a sua sorte"

O TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA,
LIMA BARRETO (1911)



A comunidade cresceu muito para cima e não deram
aquele fortalecimento em baixo no esgoto, na água, e
sofremos com a deficiência de água e a deficiência no
esgoto. Quando chove, as vezes, tem pontos aqui que
ficam intransitáveis".

SIDESIO DOS SANTOS, VICE PRESIDENTE DA ASSO-
CIAÇÃO DE MORADORES, PARA RIOONWATCH, 2013



INDIVÍDUOS, SEUS RELATOS E SUBJETIVIDADES

Neste trabalho tenho o cotidiano, o informal, o subjetivo e o imaginário como os maiores provedores de frutos para o projeto. Nesse sentido, é necessária a escuta, conversa e aproximação das narrativas das pessoas que o experimentam.

O IMAGINÁRIO DO LUGAR, AS NARRATIVAS E AS CONVERSAS.

Sob um método que busca não uma análise rígida, por formulários ou entrevistas, mas sim recuperar as conversas que eram possíveis em um cenário pré-pandêmico, entro em contato com algumas dessas pessoas, abordando cartografias, fotos e selecionando memórias. Neste momento, são elas:

Um morador da Barreira do Vasco, com família no local;

Um morador do Pedregulho, que passou grande parte de sua vida no mesmo;

Um guardador/ambulante que aproveita as diversas dinâmicas do recorte para fazer sua renda;

Um funcionário do Vasco da Gama que, em parte de seu trajeto, anda todos os dias da passarela 3 da Avenida Brasil até o Estádio São Januário.



VITINHO

23, morador da Ricardo Machado, Barreira do Vasco

boas memórias:

- pracinha, campinho e bar da GDA;
- clube do vasquinho (festas);
- o estádio em si e as esquinas da favela

possibilidades:

- alguma parte aberta ao redor do estádio. Livre trânsito, prática de esportes etc;
- talvez poderia ser feito um supermercado no terreno do Campinho;
- acho que a parte pior aproveitada é nas ladeiras entre São Januário e Pedregulho. Ali os galpões estão completamente abandonados e as ruas servem somente de estacionamento.
- a melhor parte pra comércio e serviços é na Barreira, onde as pessoas cuidam das ruas e dos espaços. Queria poder ver mais moradores abrindo comércios em volta do estádio

problemas:

- "O maior problema pra mim com a questão dos muros e abandonos é a demonstração da falta de cuidado do poder público com os moradores. Acredito que isso atraia um medo das pessoas de vir para cá, a região fica mais sinistra."

- Pouco transporte público

futebol:

- É vascaíno e gostaria de ver a pauta racial e social se materializando nos projetos de São Januário.



"A parte de melhor comércio e serviços é na Barreira. Tem muito mais vida do que nos outros lugares."

"gosto muito do entorno da pracinha, com comércio, bares e bastante gente sempre

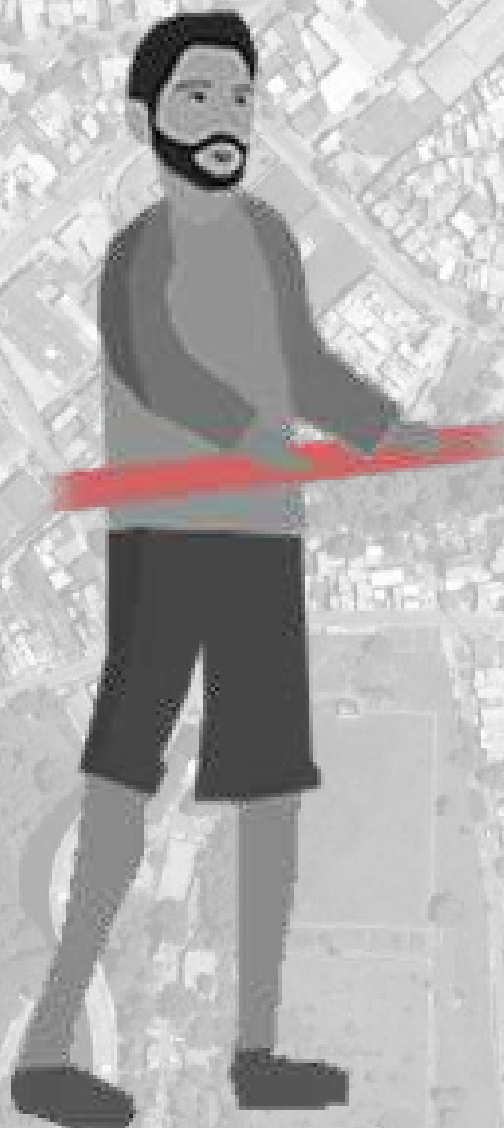
"Queria uma parte mais aberta ao redor do estádio, que desse pra circular e andar bem."

"A parte mais mal aproveitada são as ladeiras entre São Januário e o Pedregulho. Vários galpões abandonados."

"Esses muros dão medo nas pessoas que vêm pra cá. Deixam as ruas mais sinistras"



PED



26, morador do “minhocão”,

boas memórias:

- o edifício em sí;
- C.E. Olavo Bilac;
- escolinha de judô no Vasco

bons espaços públicos:

- na barreira em geral
- na praça e entorno
(maior comércio, crianças etc)

problemas da rotina:

- ladeira e excassês de transporte público;
- pouca iluminação nas ruas e insegurança nos limites dos reservatórios;
- grande volta que tinha que dar no reservatório para chegar em outros pontos. do bairro.

outras questões:

- a praça que mais frequentava era a Argentina, porém não havia muito o que fazer;
- fogo nos matos do reservatório em épocas de seca - poluição e perigoso.
- os reservatórios incomodavam muito alguns moradores, por conta da vista obstruída para a Baía de Guanabara.

o futebol:

- muito presente na praça Carmela Dutra, sempre cheia de crianças e atividades;
- torcedor do Vasco, porém tinha maior ligação com o clube antigamente.



a movimentação na Barreira e na praça é muito maior, com as crianças, equipamentos pra malhar e bastante comércio



"minha maior identificação com o clube foi na época que eu fazia judô lá"



"Tenho pouca informação desse reservatório. As vezes o matagal dele pegava fogo. Era muito grande e você não conseguia atravessar ele, tinha que dar uma volta enorme"

"Era bonito ver a vida animal, os saguis e algumas cobras"

"Era escuro, os motoristas de uber sempre ficavam com bastante medo aqui."



75m 150m



CHARLIE BROWN



35, flanelinha e ambulante,
morador do Tuiuti.

“torcedor do Vasco nos dias de
jogos em São Januário. Nos out-
ros, torcedor do Flamengo.”

boas memórias:

- soltar pipa no campinho;
- confraternizações na “general”

bons espaços públicos:

- “pracinha”
- bagunça na calçada


problemas:

- sempre correndo;
- divisão das vagas nas ladeiras;
- entorno de SJ engarrafado.

outros:

- conhece todos os cantos do ter-
ritório;
- nunca foi ao Pedregulho;
- quando o jogo começa, aproveita
pra descansar e “fazer um extra” ven-
dendo algumas coisas;
- sempre utiliza o moto-taxi que fica
na esquina do estádio em dias nor-
mais.





"Ali no campinho tem um furdução bom às vezes. Dá pra se divertir e conhecer gente. Antigamente o negócio lá era soltar pipa. Ainda vou voltar lá pra isso com a galera"

"Se alguém vier te enchendo o saco pra guardar o carro, é só falar que tá com o Charlie Brown que todo mundo respeita. Beleza?"

"pra vocês eu faço por 10 reais, mas não conta pra ninguém não, patrão."



COSTA



28, funcionário do crvg,
morador da ilha,
torcedor do vasco.

boas memórias:

- bares perto da praça,
- aposentos do clube.

bons espaços públicos:

- pracinha da esquina,
- feira e festas na general

fortalecimento comunitário:

- entradas um pouco mais largas da favela e esquininhas, com pula-pula e brinquedos;
- ações entre o clube e moradores da favela

problemas da rotina:

- caos da av. brasil até s.j.;
- mau cheiro, urina, poluição visual, sonora e do ar;
- muito estreito, muros, carros e caminhões na calçada e saindo dos depósitos;

entorno:

- não conhece o pedregulho nem os reservatórios;
- deseja uma reforma do entorno do estádio, sem muros;
- detesta o caminho entre av. brasil e praça carmela dutra.



"Nas entradas da favela era onde eu mais via as pessoas se divertindo e interagindo. As vezes colocavam pula-pula e outros brinquedos."



"Essa rua (Ricardo Machado) me irrita até hoje. Cheia de muros, xixi, caminhões saindo de depósitos, carros na calçada e muito trânsito. Poluição em todos os sentidos."



"Os moradores da Barreira e de São Cristóvão se juntavam muito na feirinha de sexta feira a tarde/noite. Bijuterias, cerveja e confraternizações diversas."



"Sobre os aposentos do clube, esse é o lado de menor aproveitamento. O campo anexo não tem medidas oficiais e as quadras de basquete servem quase como depósitos."



CONJUNTO DE MEMÓRIAS

"Ali no campinho tem um furdunço bom às vezes. Dá pra se divertir e conhecer gente. Antigamente o negócio lá era soltar pipa. Ainda vou voltar lá pra isso com a galera"

a movimentação na Barreira e na praça é muito maior, com as crianças, equipamentos pra malhar e bastante comércio

"Nas entradas da favela era onde eu mais via as pessoas se divertindo e interagindo. As vezes colocavam pula-pula e outros brinquedos.

"A parte de melhor comércio e serviços é na Barreira. Tem muito mais vida do que nos outros lugares."

"Sobre os aposentos do clube, esse é o lado de menor aproveitamento. O campo anexo não tem medidas oficiais e as quadras de basquete servem quase como depósitos."

"Essa rua (Ricardo Machado) me irrita até hoje. Cheia de muros, xixi, caminhões saindo de depósitos, carros na calçada e muito trânsito. Poluição em todos os sentidos."

"gosto muito do entorno da pracinha, com comércio, bares e bastante gente sempre

"Os moradores da Barreira e de São Cristóvão se juntavam muito na feirinha de sexta feira a tarde/noite. Bijuterias, cerveja e confraternizações diversas.""

"minha maior identificação com o clube foi na época que eu fazia judô lá"

"pra vocês eu faço por 10 reais, mas não conta pra ninguém não, patrão."

"Queria uma parte mais aberta ao redor do estádio, que desse pra circular e andar bem."

"Esses muros dão medo nas pessoas que vêm pra cá. Deixam as ruas mais sinistras"

"Tenho pouca informação desse reservatório. As vezes o matagal dele pegava fogo. Era muito grande e você não conseguia atravessar ele, tinha que dar uma volta enorme"

"A parte mais mal aproveitada são as ladeiras entre São Januário e o Pedregulho. Vários galpões abandonados."

"Se alguém vier te enchendo o saco pra guardar o carro, é só falar que tá com o Charlie Brown que todo mundo respeita. Beleza?"

"Era bonito ver a vida animal, os saguis e algumas cobras"

"Era escuro, os motoristas de uber sempre ficavam com bastante medo aqui."

CONJUNTO DE MEMÓRIAS

"Ali no campinho tem um furdunço bom às vezes. Dá pra se divertir e conhecer gente. Antigamente o negócio lá era soltar pipa. Ainda vou voltar lá pra isso com a galera"

a movimentação na Barreira e na praça é muito maior, com as crianças, equipamentos pra malhar e bastante comércio

"Nas entradas da favela era onde eu mais via as pessoas se divertindo e interagindo. As vezes colocavam pula-pula e outros brinquedos.

"A parte de melhor comércio e serviços é na Barreira. Tem muito mais vida do que nos outros lugares."

"Sobre os aposentos do clube, esse é o lado de menor aproveitamento. O campo anexo não tem medidas oficiais e as quadras de basquete servem quase como depósitos."

"Essa rua (Ricardo Machado) me irrita até hoje. Cheia de muros, xixi, caminhões saindo de depósitos, carros na calçada e muito trânsito. Poluição em todos os sentidos."

"gosto muito do entorno da pracinha, com comércio, bares e bastante gente sempre

"minha maior identificação com o clube foi na época que eu fazia judô lá"

"Os moradores da Barreira e de São Cristóvão se juntavam muito na feirinha de sexta feira a tarde/noite. Bijuterias, cerveja e confraternizações diversas.""

"Queria uma parte mais aberta ao redor do estádio, que desse pra circular e andar bem."

"pra vocês eu faço por 10 reais, mas não conta pra ninguém não, patrão."

"Esses muros dão medo nas pessoas que vêm pra cá. Deixam as ruas mais sinistras"

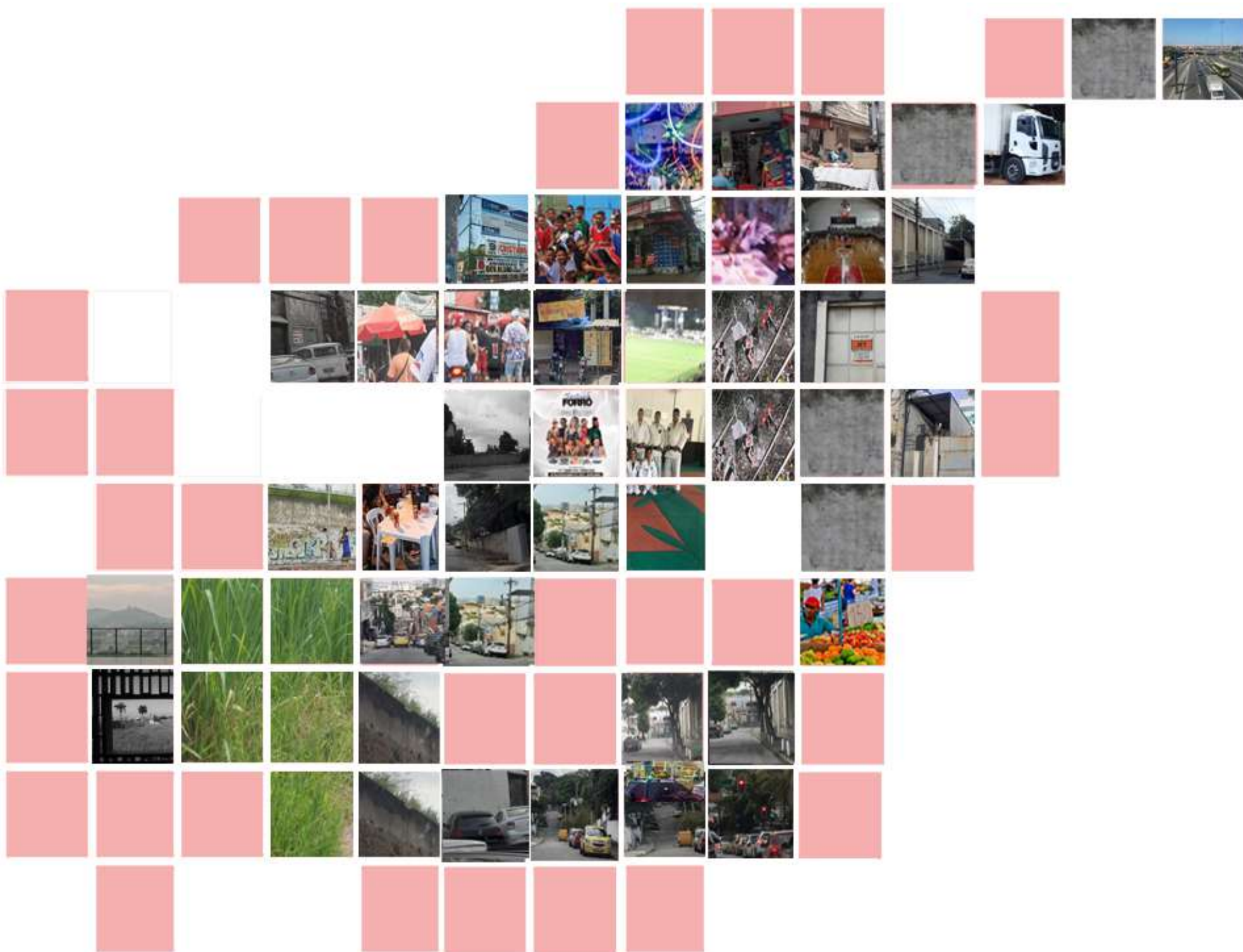
"Tenho pouca informação desse reservatório. As vezes o matagal dele pegava fogo. Era muito grande e você nao conseguia atravessar ele, tinha que dar uma volta enorme"

"A parte mais mal aproveitada são as ladeiras entre São Januário e o Pedregulho. Varios galpões abandonados."

"Se alguém vier te enchendo o saco pra guardar o carro, é só falar que tá com o Charlie Brown que todo mundo respeita. Beleza?"

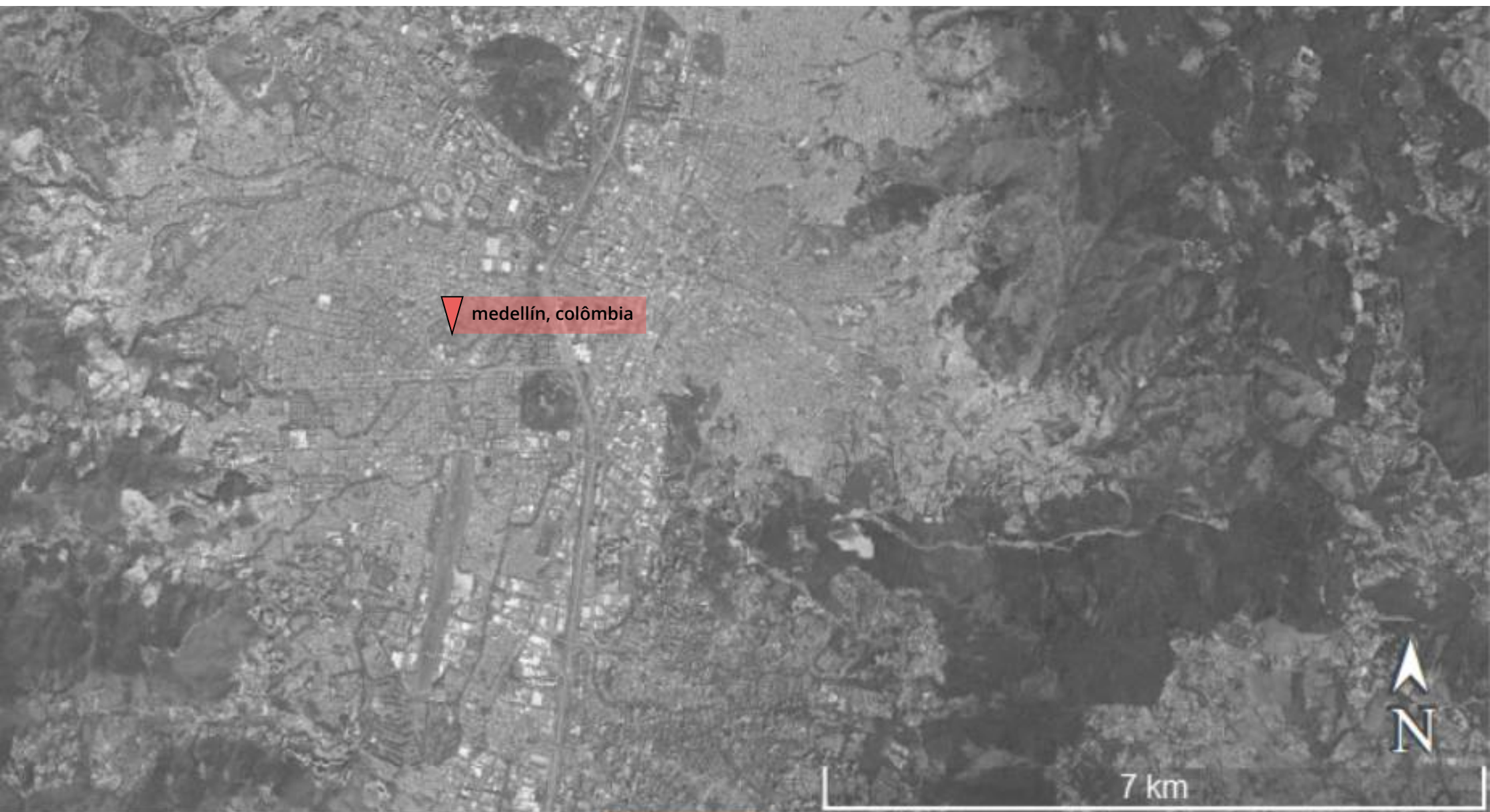
"Era bonito ver a vida animal, os saguis e algumas cobras"

"Era escuro, os motoristas de uber sempre ficavam com bastante medo aqui."





2.3 ESTUDO DE CASO, REFERÊNCIAS E “ANTI-REFERÊNCIAS”



UNIDAD DE VIDA ARTICULADA

Ao longo da experiência de morar por um ano em Medellín, na Colômbia, pude experimentar, circular e observar os projetos das UVA's. Com uma lógica parecida com a dos reservatórios do Pedregulho, eram espaços residuais, cercados por uma malha urbana adensada ao seu redor. Sempre em favelas e lugares mais altos das cidades, por questões logísticas do fornecimento, os reservatórios de Medellín seguem funcionando e fornecendo água a seus moradores.

Como quem questiona sobre para quem a cidade deveria ser projetada e pensada, a Empresa de Desenvolvimento Urbano de Medellín abre concursos para transformar esses espaços em equipamentos voltados a cultura, esporte e educação.

Se nestes quesitos elas cumprem muito bem suas funções, outro fato notável é como essas unidades ativam as comunidades nas quais estão inseridas. A rua se transforma, as crianças dão vida aos lugares e o comércio prospera. Em seus diversos programas, há a presença de creches e orfanatos, diversas quadras, praças molhadas e mirantes.



UVA de la Imaginación – Medellín



UVA de los Sueños – Medellín



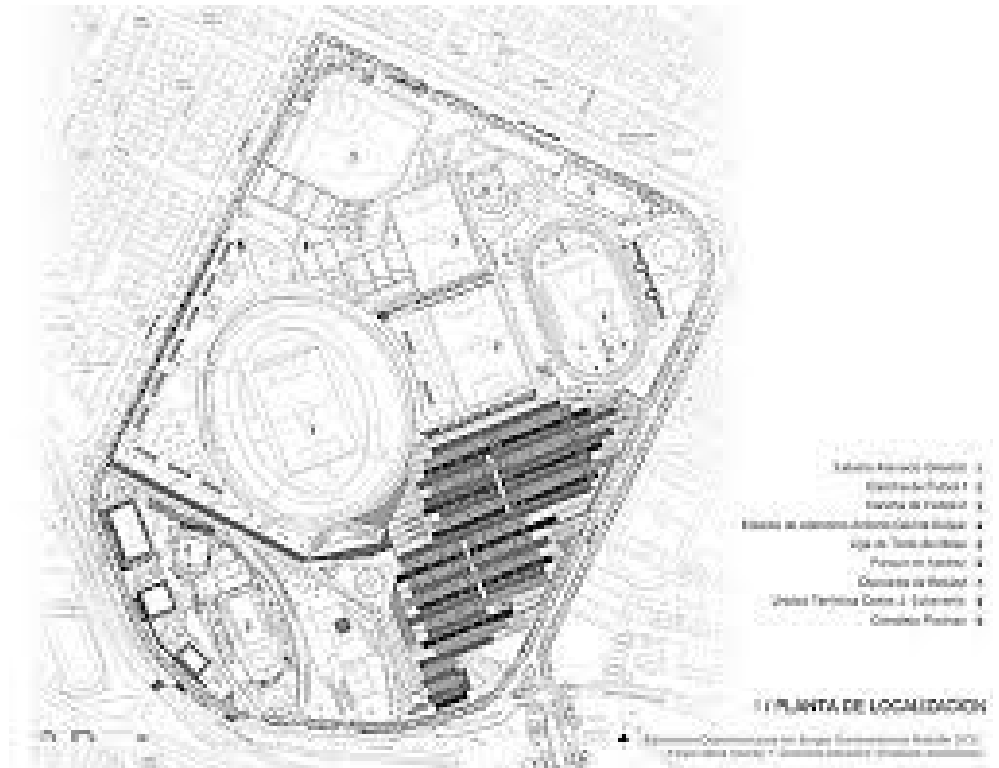
Além disso, tive a oportunidade de viver muitos desses meses ao redor do estádio Atanásio Girardot. Se configura como um equipamento que trás qualidade de vida, segurança, saúde e lazer aos moradores.

Seu entorno é movimentado todos os dias e horários da semana, independente de haver partidas de futebol ou não.

Com diversas quadras, escolinhas, marquizes e locais abertos, há a prática de musculação, ciclismo, danças e outras diversas atividades.

Uma das principais qualidades do projeto do complexo é sua permeabilidade. Tanto espacial quanto visual. As relações aberto-fechado e público-semipúblico são muito bem definidas. As quadras de escolinha tem acesso reservado, se encontram em outro nível, porém iluminam o entorno e podem ser observadas por conta de seus fechamentos vazados. Além disso, há a entrada e saída constante de alunos.

Apesar de fragmentada, mantém sua unidade a partir da linguagem arquitetônica e das marquises. A unidade abraça diversos tipos de atividades e público, o que a torna dinâmica, viva e segura.

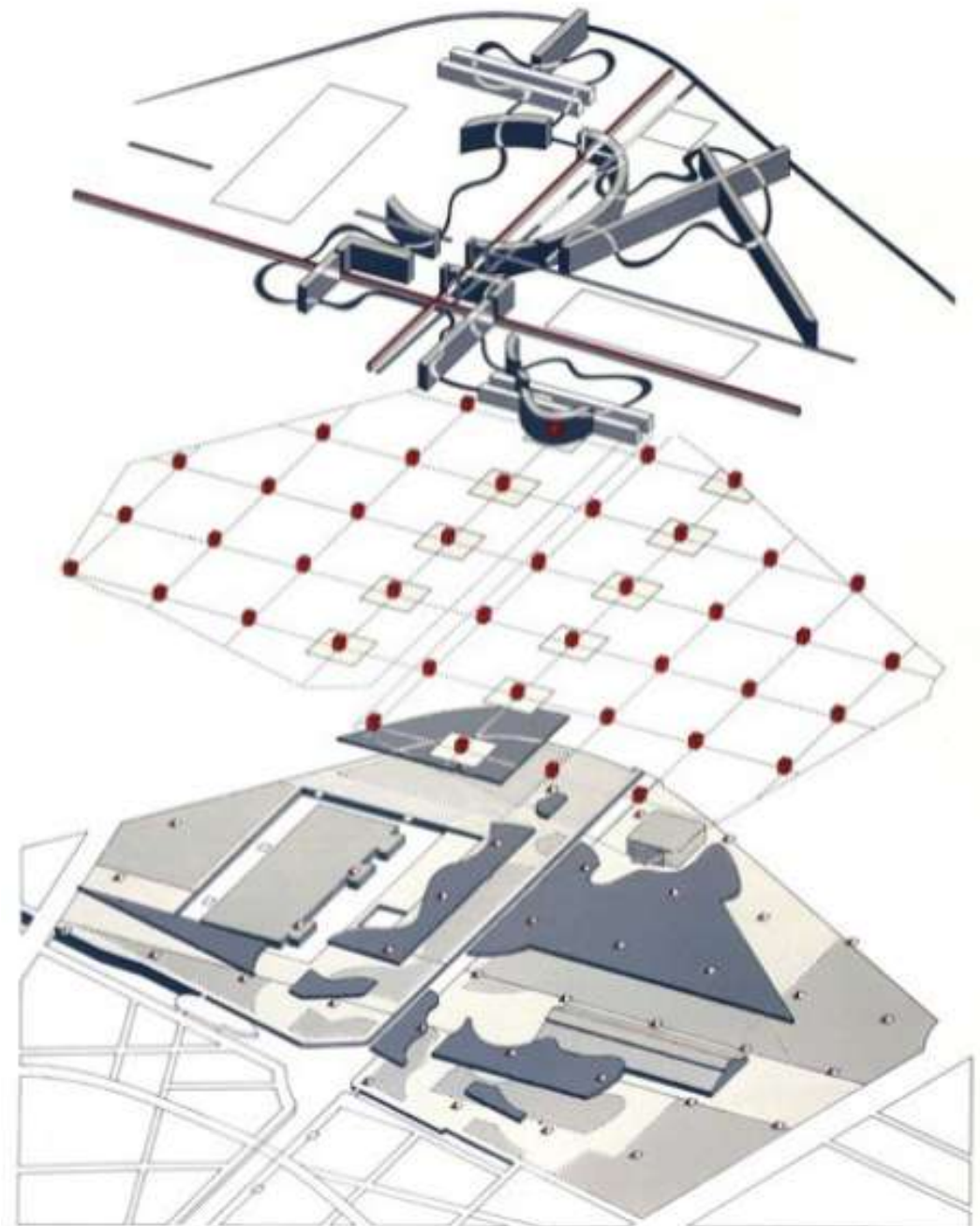


PARC DE LA VILLETTE - PARIS, FRANÇA

"Embora cada ponto seja único e formalmente distinto, não há um programa designado, mas somente um espaço que pode abrigar atividades. Apenas recentemente alguns deles foram convertidos em restaurantes, escritórios e centros de informação.

Só quando o indivíduo se depara com um ponto ou um jardim, a escala é reduzida e ele é capaz de reorientar-se dentro do contexto mais amplo do parque."

Souza, Eduardo. "Clássicos da Arquitetura:
Parc de la Villette / Bernard Tschumi"



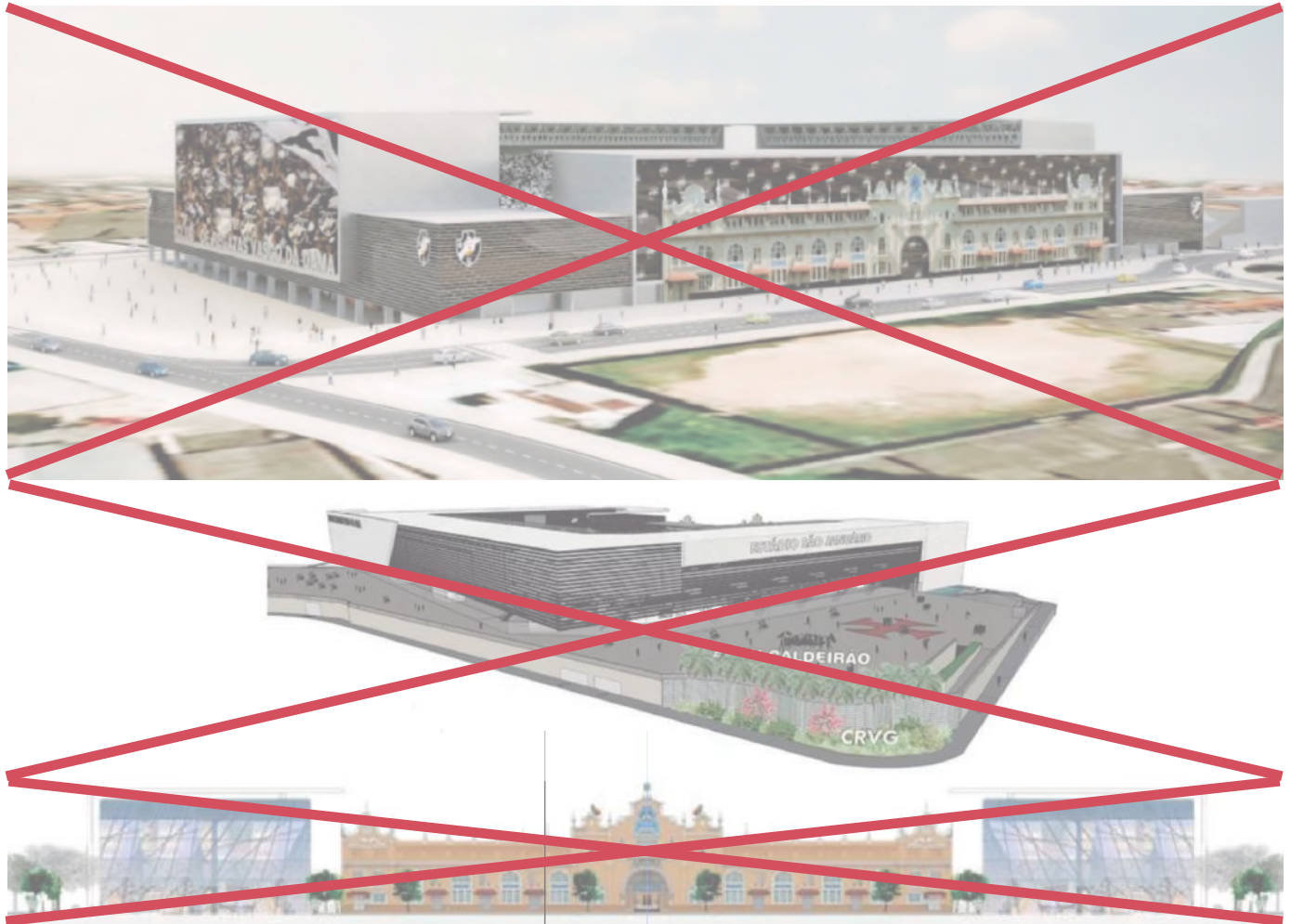
“ARENALIZAÇÃO” E AS “ANTI REFERÊNCIAS”

Se, por um lado, a possibilidade de reforma de São Januário e seu entorno parece interessante e anima a muitos, por outro, há sempre um medo do lugar perder sua essência e se tornar “mais do mesmo”, uma arena qualquer. As transformações em arenas, a exemplo do Novo Maracanã, apagam o passado e tornam do lugar, “mais do mesmo”. Quase que um shopping center, um não lugar. Nesse sentido, é preciso haver muito cuidado ao propor as intervenções.

“O Corpo Encantado das Ruas” reúne uma coleção de ensaios que exaltam a rua como o espaço de encontro - que, constata o autor, vem perdendo, ao longo dos anos, uma disputa para a lógica que entende as vias das grandes cidades como mero lugar de passagem. [...] o desgosto ao observar o desaparecimento dos pequenos comércios, a substituição do antigo estádio Maracanã pela atual arena elitizada (e embranquecida), o avanço da perseguição aos templos de religiões afro-brasileiras e o descaso do Estado que, para citar só um exemplo, não evitou que o Museu Nacional ruísse em cinzas no incêndio de 2018.”

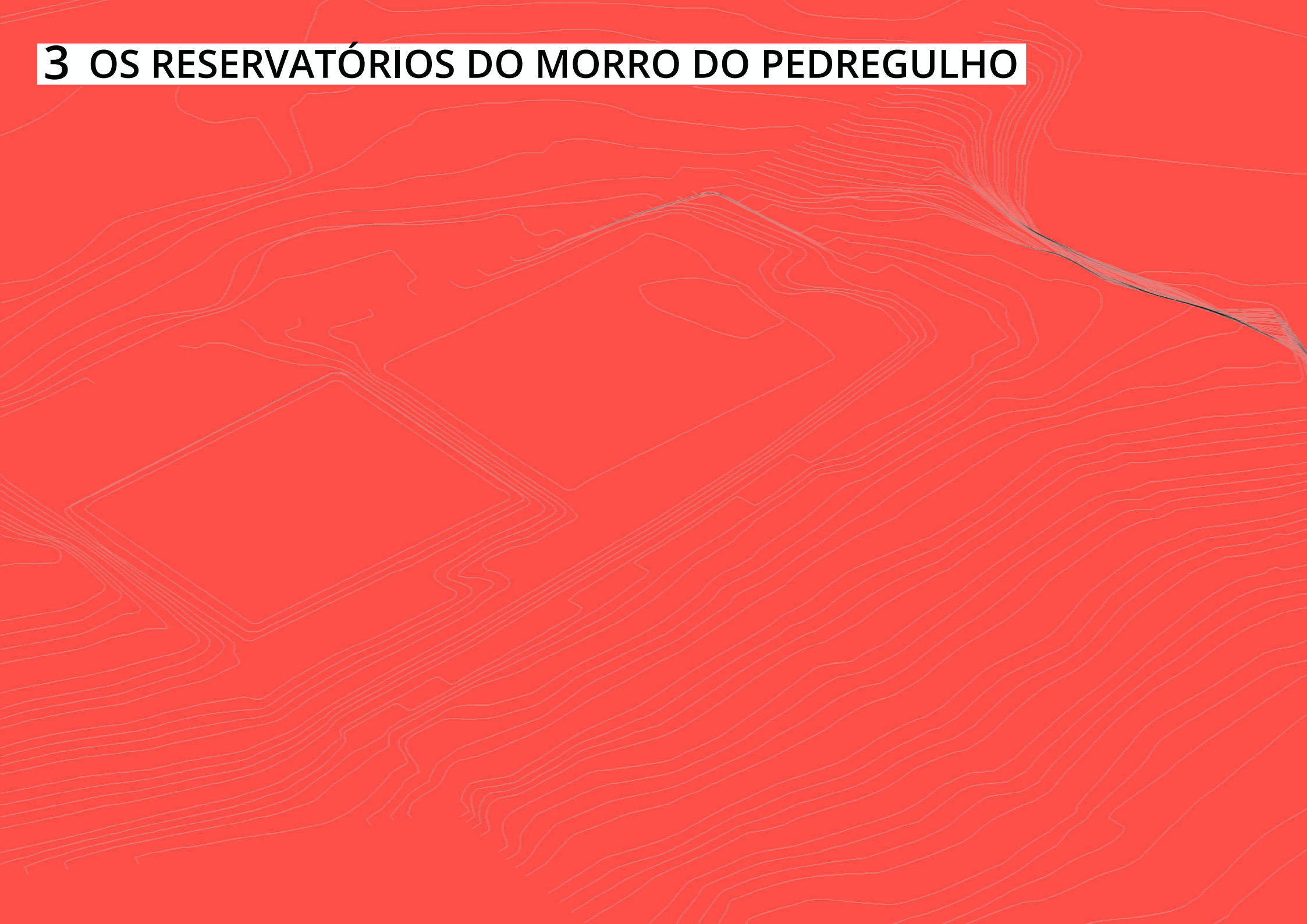
(RAMIRO ZWETSCH, 2020,
SOBRE O LIVRO “O CORPO ENCANTADO DAS RUAS, DE LUIZ ANTONIO SIMAS)

Nos últimos anos acompanhando o Club de Regatas Vasco da Gama, me deparei com diversos projetos para o estádio. A grande maioria ignora o entorno (nas próprias imagens) ou a paisagem do local. Intervenções agressivas e que vão em desacordo com o que acredito como arquitetura e urbanismo de qualidade. Dessas “anti-referências”, surgem inquietações que me levaram ao presente tema de Trabalho Final.



Esplanadas fechadas,
Fachadas envidraçadas,
Mega arena,
Sem o contexto,
Ignora a favela,
Ignora o comércio ao redor.

3 OS RESERVATÓRIOS DO MORRO DO PEDREGULHO



3.1 INFRAESTRUTURA EXISTENTE E MEMÓRIA

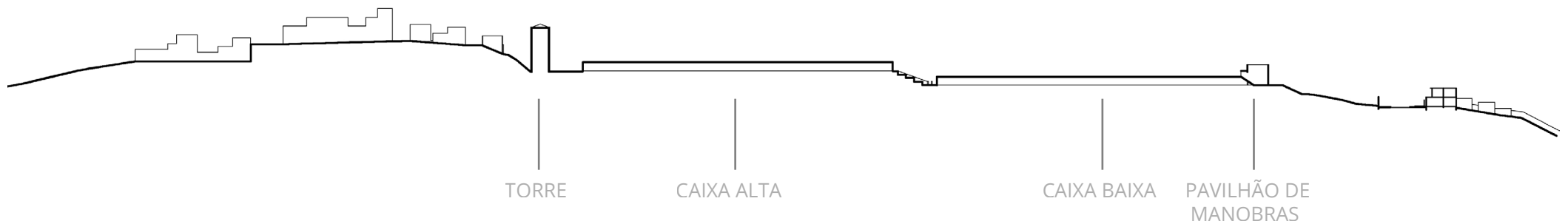
É necessário o combate à cidade negada e aos limites agressivos impostos pela lógica de construção urbana. Se grande parte da cidade e de sua infraestrutura é desconhecida pelos moradores, os mesmos não possuem força para questionar e proteger seus bens materiais, imateriais e naturais.

Os Reservatórios do Pedregulho simbolizam dois grandes problemas no campo do acesso:
O acesso à terra e a espaços públicos de qualidade para lazer, saúde e entretenimento;
O acesso à água e ao esgotamento sanitário.

Ao mesmo tempo são, praticamente por si só, solução para isso:
Representam um grande potencial como espaço aberto e livre para uso e apropriação das pessoas;
Possuem e são infraestruturas que nos contam a história do Rio de Janeiro, do abastecimento hídrico do estado e do acesso à água.

Na privatização parcial da CEDAE (Companhia Estadual de Águas e Esgotos do Rio de Janeiro), os históricos reservatórios, tombados pelo INEPAC, foram deixados de lado e não foram pauta nas discussões.

Para garantir a manutenção, restauro, seu caráter público e o reconhecimento de sua importância para a cidade, são necessários o atravessamento de seus limites, a abertura de suas diversas camadas e a transgressão e livre manifestação dos corpos em suas superfícies, proporcionando que essa infraestrutura complexa floresça e permita florescer o imaginário coletivo e a vida da cidade.



O terreno é composto por dois reservatórios de aproximadamente 126m x 87m. Isso resulta em cerca de 22.000m² de espaço livre e gramado acima apenas das duas caixas, sem contar com seu entorno imediato.

A caixa baixa, ao norte, encontra-se 45m acima do nível do mar. A caixa alta, ao sul, 50m acima do nível do mar e 5m acima do nível da caixa baixa. Juntas, podem armazenar até 73.276 m³ de água. Recebiam águas do Rio D'ouro e Xerém, abastecendo São Cristóvão, Engenho Velho, Centro, Rio Comprido e Tijuca.

Além disso, têm em seu repertório, cascatas de aeração, diversos gradis com desenho da época, casa de manobra de acesso à caixa baixa, pavilhões de manobra e caixas de passagem, e outras instalações, além da vista panorâmica para a cidade do Rio de Janeiro.

Segundo o Inventário de Bens Imóveis do INEPAC, foram construídas em cantaria e alvenaria de pedra, com arcada e tetos em abobadilhas de aresta. Essa estrutura e sua forma de construção também representa valor arquitetônico e histórico significativo. Se, ao caminhar ao redor do terreno, não se imagina o quão valioso é o que há ali dentro, sua potência e importância, tampouco se têm noção de toda a estrutura arcada que mantém as lajes por cima dos reservatórios.



“O reservatório do Pedregulho é hoje o grande centro distribuidor do coração da cidade. Através dele são alimentados os reservatórios de São Bento e do Morro da Viúva, e dele partem importantes troncos alimentadores de vários bairros da cidade. Segundo informação do Professor José M. Azevedo Netto, o Pedregulho era, até 1986, o maior exemplar do seu gênero no Brasil.”

INEPAC, Inventário de Bens Imóveis
- Ficha sumária, Levantamento por
Maria das Graças Ferraz, Marta Cerqueira e Rui Velloso, 1998



50m|

150m|



O ABANDONO E O FOGO

07/2015



03/2014



07/2011



07/2009



03/2009



07/2007



07/2021





figuras x e x: pavilhão de manobras atrás da caixa baixa



figuras x e x: escadas de acesso ao topo da caixa alta



figuras x e x: edificação e Pavilhão de Manobra da Linha Adutora



figuras x e x: caixas de passagem da água das adutoras de Rio D'ouro



figuras x e x: quadrinha ao redor dos reservatórios - arquivo pessoal



figuras x e x: circulação interna nas caixas



figuras x e x: cascata de aeração na caixa alta

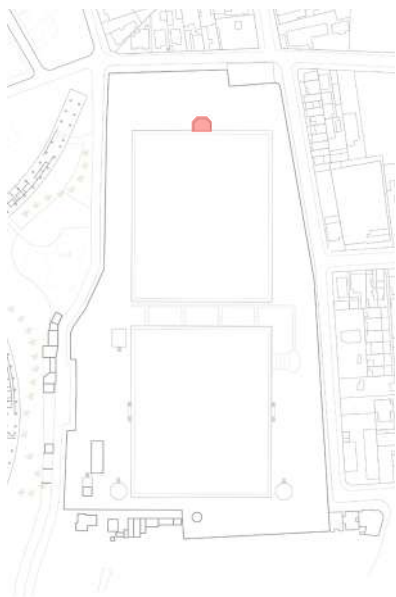


figuras x e x: torre e paisagem



A

O PAVILHÃO DE MANOBRAS ATRÁS DA CAIXA BAIXA



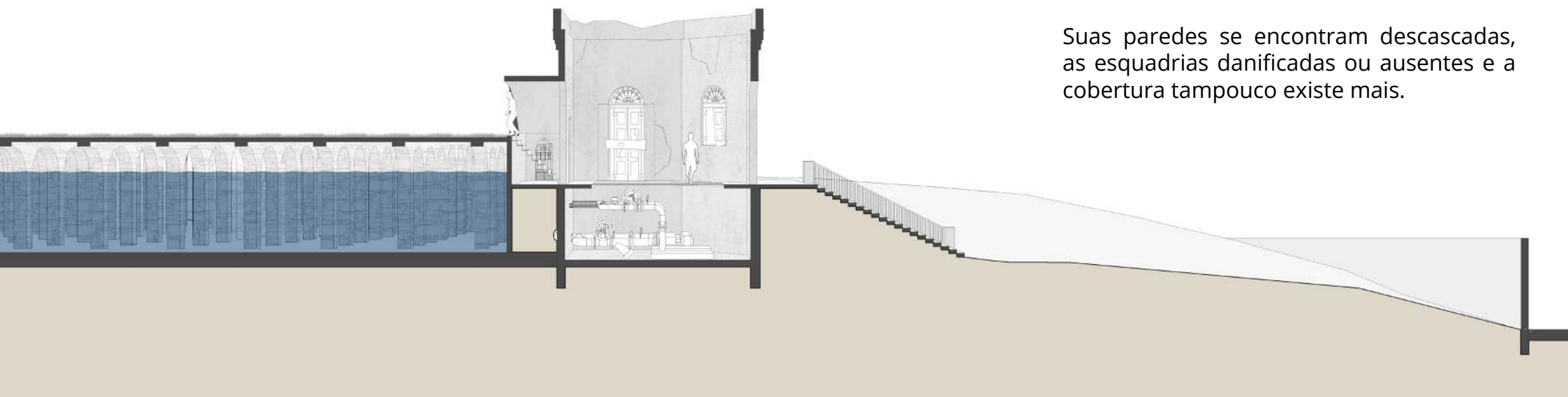
O pavilhão de manobras da caixa baixa se destaca por diversas questões, sendo elas de ordem arquitetônica, funcional e de circulação.

Com altura superior à do reservatório, com portas e janelas altas e esquadrias de madeira, a construção, relativamente pequena, se destaca e ganha um grau de monumentalidade com a escadaria que a precede.

Também possibilita o acesso à parte superior da Caixa Baixa, proporcionando, ao chegar ao topo, além da grande superfície gramada, uma vista panorâmica da Região Serrana do Rio de Janeiro.

Atualmente, ainda em funcionamento, possui em sua parte inferior, abaixo da circulação, espaço destinado ao equipamento responsável, dentre outras funções, pelo bombeamento da água.

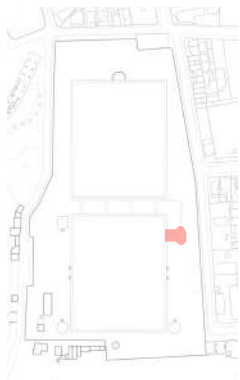
Suas paredes se encontram descascadas, as esquadrias danificadas ou ausentes e a cobertura tampouco existe mais.





G

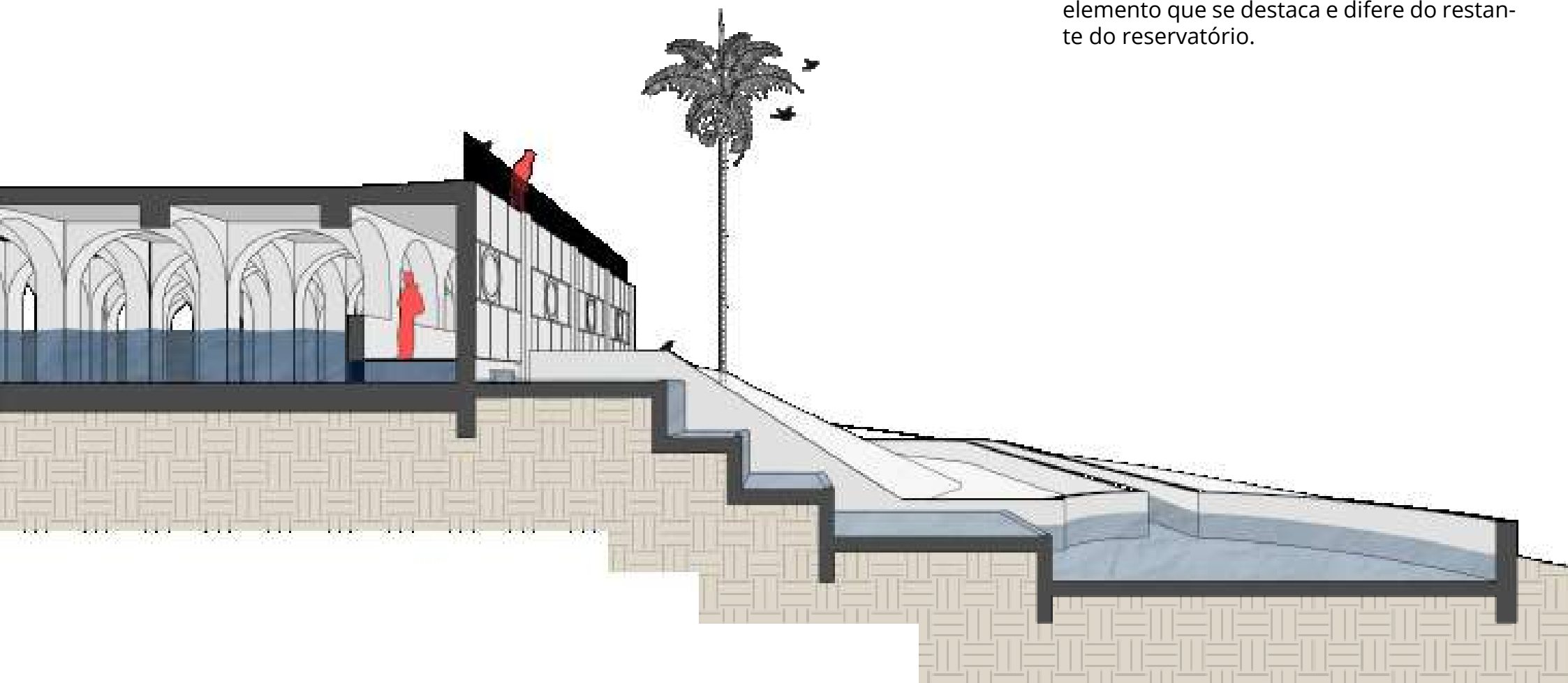
A CASCATA DE AERAÇÃO DA CAIXA ALTA



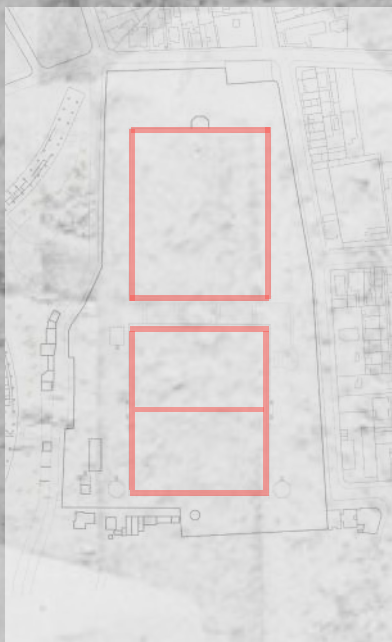
Há, no total, 5 cascatas de aeração. A da Caixa Alta se destaca por conta de seu tamanho e desenho.

Sua função é oxigenar a água, além de, por meio da gravidade, decantar o ferro que se encontra nela, se acumulando nos degraus de descida.

É um dos elementos mais interessantes do conjunto. Isso se dá por conta possibilidade de contato com a água e seu potencial como ponto de referência / marco, visto que é um elemento que se destaca e difere do restante do reservatório.







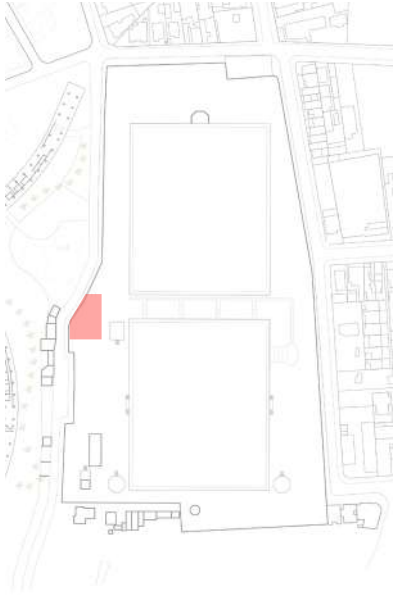
Por baixo da superfície da Caixa Baixa e da Caixa Alta encontra-se uma estrutura arqueada em pedras. Para a manutenção dos reservatórios, há a possibilidade de circulação ao redor da água, em seu perímetro.

A estrutura impressiona por suas dimensões e pela surpresa ao se descobri-la





CONSTRUÍDO RECENTEMENTE: A CENTRAL DE TRABALHO DOS FUNCIONÁRIOS DA CEDAE

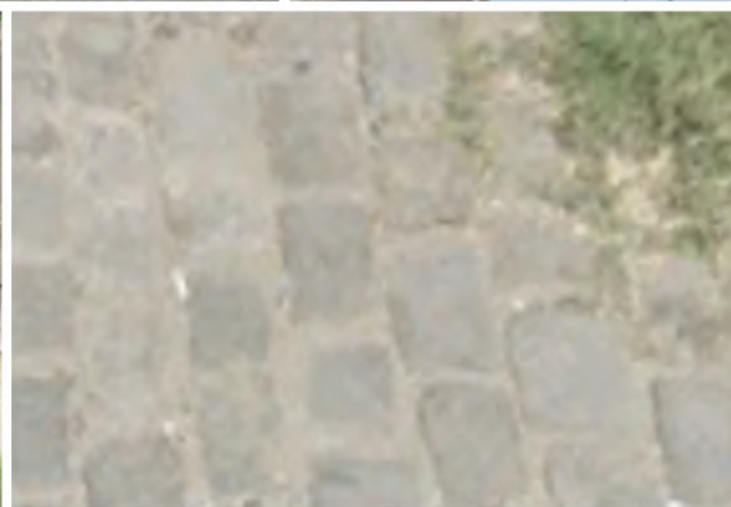


Distoando da infraestrutura original dos reservatórios, existe uma pequena construção voltada ao funcionamento e trabalho cotidiano no terreno.

Com as características de uma construção temporária, a mesma se situa junto ao muro do terreno na Rua Marechal Jardim.

Além de não contribuir no quesito estético, sem harmonia com o conjunto e sem qualidade arquitetônica, a construção se apresenta, para além do muro, como uma barreira visual e de circulação.





CONFIGURAÇÃO ATUAL DOS RESERVATÓRIOS

- PONTOS
- LINHAS
- SUPERFÍCIES



50m

150m

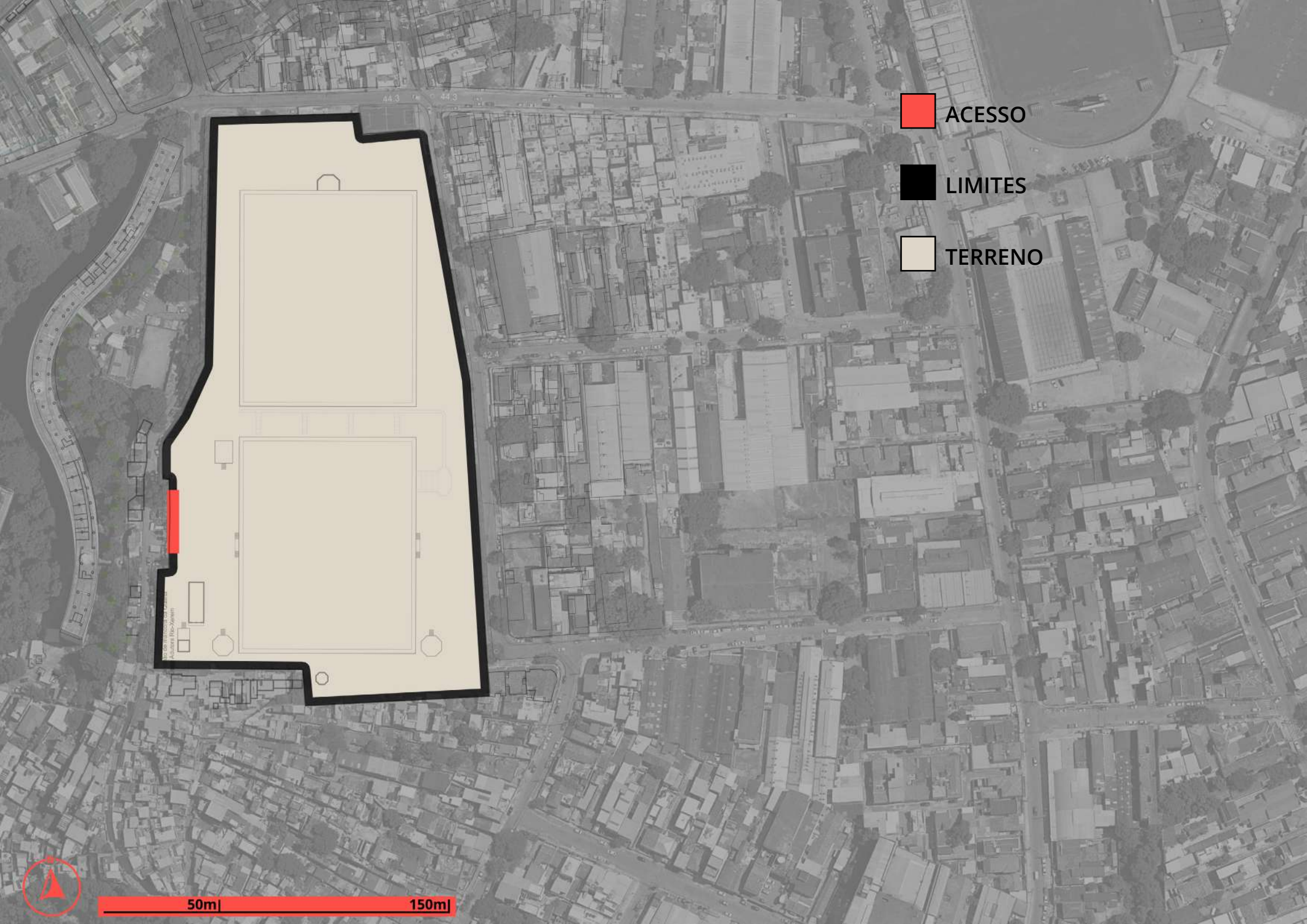
3.2 OS LIMITES NOS RESERVATÓRIOS

Para permitir a preservação e que esse espaço floresça em seu potencial como infraestrutura pública e coletiva que faça parte do traçado urbano do bairro e do cotidiano dos moradores, é necessária uma compreensão do que a limita e controla os corpos.

Os muros ao redor dos reservatórios se dividem em dois tipos: em pedra (funcionando como contenção topográfica da terra para dentro dos muros) e em alvenaria (com a função única de impedir o acesso e cercar o espaço).

Além disso, ao estudar esses limites podemos ver diversas formas de manifestação das pessoas. Isso se dá através de atividades que acontecem no perímetro do terreno, de marcas em seus muros, e quaisquer formas de cuidado e personalidade expostas.





ACESSO



LIMITES

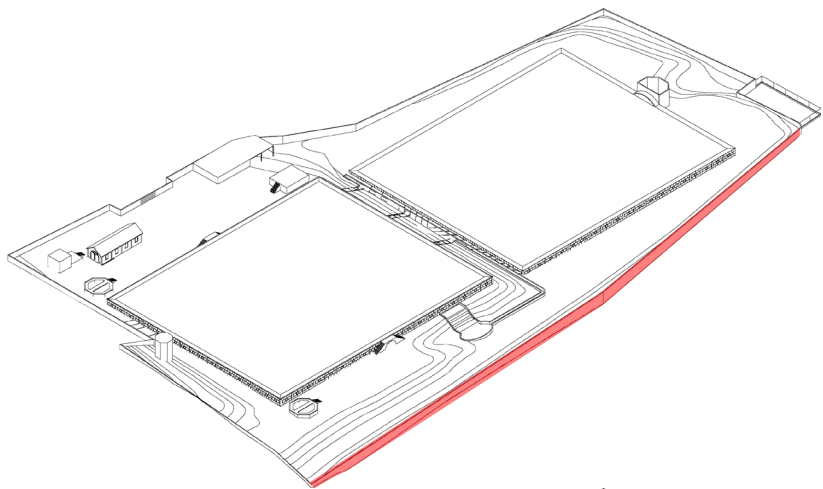


TERRENO

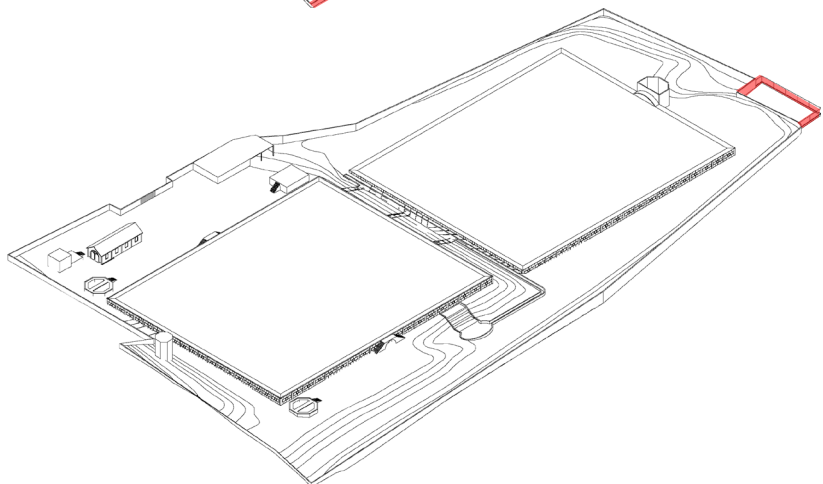
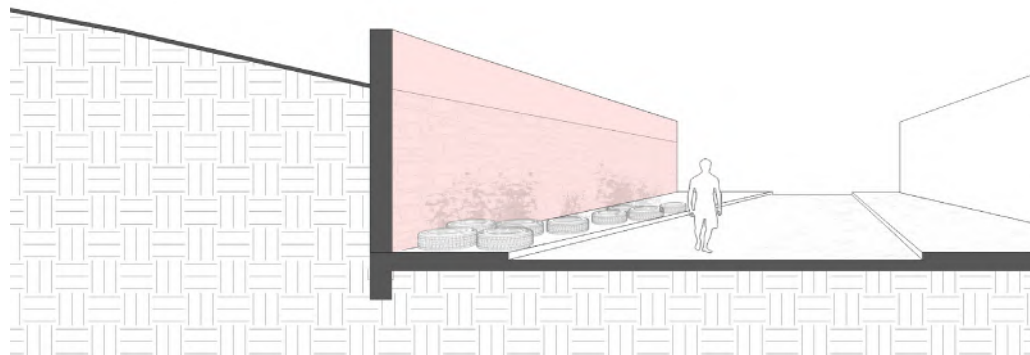


50m

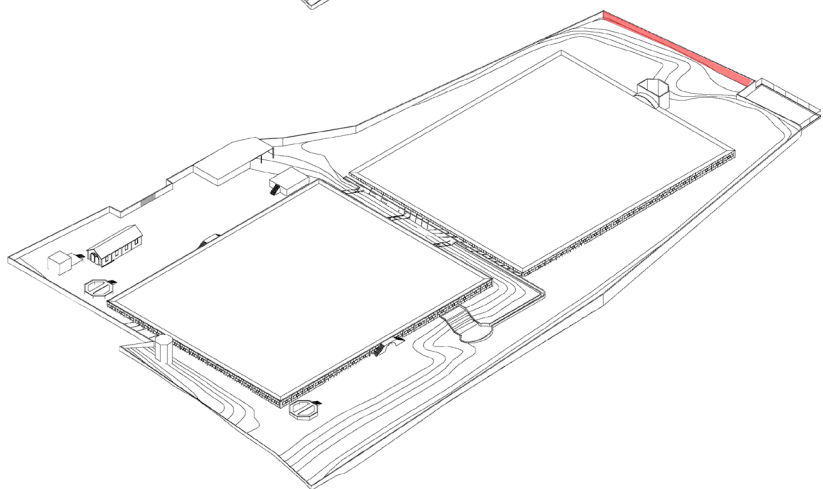
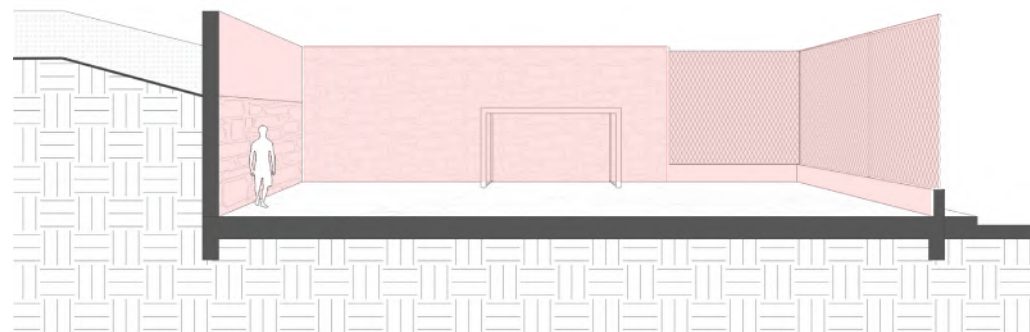
150m



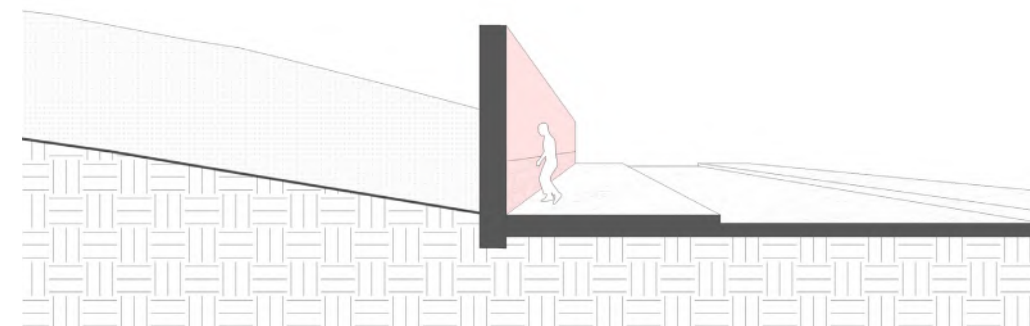
A. O LIMITE LESTE - RUA DULCE ROSALINA

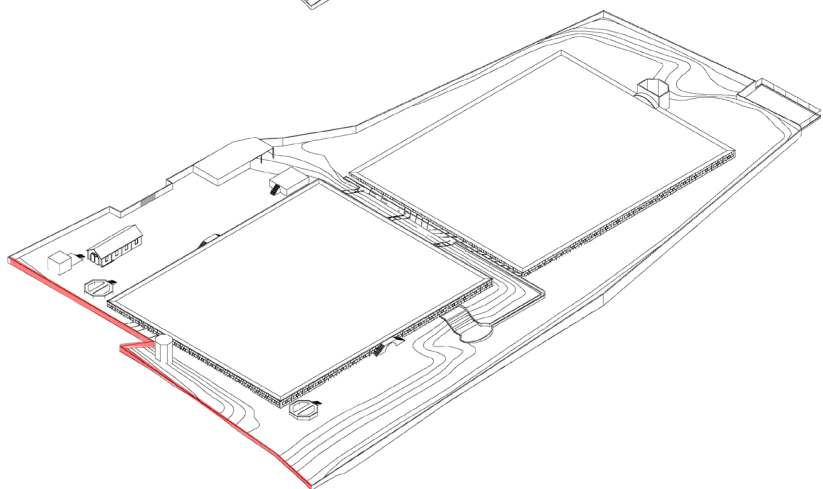
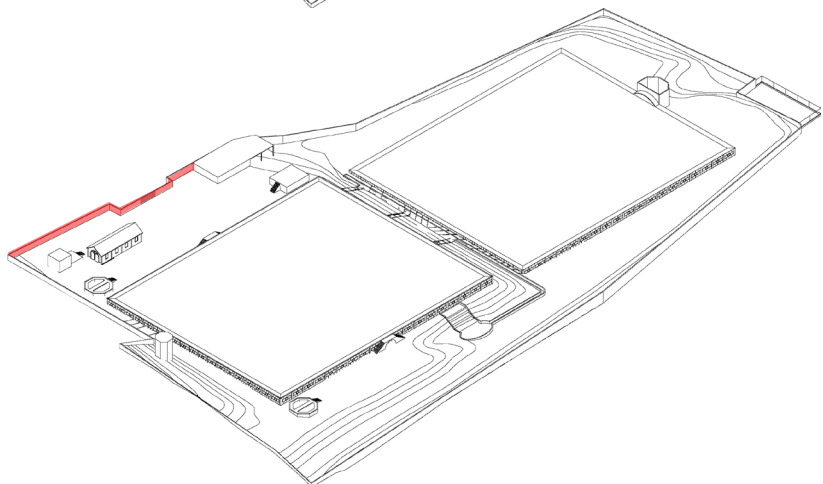
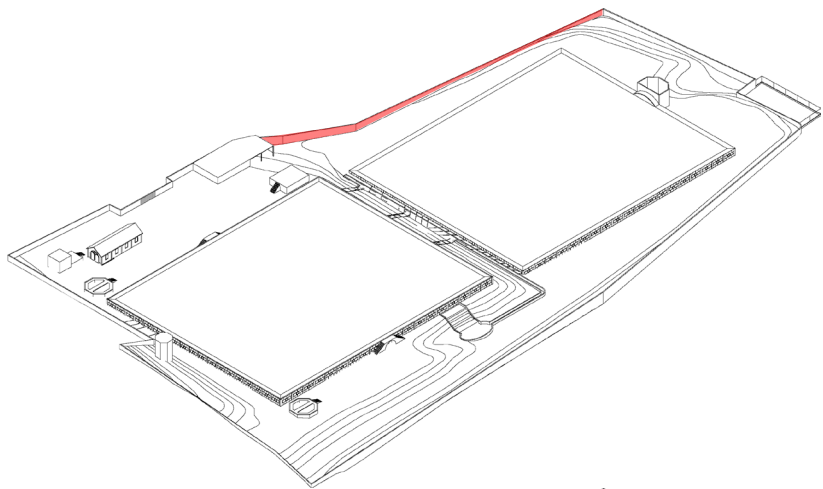


B. O LIMITE LESTE / NORTE - ESQUINA DA RUA DULCE ROSALINA
COM A RUA FERREIRA DE ARAUJO

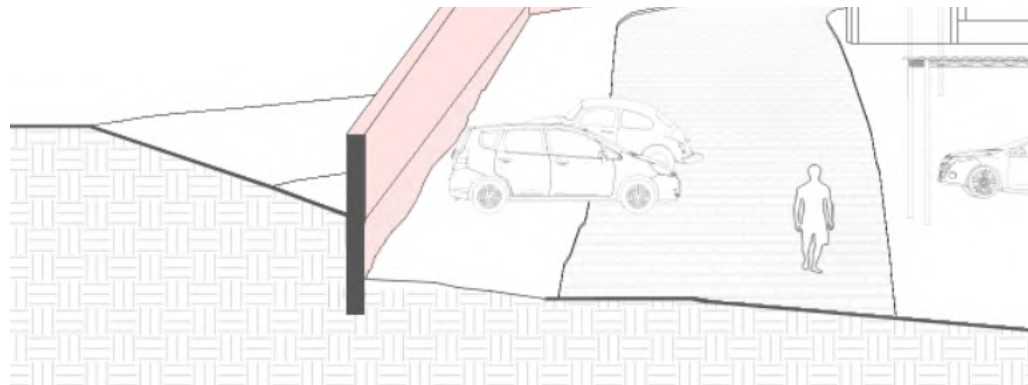


C. O LIMITE NORTE - RUA FERREIRA DE ARAUJO

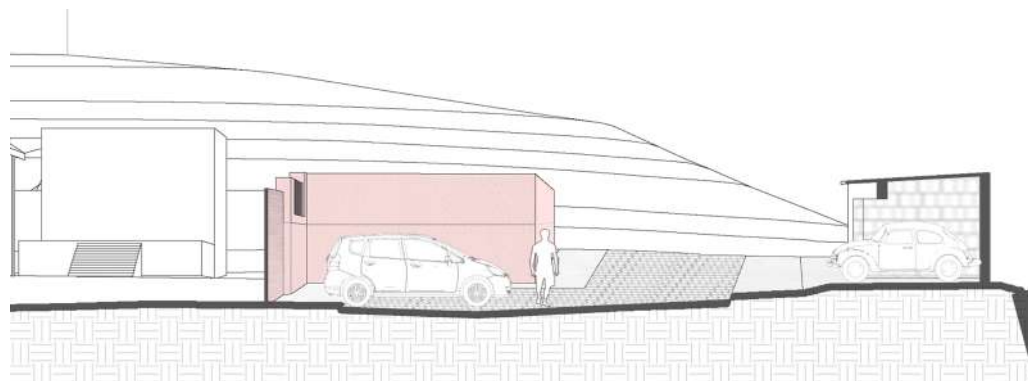




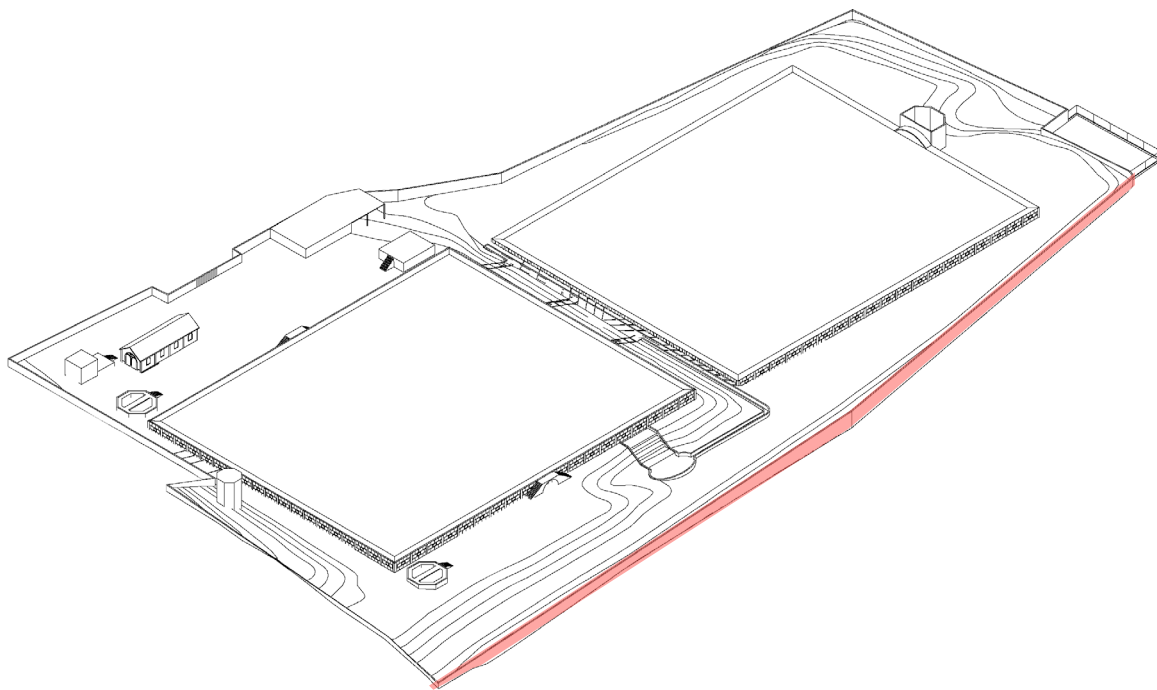
D. O LIMITE OESTE - TRECHO 01 - ACESSO PEDREGULHO



E. O LIMITE OESTE - TRECHO 02 - ACESSO RESERVATÓRIOS



F. O LIMITE SUL



Este trecho se apresenta como um dos principais desafios para a proposição de atravessamentos e rupturas. É, ao longo de todo seu comprimento, um muro de pedra com altura que varia de 3 a 4 metros.

Além disso, funciona como um muro de contenção, por conta da condição topográfica existente para dentro do terreno. Tal condição torna sua situação mais delicada.

Se apresenta como uma grande fronteira que não pode ser removida. Ao mesmo tempo, é um elemento forte e icônico para a infraestrutura. Há de se aproveitar seu caráter tectônico

Atualmente, ao percorrer a Rua Dulce Rosalina, podemos ver partes da calçada e do muro tomadas por hortas e plantações construídas pelos próprios moradores. As pedras e as árvores compõem um resultado bonito, que agrada os que ali circulam, atraindo aves e outros animais. O muro funciona como mural para pinturas e pixações.

Por outro lado, os moradores também expressam preocupação a respeito da segurança, especialmente na parte da noite, por conta da má iluminação e da ausência de pessoas circulando no trecho. Outros problemas encontrados e relatados seriam os carros estacionados irregularmente e o pouco espaço para circular nas calçadas com qualidade.

CAIXA ALTA

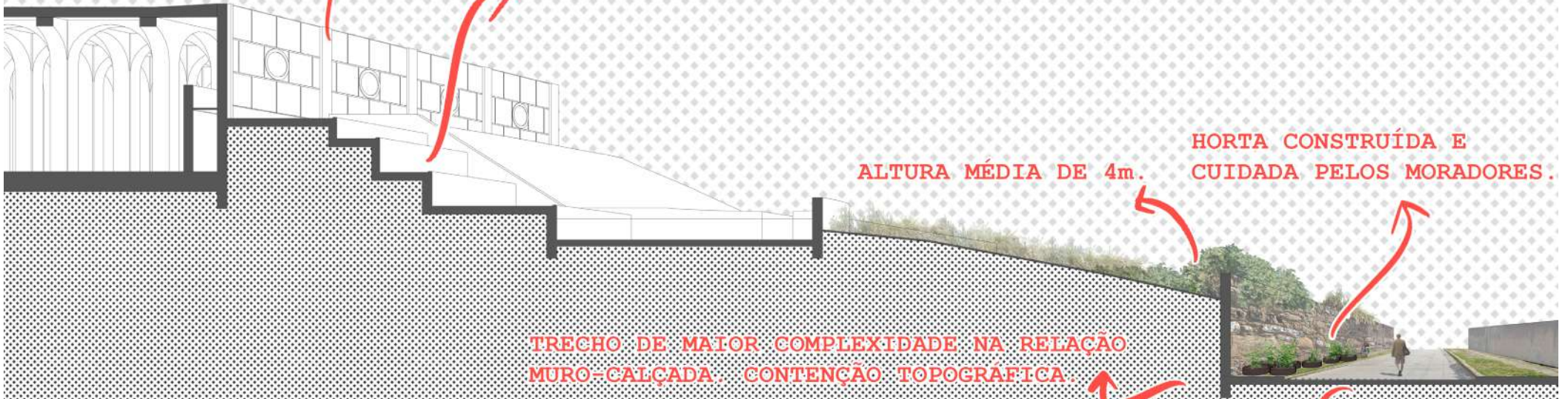
CASCATA DE AERAÇÃO: PARTE DA
INFRAESTRUTURA DO RESERVATÓRIO.
FLUXO DE ÁGUA, AUDIÇÃO E VISÃO.

ALTURA MÉDIA DE 4m.

HORTA CONSTRUÍDA E
CUIDADA PELOS MORADORES.

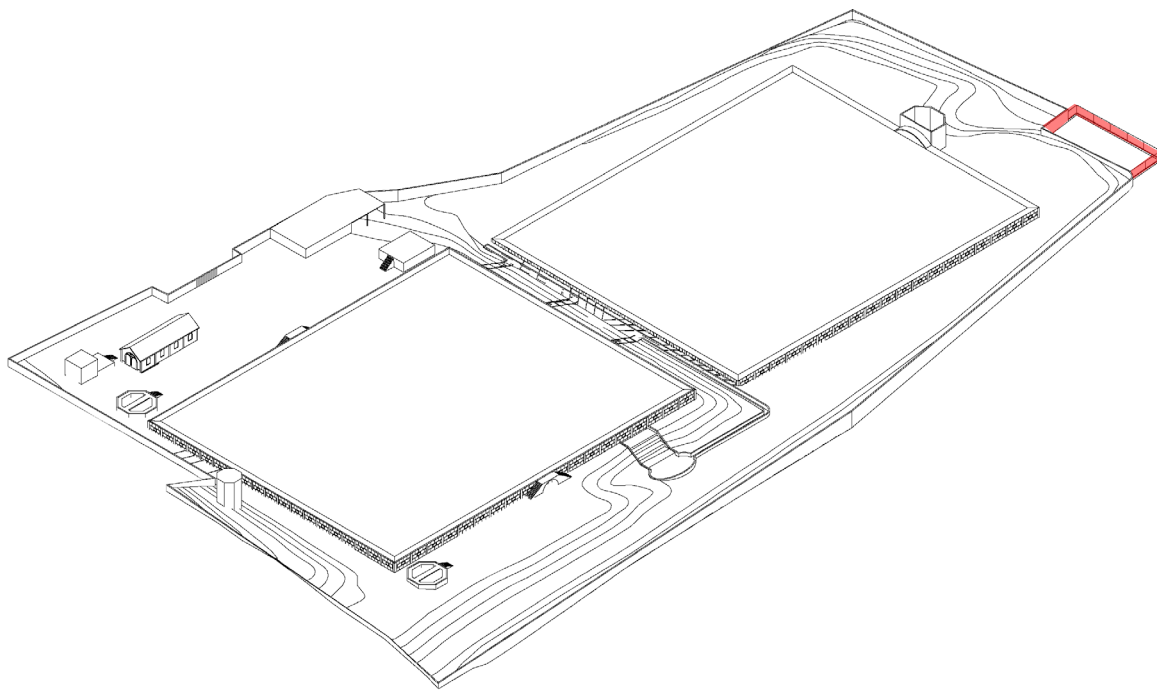
TRECHO DE MAIOR COMPLEXIDADE NA RELAÇÃO
MURO-CALÇADA. CONTENÇÃO TOPOGRÁFICA.

POUCO ESPAÇO PARA CAMINHAR





B O LIMITE NORDESTE - ESQUINA DA RUA DULCE ROSALINA
COM A RUA FERREIRA DE ARAUJO



Trecho de maior movimento no perímetro dos reservatórios, a esquina da rua Dulce Rosalina com a rua Ferreira de Araujo possui uma quadra de futebol de salão. Do outro lado da calçada, há um sobrado onde no pavimento térreo funciona um bar.

Ao longo da rua Ferreira de Araujo, ao norte do terreno, os moradores das casas de até dois pavimentos sentam em cadeiras de plástico ou de praia na rua e passam a tarde conversando



PAVILHÃO DE MANOBRAS E
ACESSO À CAIXA BAIXA

GRAFITE E PIXO:
EXPRESSÃO E MANIFESTO

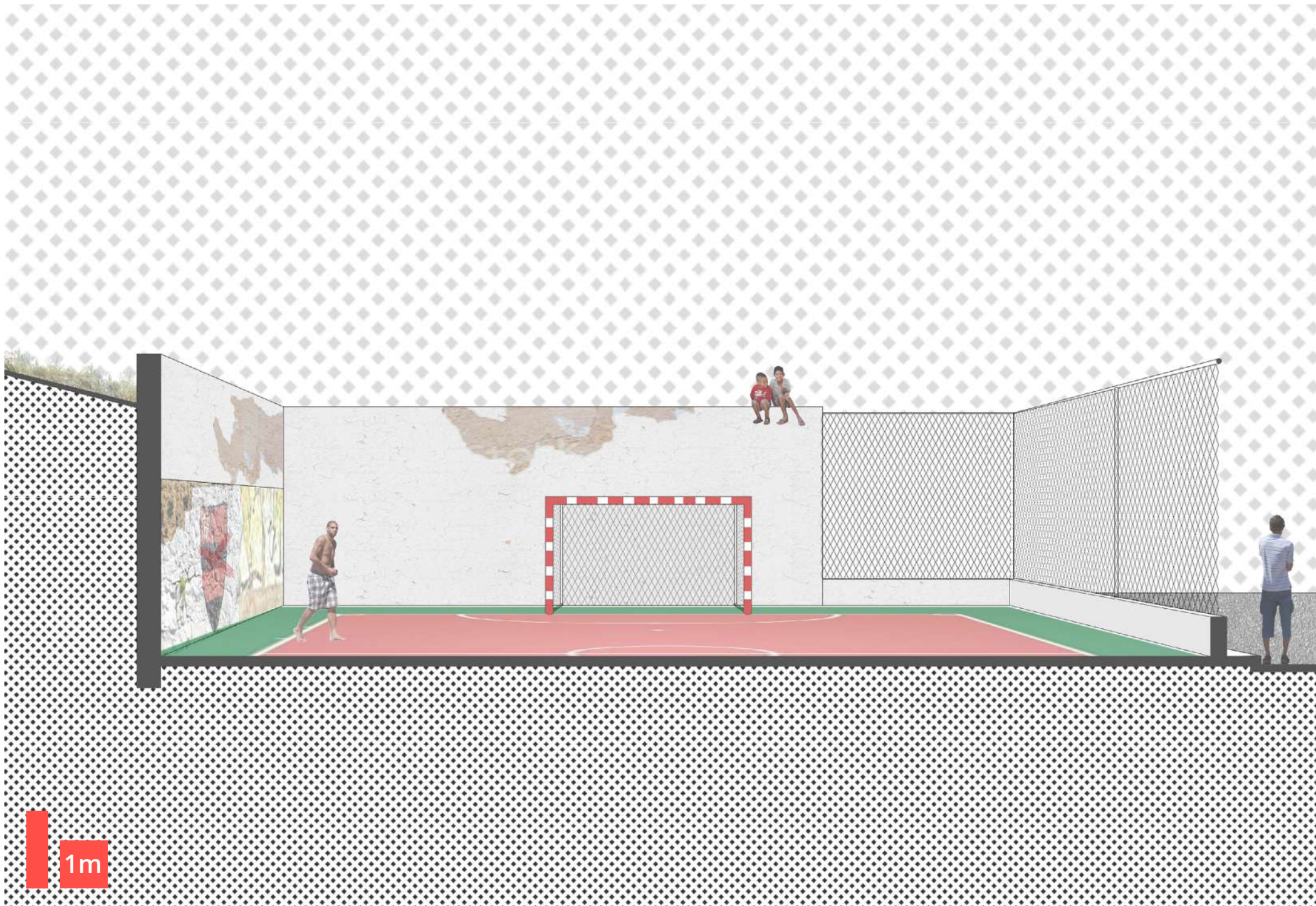
CRIANÇAS E ADOLES-
CENTES SENTADOS NO
MURO PARA ASSISTIR

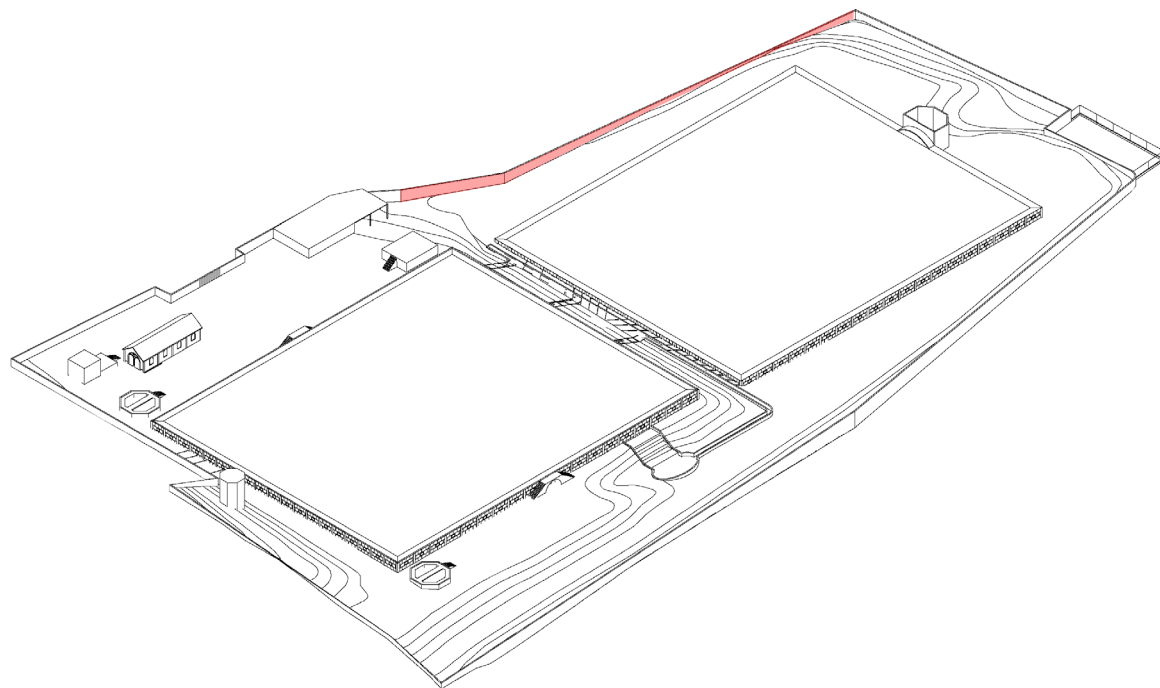
FREQUENTADORES DO
BAR DA ESQUINA
ASSISTINDO

MEDIA DE 4,5m
DE ALTURA

AUSÊNCIA DE CALÇADA
QUADRA POR CIMA.
CIRCULAÇÃO PERIGOSA.







Seguindo o percurso, virando na rua Marechal Jardim, ficamos entre os Reservatórios e o Conjunto Habitacional do Pedregulho.

O muro que divide a calçada e o bosque dos reservatórios possui aproximadamente 3m de altura ao longo de toda sua extensão. Entretanto, funciona como contenção apenas até aproximadamente 80cm em seu ponto mais alto. Acima disso, tem como função apenas impedir o acesso e o atravessamento.

Ao longo do muro se acumulam resíduos, lixo e carros estacionados ou abandonados. Do outro lado da calçada, o problema com os carros persiste, especialmente pela ausência de um estacionamento adequado para os moradores do Pedregulho, que tiveram, ao longo do tempo, que construir essas estruturas.

Ao fundo, pode-se ver a quadrinha de futebol, também muito utilizada em eventos e para a prática de esportes, e oficinas mecânicas.

A experiência peatonal é desagradável. De toda maneira, o trecho apresenta grande potencial. A presença da grande massa arbórea, trazendo a presença do verde, do Pedregulho, ícone da arquitetura brasileira, e da quadrinha, que trás um fluxo de atividades interessante, são elementos que devem florescer e servir de ferramenta para uma melhora na rua.



BOSQUE EXISTENTE.
ÁRVORES ALTAS E COPAS
QUE ULTRAPASSAM OS
MUROS DO TERRENO.

CAIXA BAIXA

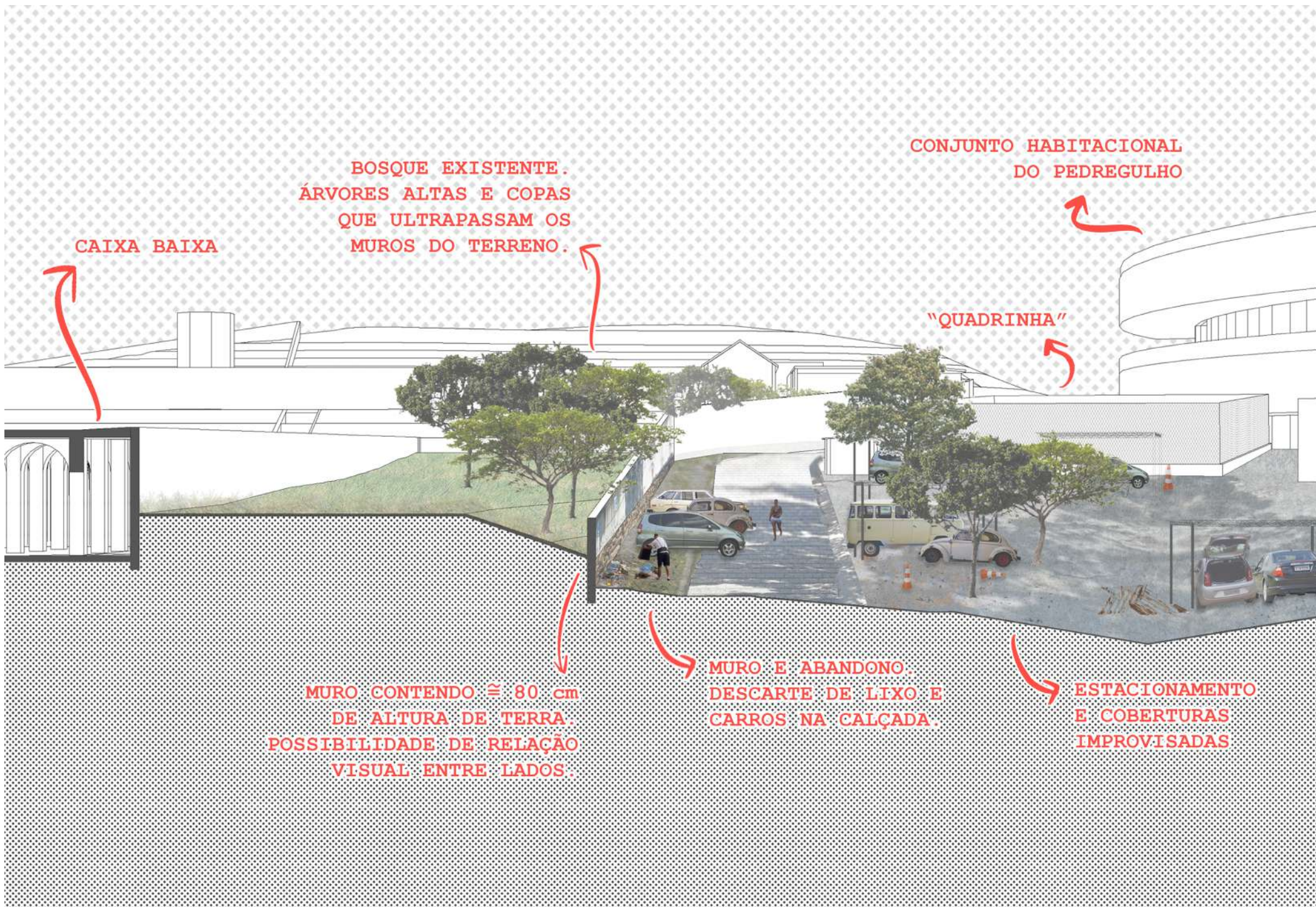
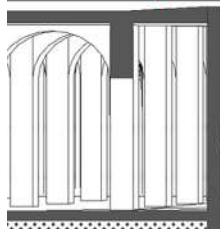
CONJUNTO HABITACIONAL
DO PEDREGULHO

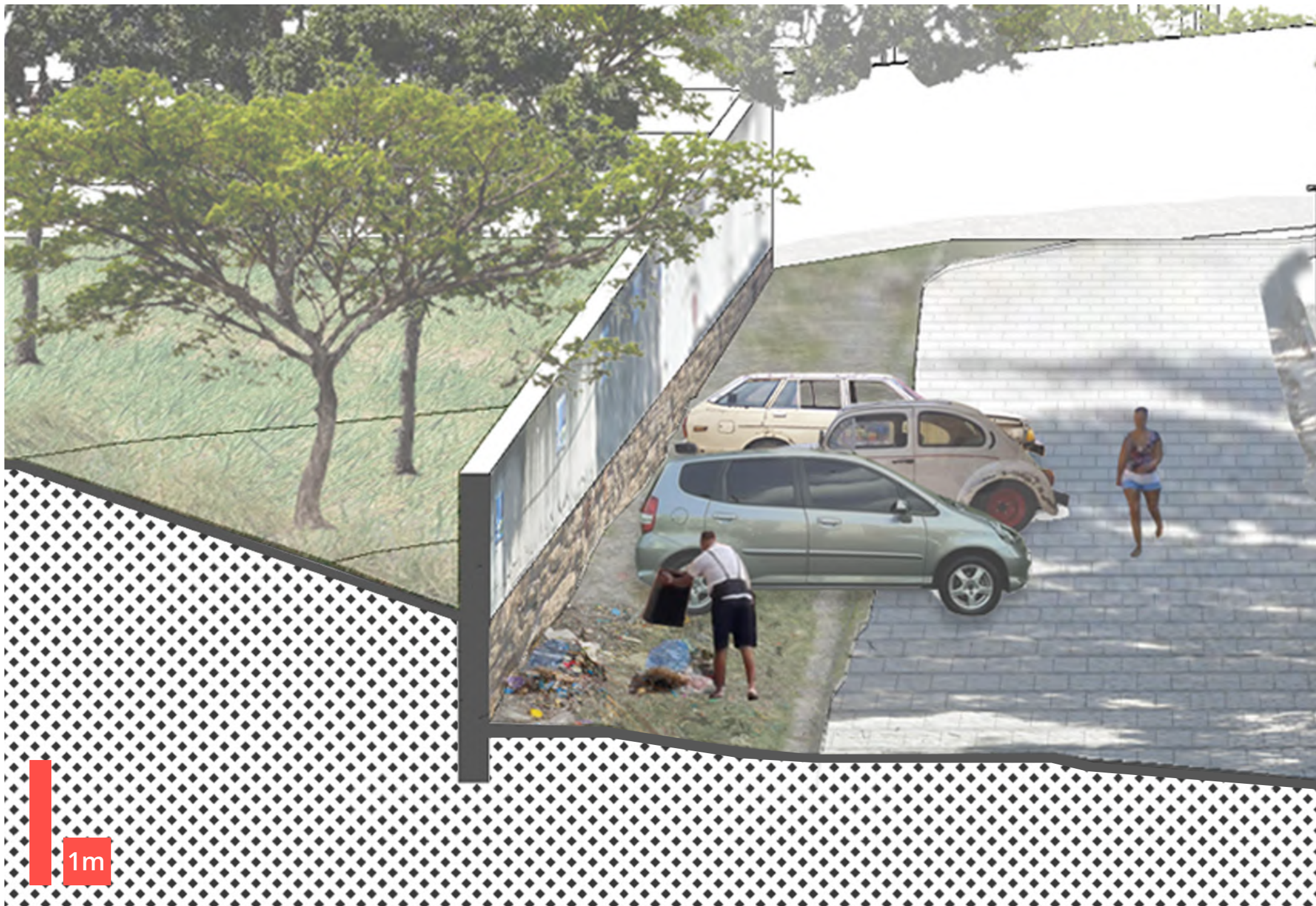
"QUADRINHA"

MURO CONTENDO $\cong 80$ cm
DE ALTURA DE TERRA.
POSSIBILIDADE DE RELAÇÃO
VISUAL ENTRE LADOS.

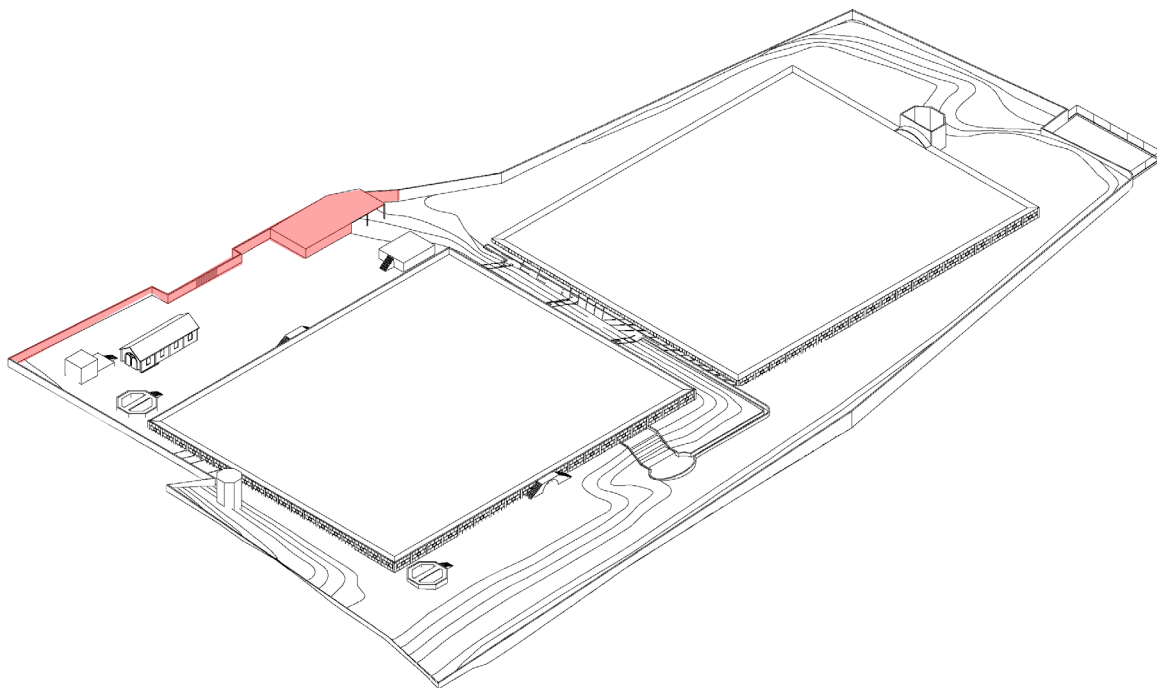
MURO E ABANDONO.
DESCARTE DE LIXO E
CARROS NA CALÇADA.

ESTACIONAMENTO
E COBERTURAS
IMPROVISADAS





E O LIMITE OESTE - TRECHO 02 - ACESSO RESERVATÓRIOS



TORRE PARA MANUTENÇÃO DOS RESER-
VATÓRIOS E SEUS EQUIPAMENTOS.

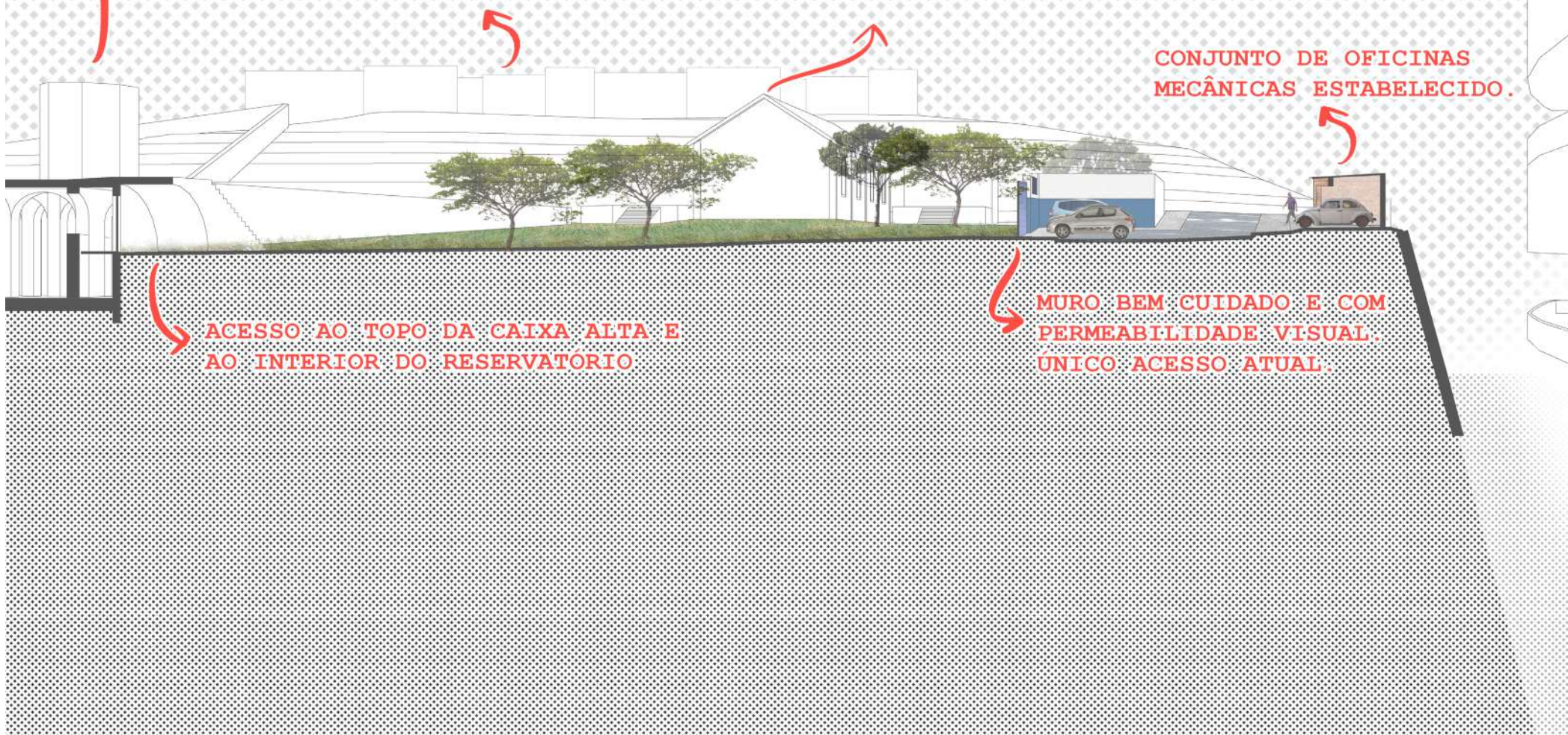
CONJUNTO DE HABITAÇÕES AO FUNDO.
A EXPRESSÃO DE ABANDONO DOS RESER-
VATÓRIOS INCOMODA OS MORADORES.

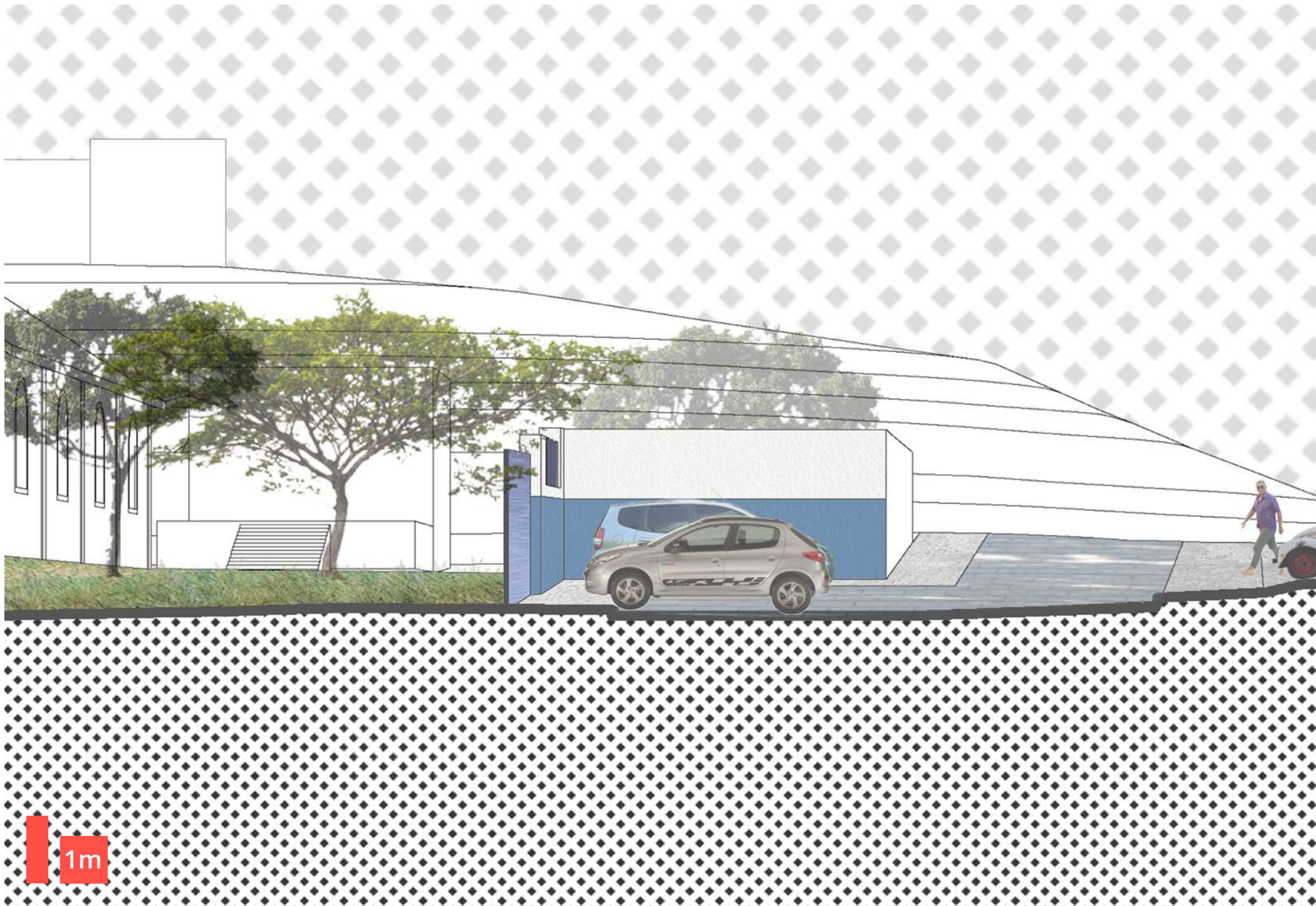
CONSTRUÇÕES EXISTENTES
VOLTADAS AO TRABALHO DOS
FUNCIONÁRIOS DA CEDAE.

CONJUNTO DE OFICINAS
MECÂNICAS ESTABELECIDO.

ACESSO AO TOPO DA CAIXA ALTA E
AO INTERIOR DO RESERVATÓRIO

MURO BEM CUIDADO E COM
PERMEABILIDADE VISUAL.
ÚNICO ACESSO ATUAL.





3.3 TRANSGRESSÕES, EXPERIMENTAÇÕES E PREMISSAS DE PROJETO

A principal premissa do projeto é enxergar valor no que já existe no local, apropriando-se das formas de ocupação e manifestação das pessoas que ali circulam e permanecem. Operar com um foco maior nas potencialidades do que nos problemas. O papel do arquiteto neste contexto é impulsionar os improvisos do cotidiano, as transgressões, diluir as fronteiras e propôr atravessamentos e maneiras de acesso e expansão dessas manifestações.

Nesse sentido, também se aborda os reservatórios dessa maneira. O que alimenta inquietação neste lugar é seu potencial como espaço livre e verde. Um espaço reminiscente de uma cidade densa e edificada.

A operação nos Reservatórios partem da fuga da necessidade de dar função. Entendê-los como uma pedra bruta sendo lapidada de fora para dentro. Da rua até o topo dos reservatórios. O verdadeiro ato revolucionário é permitir que as pessoas acessem esses espaços, se apropriem deles e os façam florescer. É dar luz sem tocar. Transformar sem grandes intervenções.



OCUPAR
CELEBRAR
DAR VIDA



CRIANÇAS
TORCEDORES
MORADORES

SEM USO DEFINIDO: APROPRIÁVEL.

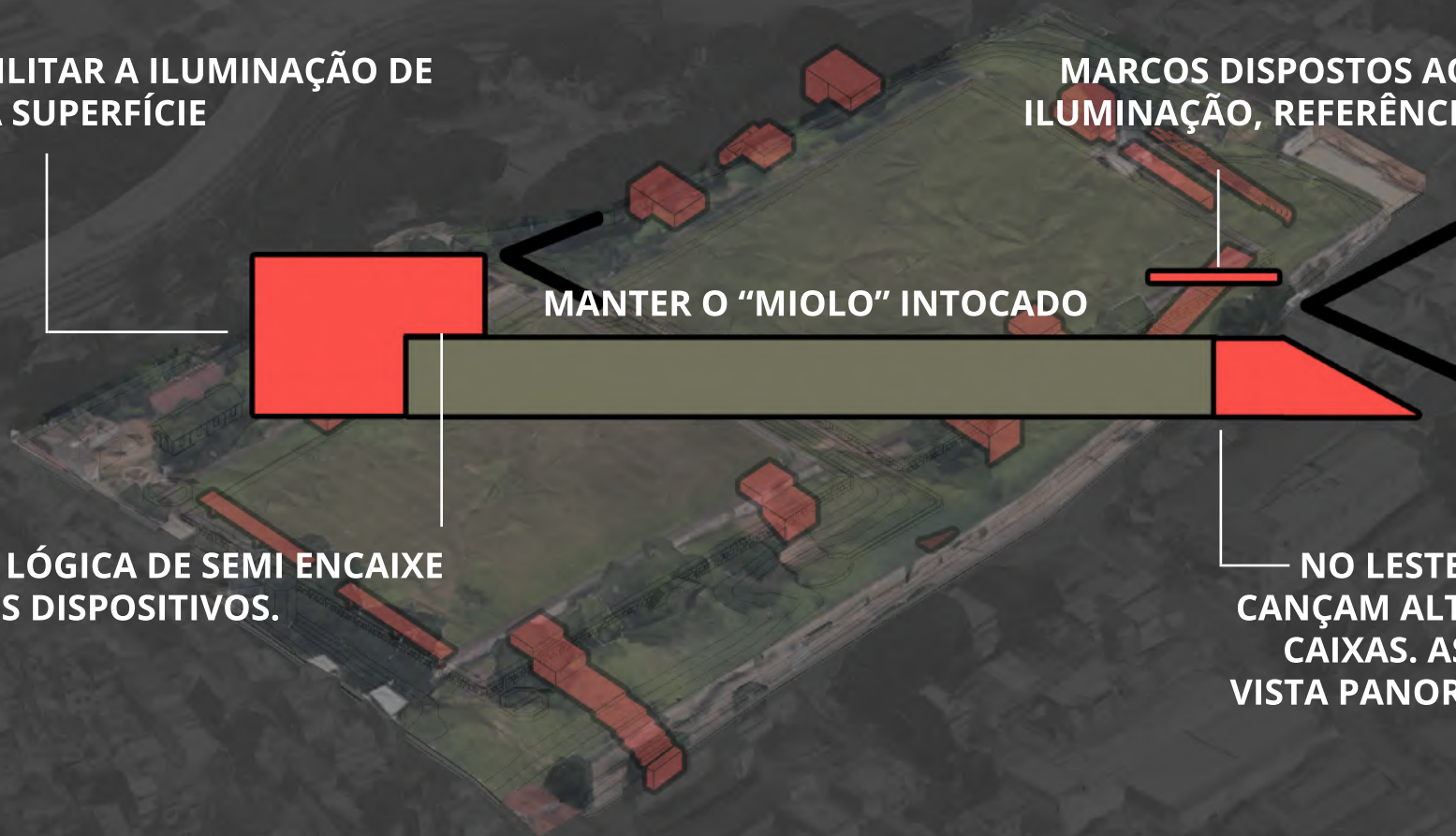
**POSSIBILITAR A ILUMINAÇÃO DE
TODA A SUPERFÍCIE**

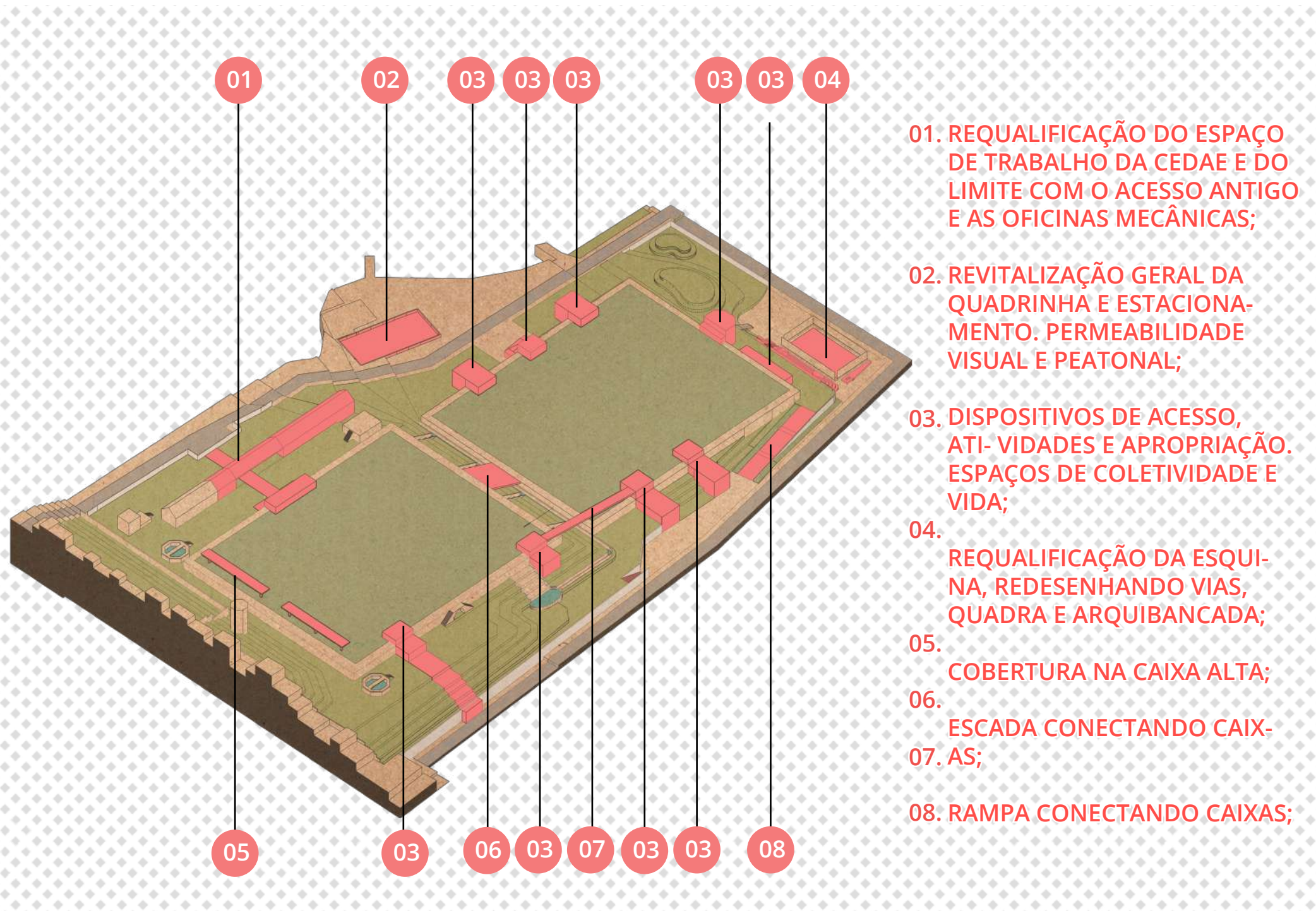
**MARCOS DISPOSTOS AO REDOR DA CAIXA.
ILUMINAÇÃO, REFERÊNCIA E COROAMENTO.**

MANTER O "MIOLO" INTOCADO

**SEGUIR LÓGICA DE SEMI ENCAIXE
PARA OS DISPOSITIVOS.**

**NO LESTE, DISPOSITIVOS AL-
CANÇAM ALTURA DO TOPO DAS
CAIXAS. ASSIM, PERMITE-SE A
VISTA PANORÂMICA DA CIDADE.**





01. REQUALIFICAÇÃO DO ESPAÇO DE TRABALHO DA CEDAE E DO LIMITE COM O ACESSO ANTIGO E AS OFICINAS MECÂNICAS;

02. REVITALIZAÇÃO GERAL DA QUADRINHA E ESTACIONAMENTO. PERMEABILIDADE VISUAL E PEATONAL;

03. DISPOSITIVOS DE ACESSO, ATIVIDADES E APROPRIAÇÃO. ESPAÇOS DE COLETIVIDADE E VIDA;

04. REQUALIFICAÇÃO DA ESQUINA, REDESENHANDO VIAS, QUADRA E ARQUIBANCADA;

05. COBERTURA NA CAIXA ALTA;

06. ESCADA CONECTANDO CAIXAS;

07. AS;

08. RAMPA CONECTANDO CAIXAS;



3.4 ESPACIALIDADES, ATRAVESSAMENTOS E DISPOSITIVOS

VISTA ÁEREA



PAV. SUPERIOR (TOPO DAS CAIXAS)

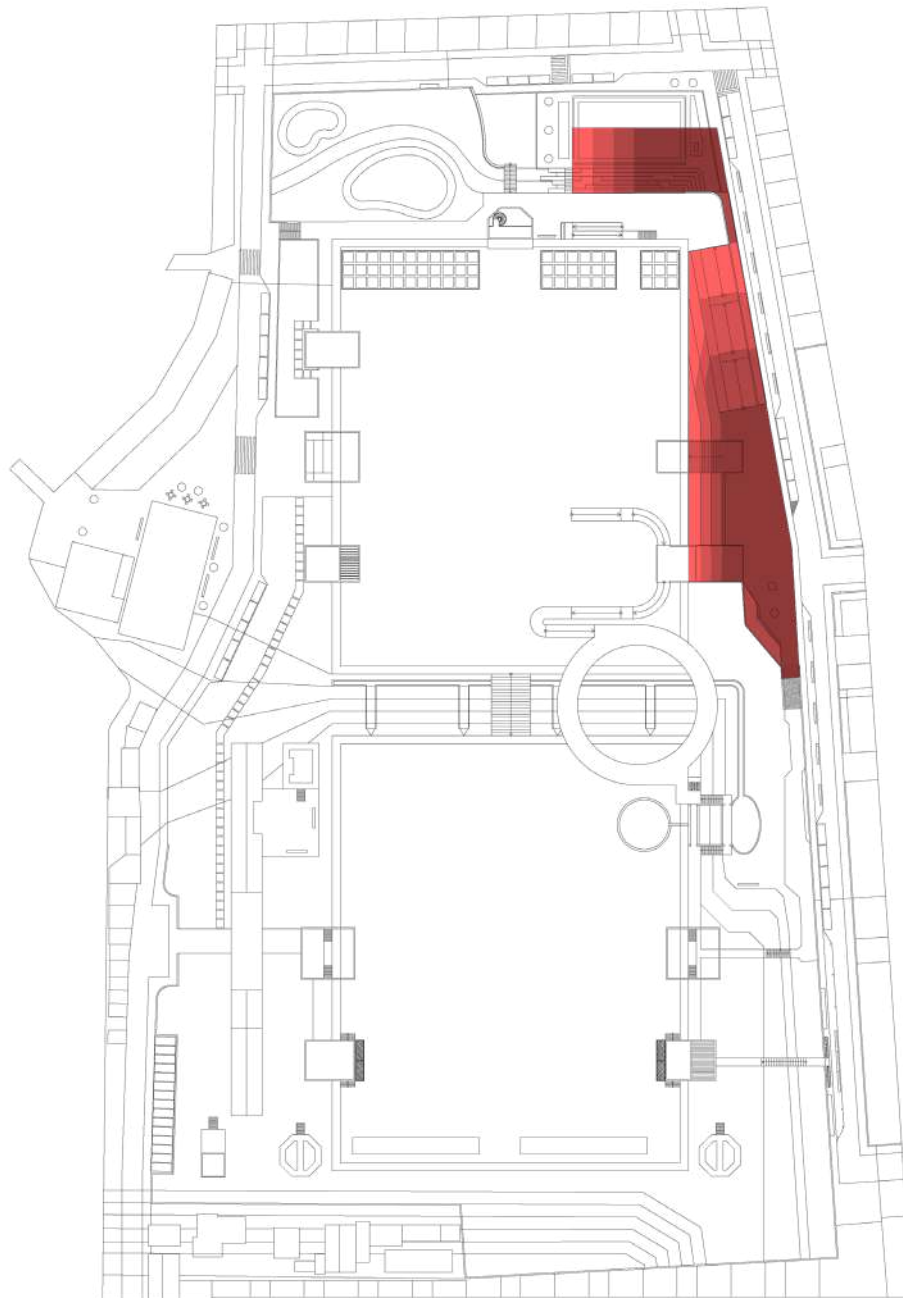


PAV. INFERIOR (FRANJAS E INTERIOR)





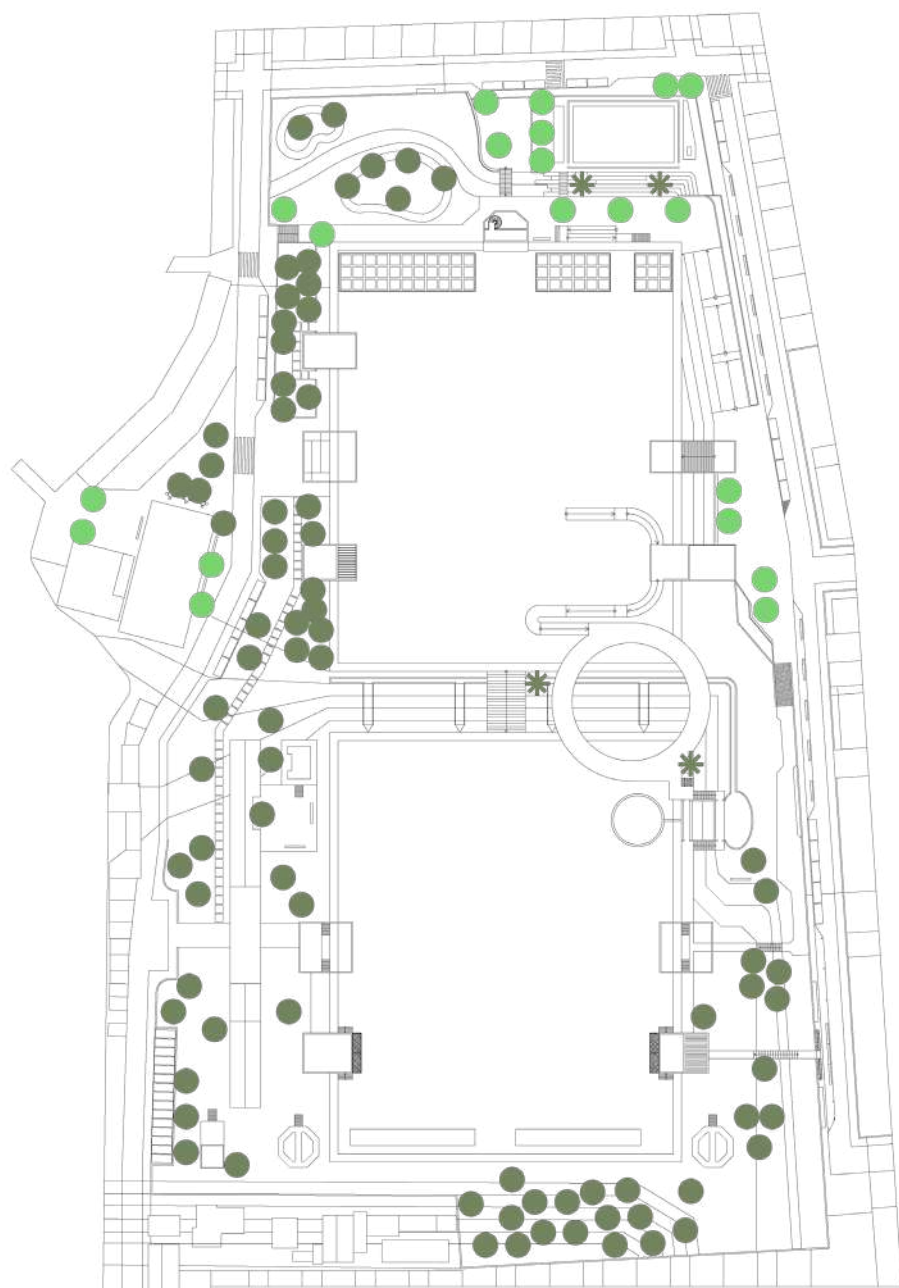
TOPOGRAFIA E MOVIMENTAÇÃO DE TERRA



- RETIRADA DE 4m DE TERRA
- RETIRADA DE 3m DE TERRA
- RETIRADA DE 2m DE TERRA
- RETIRADA DE 1m DE TERRA

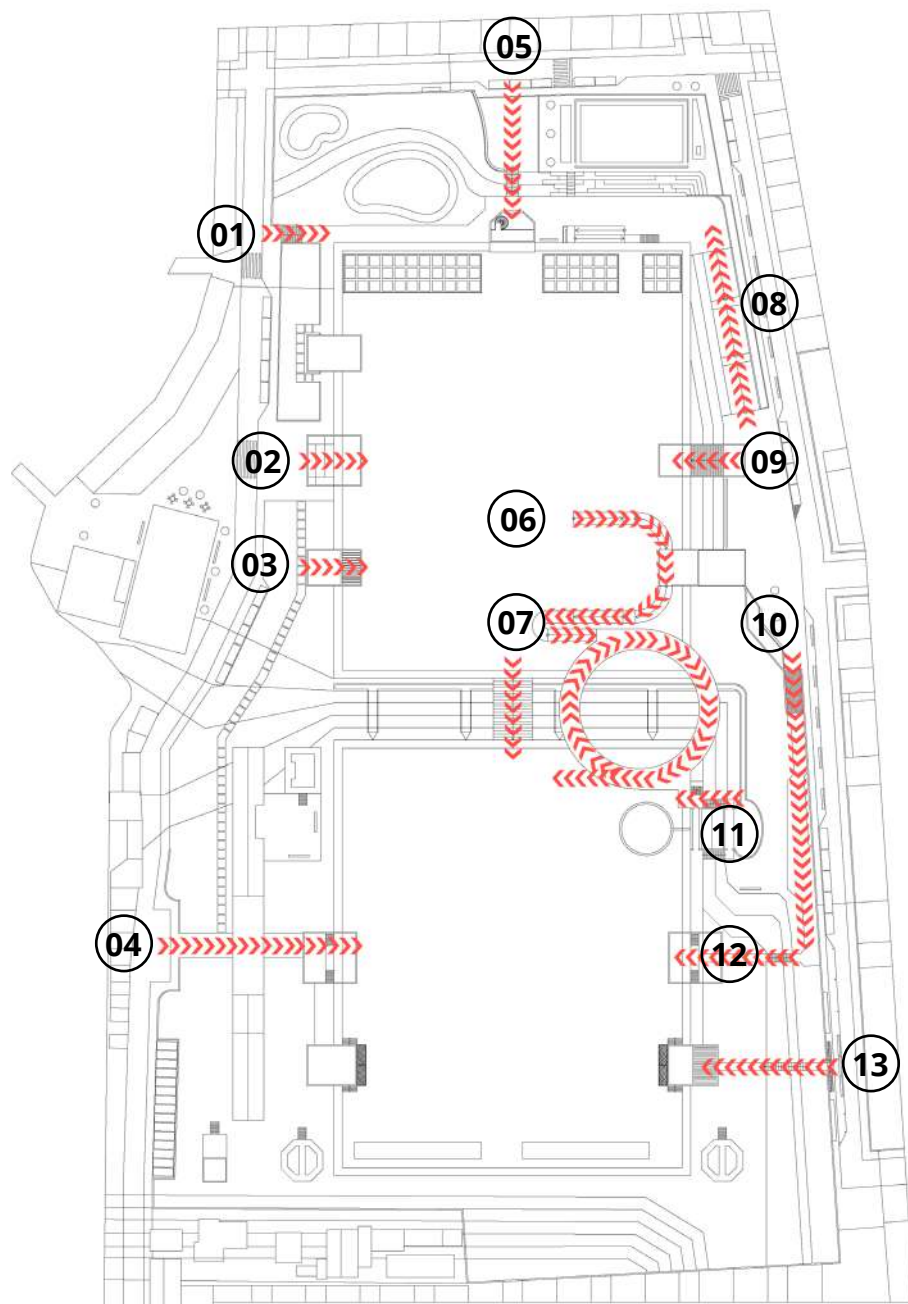


MASSAS ARBÓREAS, ÁRVORES E PAISAGEM



- ÁRVORES PREEXISTENTES
- ÁRVORES PROPOSTAS
- ✱ PALMEIRAS PREEXISTENTES

AO TOPO (OU AO REDOR)

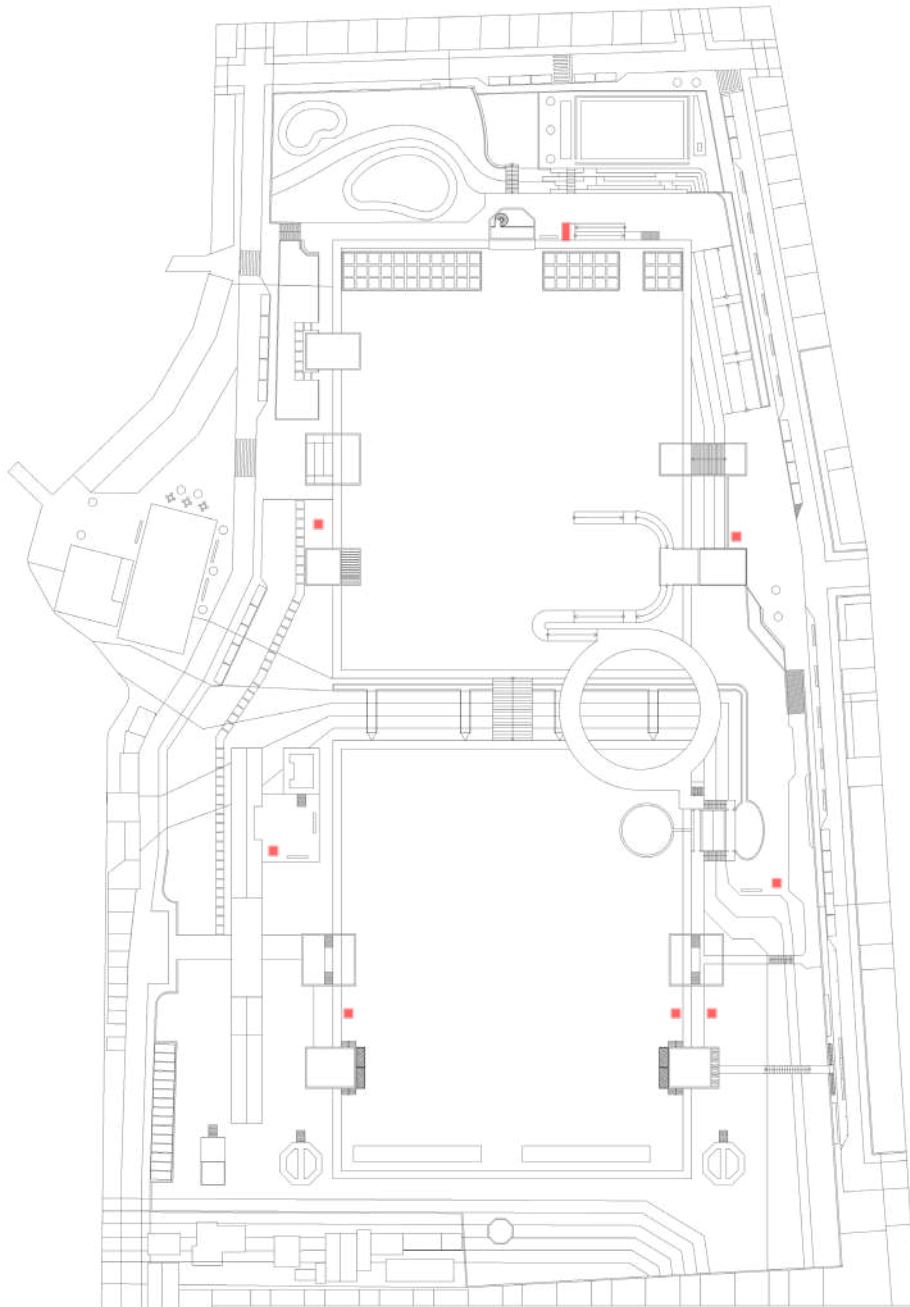


- 01 ESCADA LEVANDO À BASE DA CAIXA BAIXA, CHEGANDO DIANTE DA ENTRADA PARA A CIRCULAÇÃO INTERNA DA CAIXA.
- 02 RAMPA DE ACESSO AO TOPO DA CAIXA BAIXA. CENTRALIZADA NA CAIXA E EM FRENTE AO ACESSO DO PEDREGULHO.
- 03 DISPOSITIVO DE USO LIVRE COM POSSIBILIDADE DE ACESSO DA BASE PARA O TOPO DA CAIXA BAIXA.
- 04 ÚNICO ACESSO PREEXISTENTE AO TERRENO, ALINHADO COM ESCADA DE ACESSO AO TOPO DA CAIXA ALTA.
- 05 ACESSO POR MEIO DA CAIXA DE MANOBRAS, APROVEITANDO INFRAESTRUTURA JÁ EXISTENTE NO TERRENO E PROPORCIONANDO ABERTURA DE PRAÇA EM VOLTA DA QUADRINHA.
- 06 RAMPA LIGANDO O TOPO DA CAIXA BAIXA AO TOPO DA CAIXA ALTA. FORMATO CIRCULAR AO CHEGAR NO TOPO, PROPORCIONANDO VISTA PANORÂMICA DA CIDADE.
- 07 ESCADA LIGANDO O TOPO DA CAIXA BAIXA AO TOPO DA CAIXA ALTA.
- 08 RAMPA LIGANDO A RUA À BASE DA CAIXA BAIXA.
- 09 ESCADA LIGANDO A RUA AO TOPO DA CAIXA BAIXA.
- 10 ESCADA DE ACESSO À MARGEM DO TERRENO, MAIS ALTA DO QUE A RUA ABAIXO, PROPORCIONANDO ACESSO MAIS DIRETO À CAIXA ALTA.
- 11 ESCADA LIGANDO TOPO DA CAIXA ALTA À CASCATA DE AERAÇÃO.
- 12 ESCADA PREEXISTENTE DE ACESSO AO TOPO DA CAIXA ALTA.
- 13 DISPOSITIVO/ESCADA CONECTADO A HORTAS PREEXISTENTES.



FONTES E ACESSO À ÁGUA POTÁVEL

 FONTES





PARTIDO ESTRUTURAL

ESTRUTURA METÁLICA



TRELIÇA ESPACIAL



CONTENÇÃO EM PEDRA (EXISTENTE)





VISTA AÉREA



50m

150m



100m



100m





PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR (TOPO DAS CAIXAS)



50m

150m



100m



100m





PLANTA PAVIMENTO INFERIOR (BASE DAS CAIXAS)

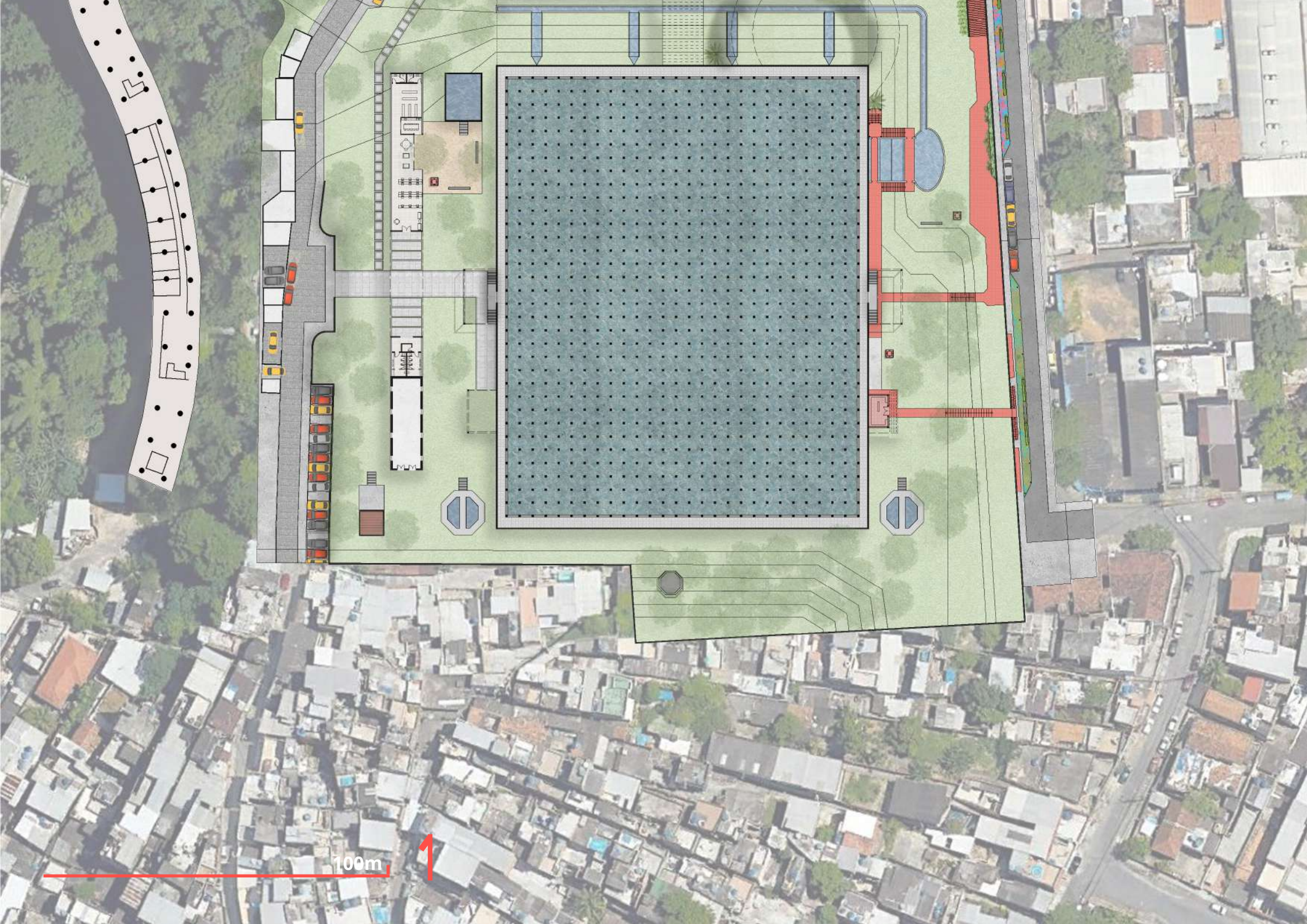


50m

150m



100m



100m



PLANTA CONCEITO ILUMINAÇÃO



50m

150m



DISPOSITIVOS ACOPLADOS

DISPOSITIVO 01

PAVILHÃO DE MANOBRAS (EXIST)

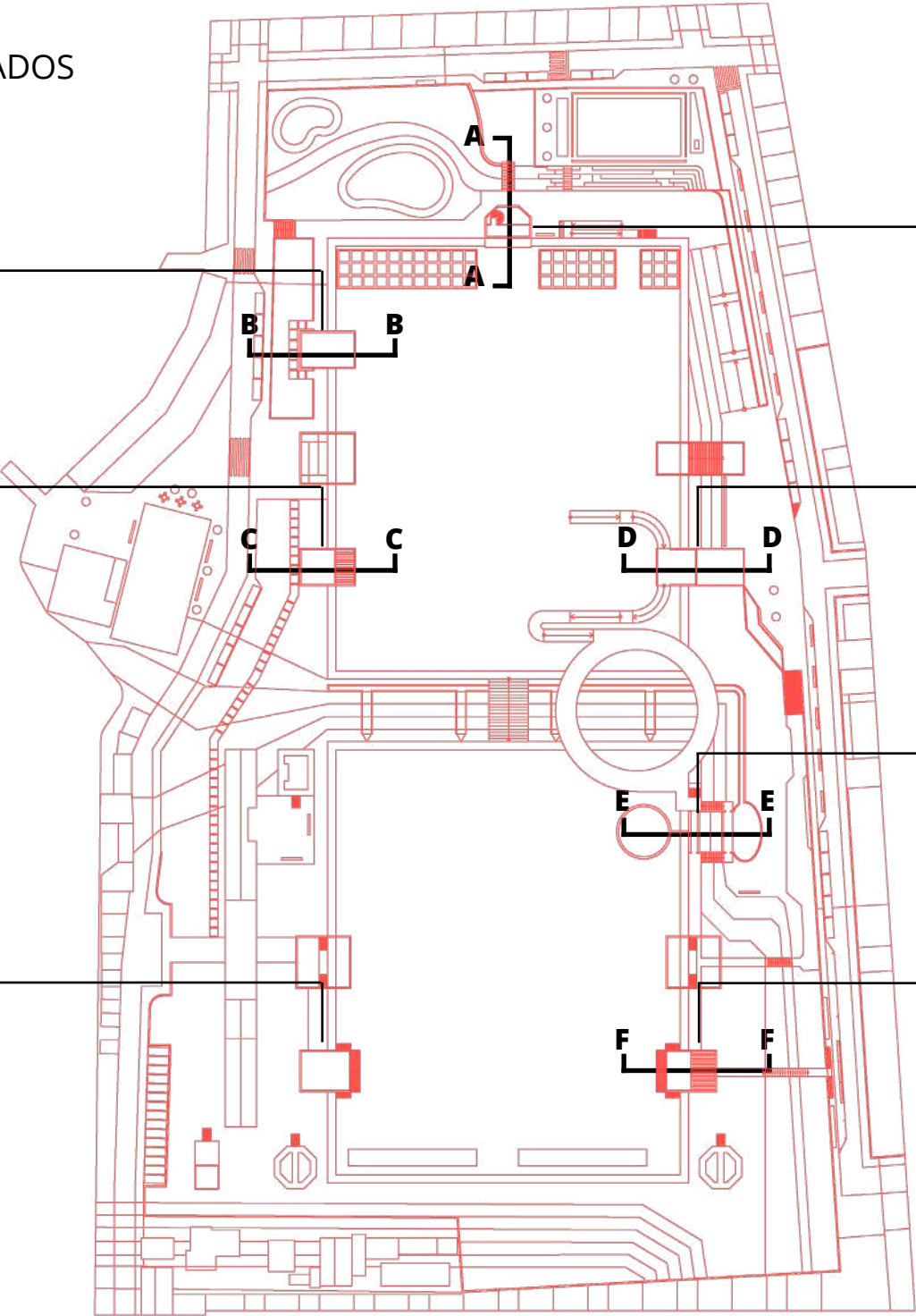
DISPOSITIVO 02

DISPOSITIVO 04

DISPOSITIVO 03

DISPOSITIVO 05

DISPOSITIVO 06



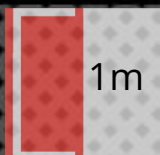
AA' CORTE PAVILHÃO DE MANOBRAS



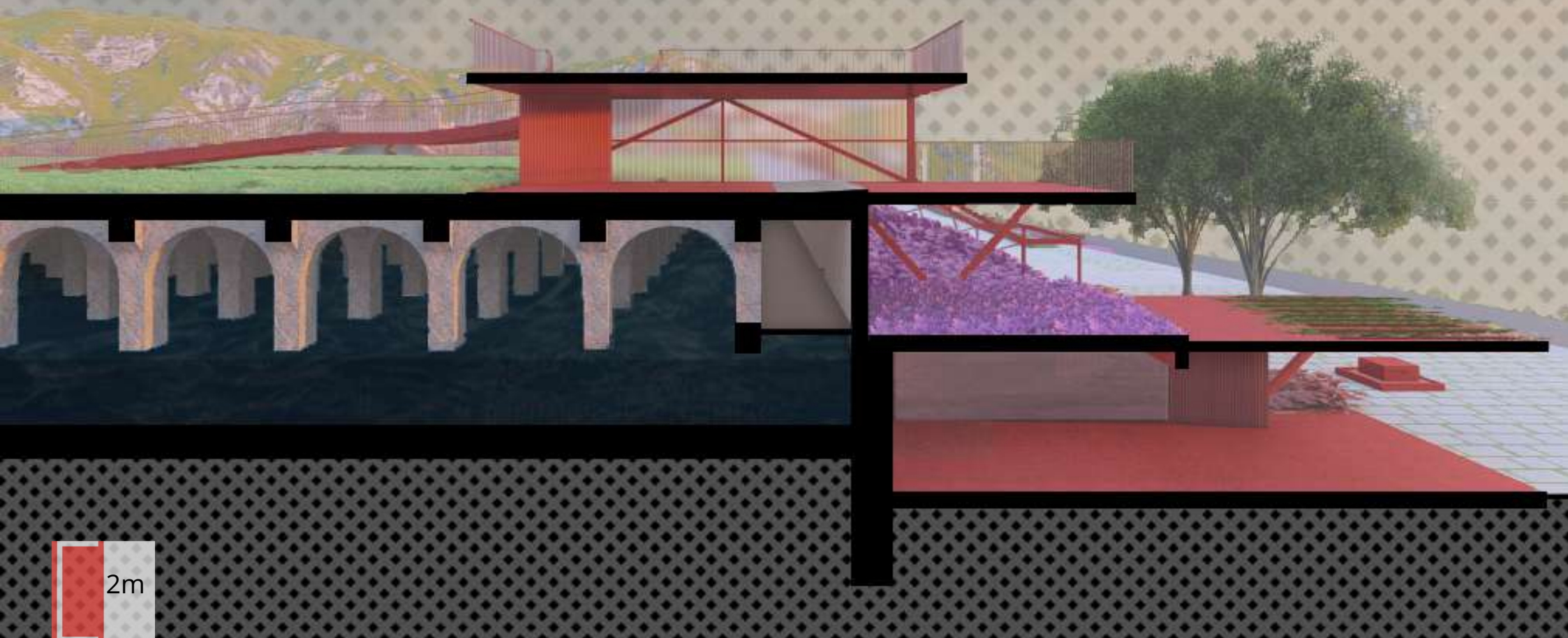
BB' CORTE DISPOSITIVO 01



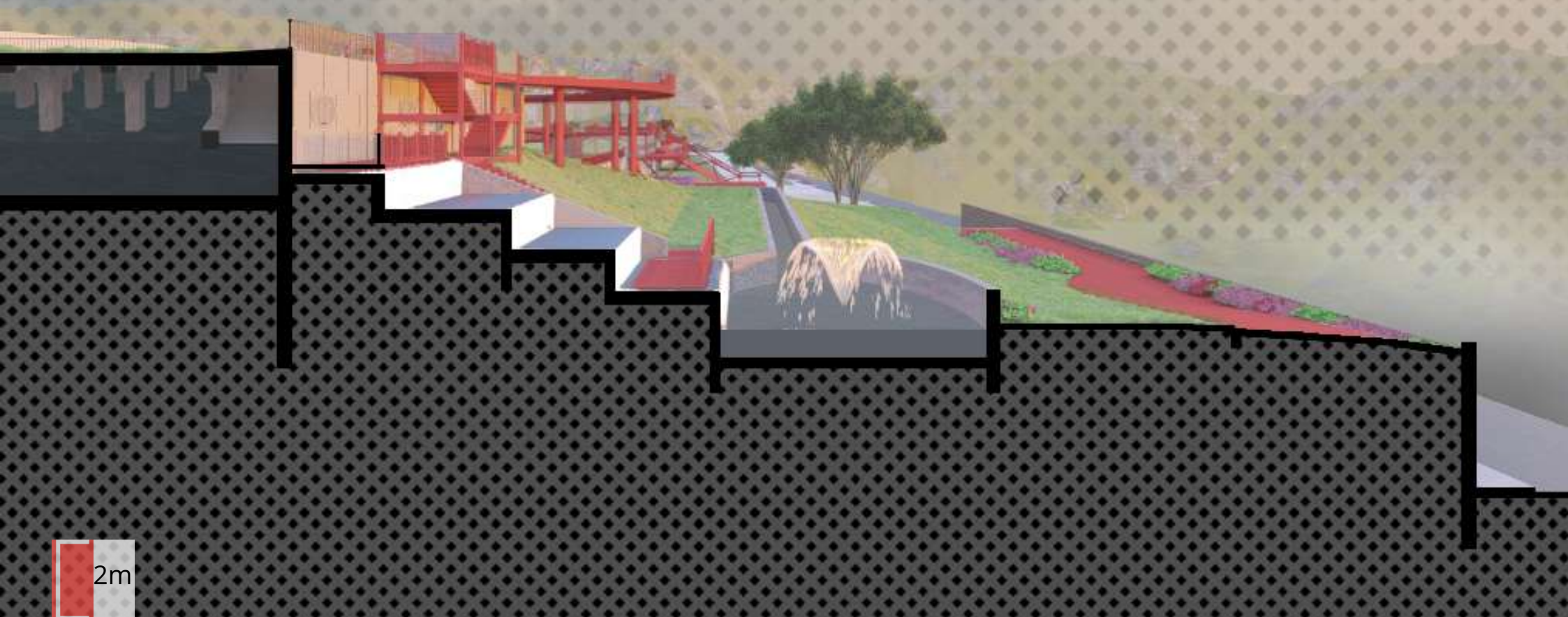
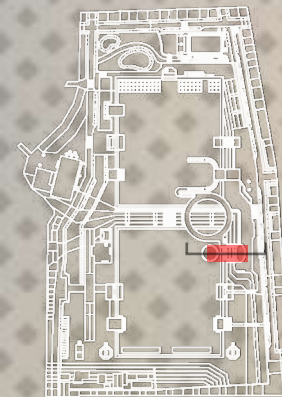
CC' CORTE DISPOSITIVO 02



DD' CORTE DISPOSITIVO 04 - RAMPA DE LIGAÇÃO CAIXA BAIXA - CAIXA ALTA

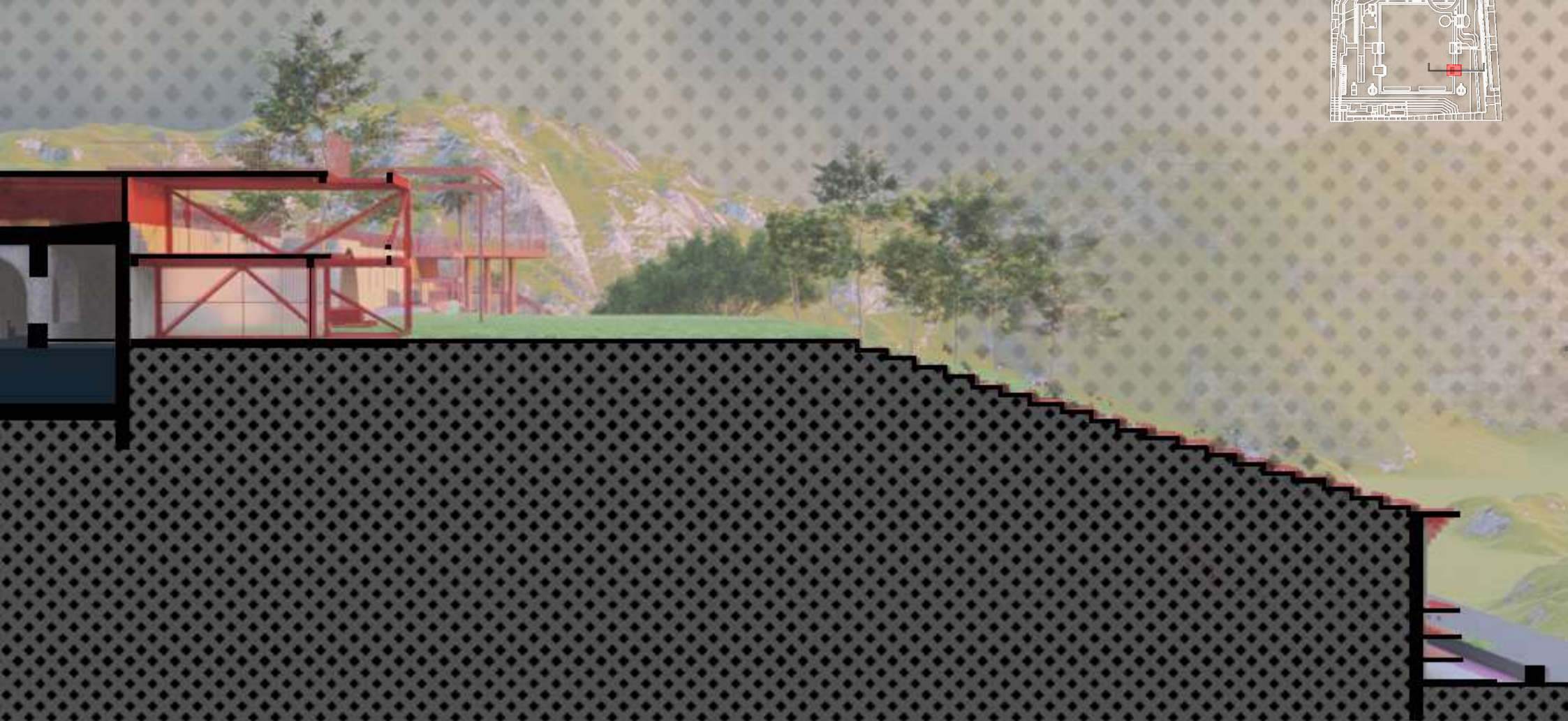


EE' CORTE DISPOSITIVO 05 - PARA ACESSAR E ATRAVESSAR A CASCATA



FF'

CORTE DISPOSITIVO 06 - DA CALÇADA AO TOPO



2m

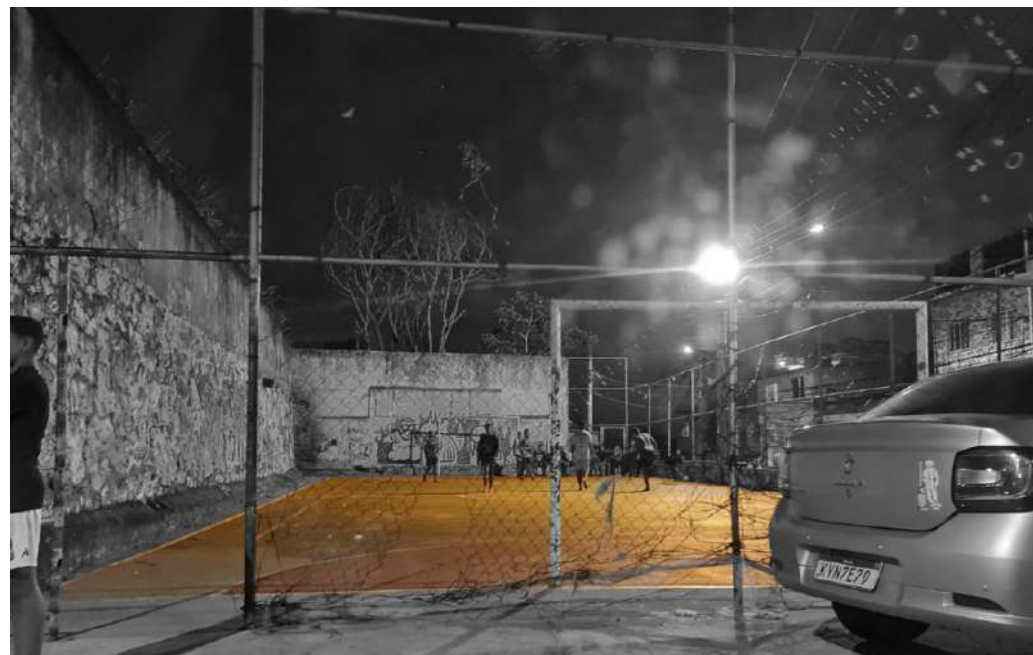
FF'



3.5 CENÁRIOS

A construção de cenários parte das visitas ao território e da constatação das diversas formas de transgressão, expressão de subjetividades, manifestação dos corpos e construções coletivas.

Nesse sentido, sigo partindo da premissa de que o que há de valioso no projeto já está lá. Portanto, têm-se como inspiração a pipa, o futebol, a roda de samba, o forró, as hortas ao longo do muro de pedra, entre outros. Com o acesso facilitado e o atravessamento multiplicado, essas atividades têm maior possibilidade de florescer.





PLANTA: VISTA AÉREA - INFRAESTRUTURA COMO ESPAÇO COLETIVO









DISPOSITIVOS ACOPLADOS

DISPOSITIVO 01

PAVILHÃO DE MANOBRAS (EXIST)

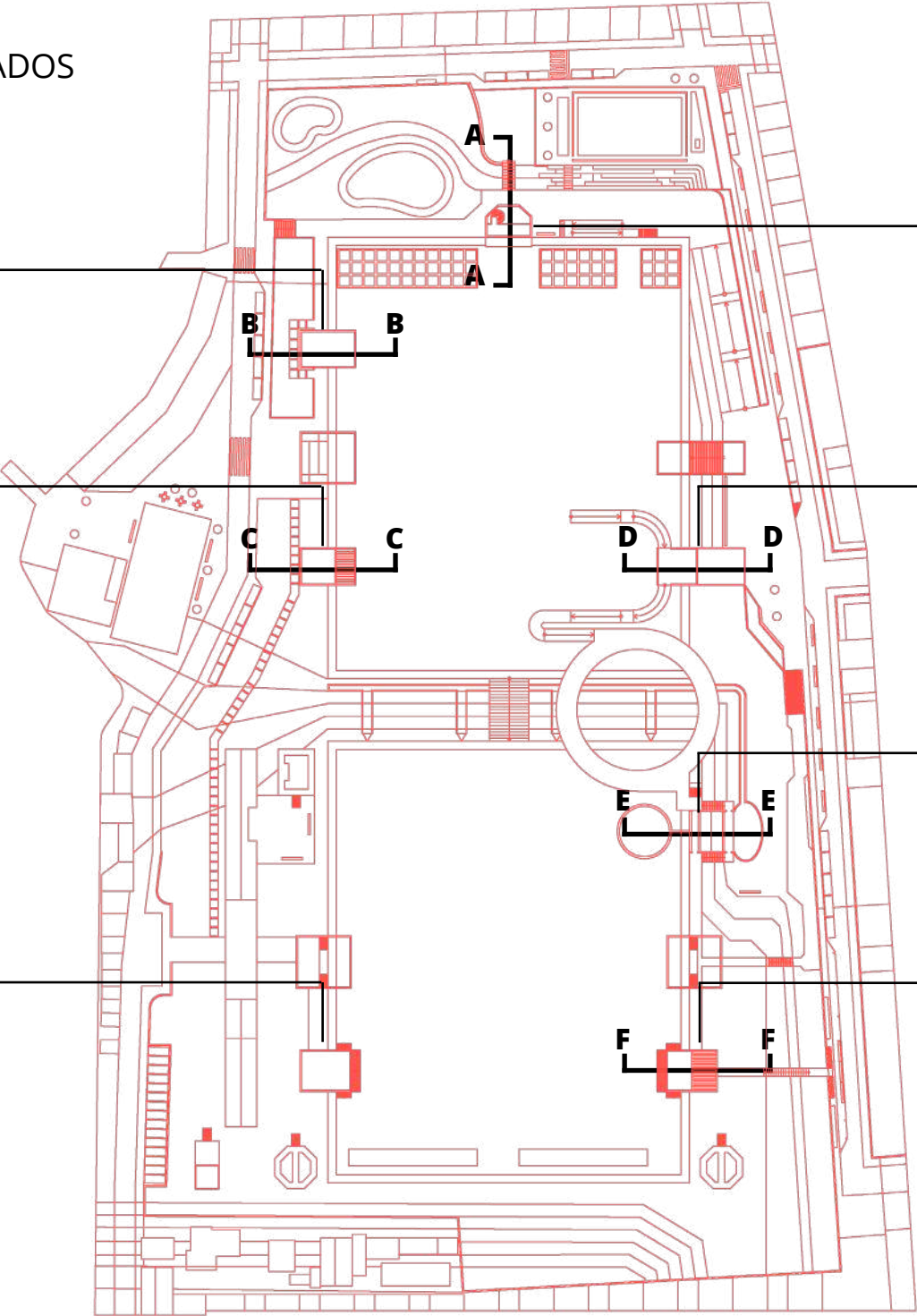
DISPOSITIVO 02

DISPOSITIVO 04

DISPOSITIVO 03

DISPOSITIVO 05

DISPOSITIVO 06

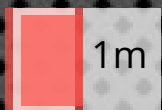
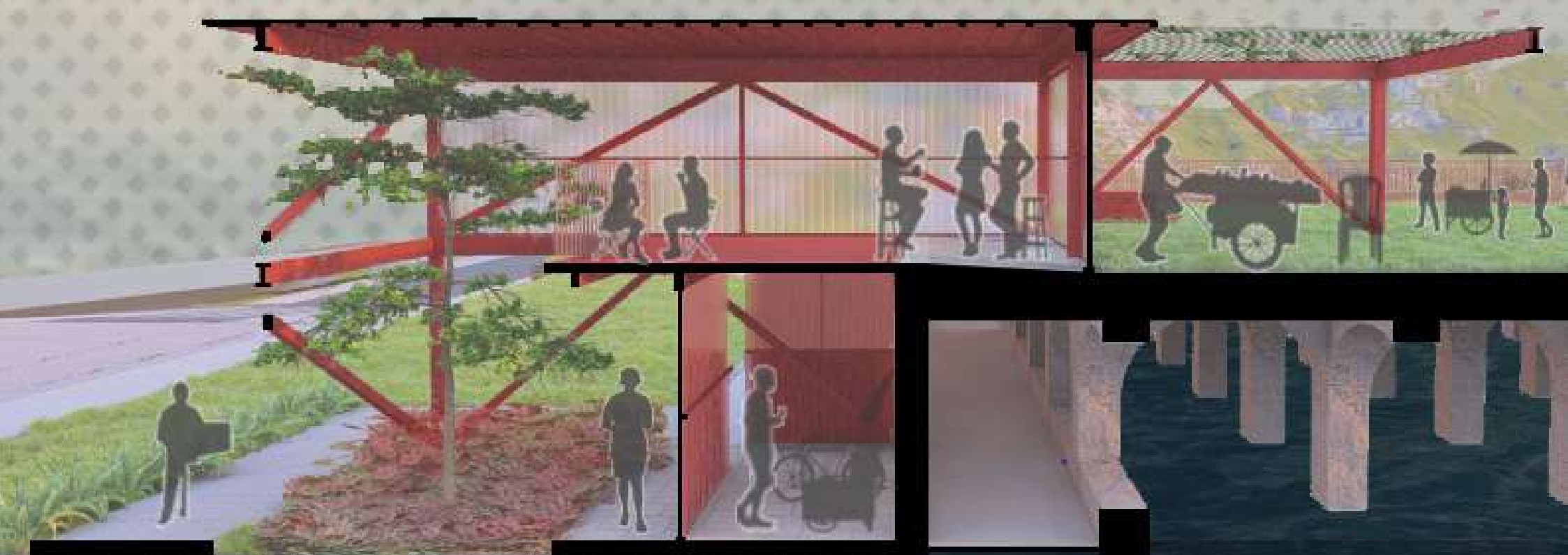
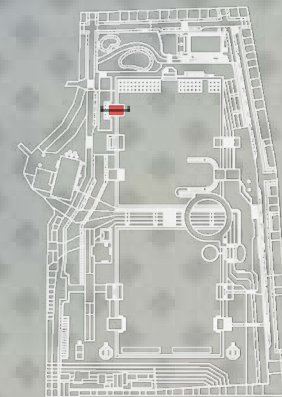


AA'

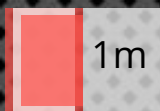
CORTE PAVILHÃO DE MANOBRAS - SIMULAÇÃO CENÁRIO



BB' CORTE DISPOSITIVO 01 - SIMULAÇÃO DE CENÁRIO



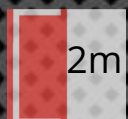
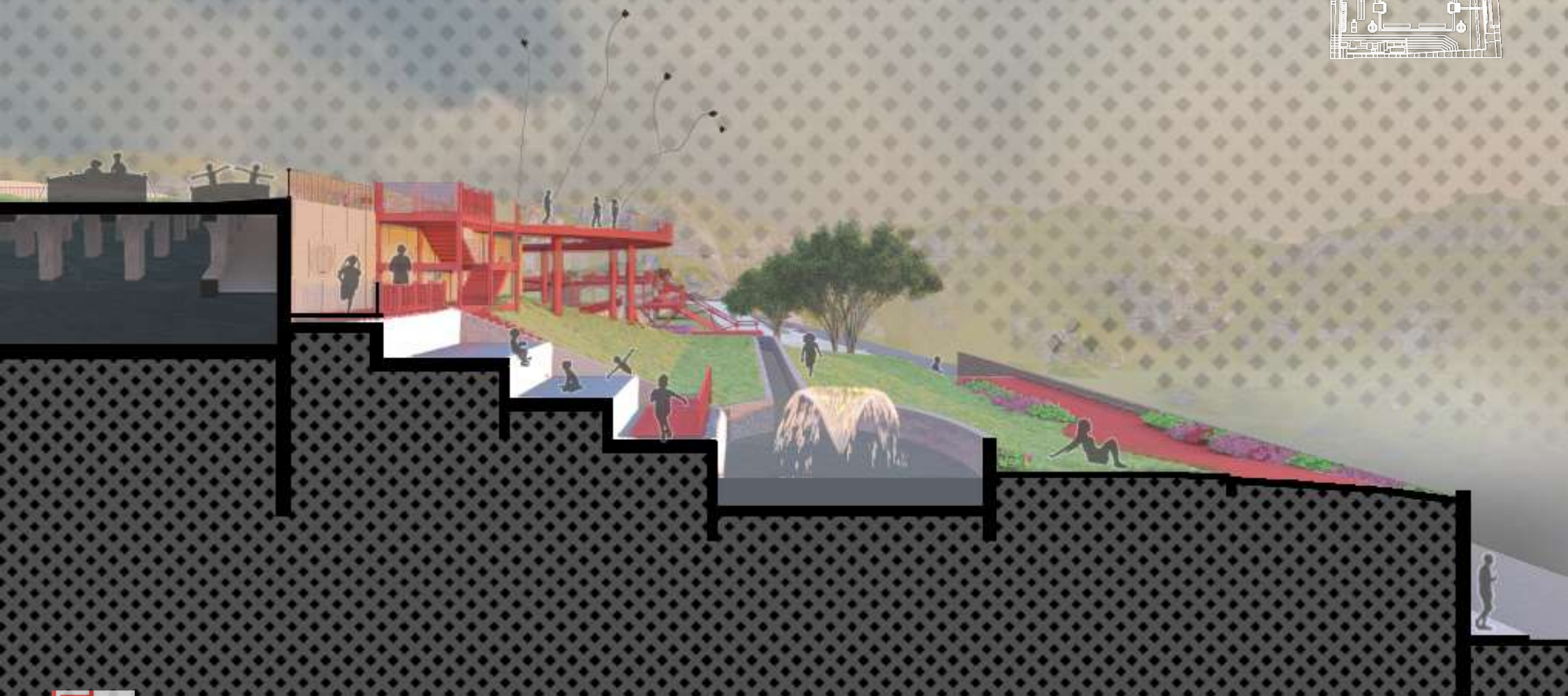
CC' CORTE DISPOSITIVO 02 - SIMULAÇÃO DE CENÁRIO



DD' CORTE DISPOSITIVO 04 - RAMPA DE LIGAÇÃO CAIXA BAIXA - CAIXA ALTA - CENÁRIO

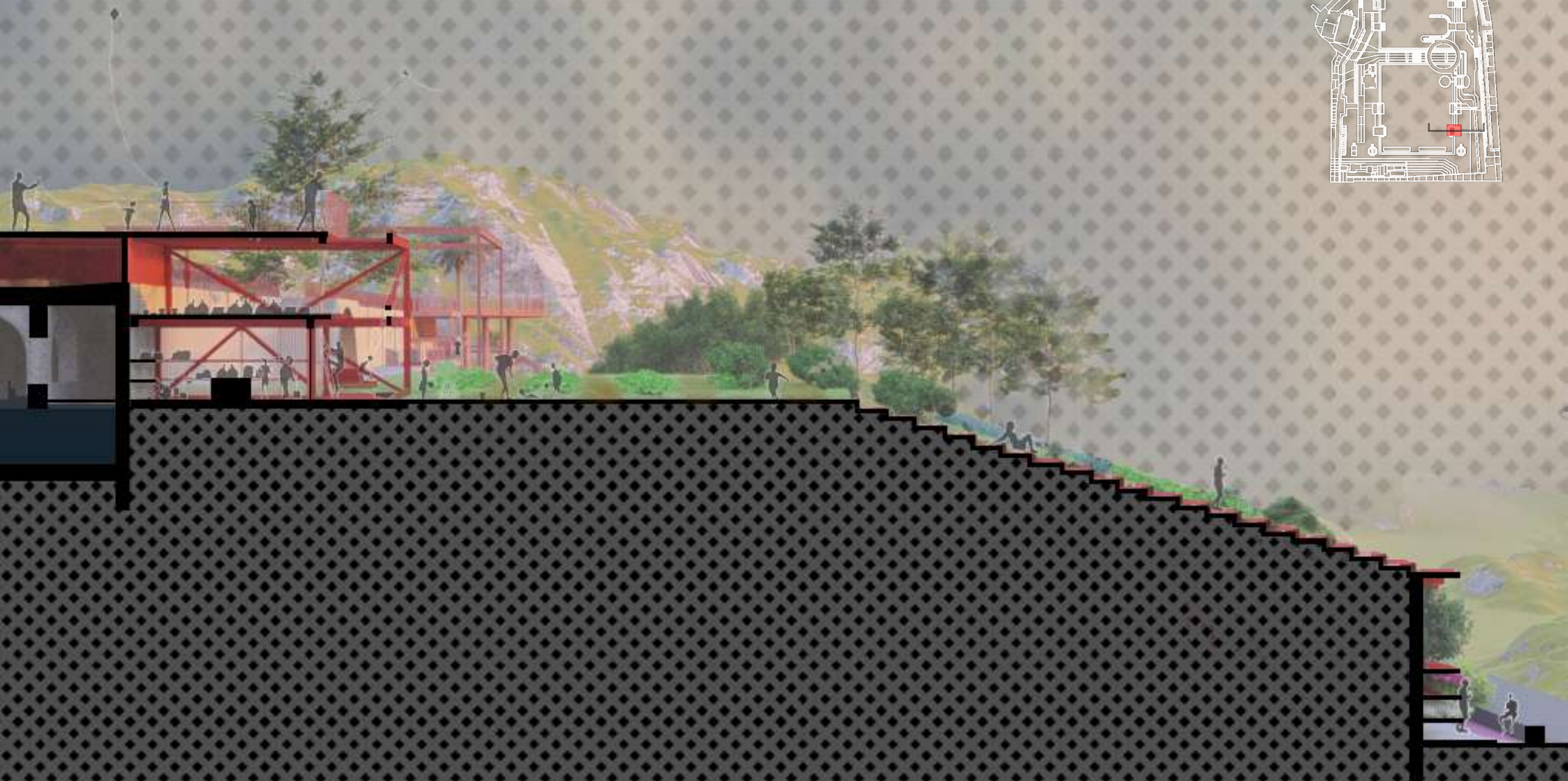
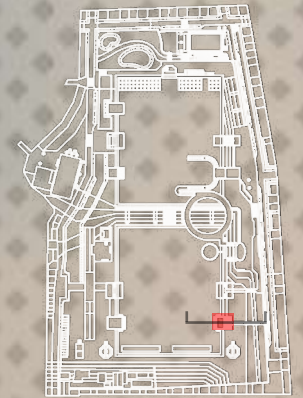


EE' CORTE DISPOSITIVO 05 - PARA ACESSAR E ATRAVESSAR A CASCATA - CENÁRIO



FF'

CORTE DISPOSITIVO 06 - DA CALÇADA AO TOPO - CENÁRIO



2m

FF'



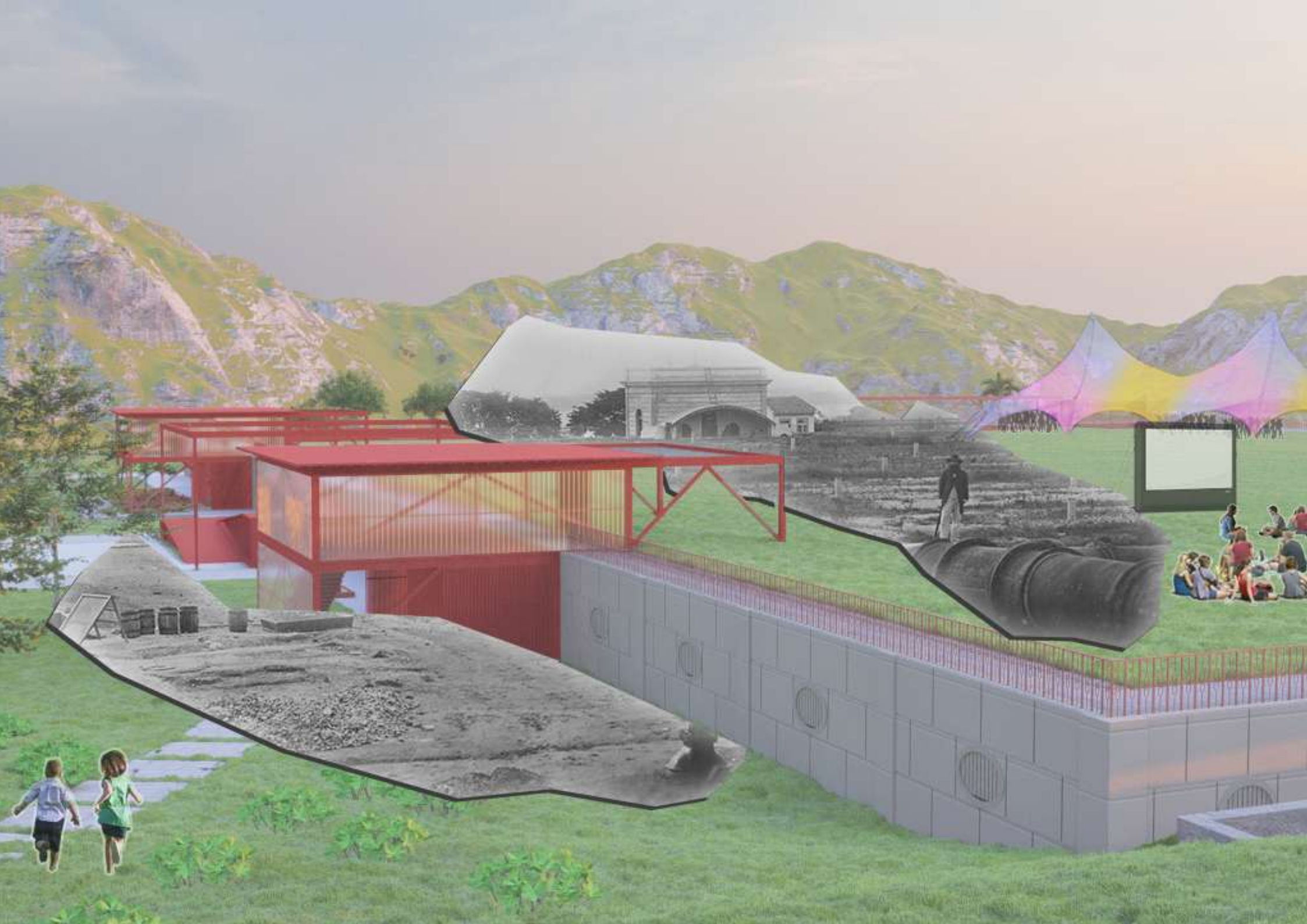
2m

















ACESSAR A ÁGUA, A VISTA DA CIDADE, O VERDE. DESCOBRIR E SER DESCOBERTO. DAR LUZ SEM TOCAR.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Maurício de Almeida. A evolução urbana do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: IPP, 2013.

FERREIRA DOS SANTOS, Carlos Nelson e VOGEL, Arno. Quando a rua vira casa: A apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro. 3ª edição. São Paulo: Projeto, 1985.

GOTTDIENER, Mark. A Produção Social do Espaço Urbano. São Paulo: Edusp, 2010.

JACQUES, Paola Berenstei e PEREIRA, Margareth. Nebulosas do Pensamento Urbanísticos: modos de pensar. Bahia: EDUFBA, 2018. Disponível em: < <http://www.laboratoriourbano.ufba.br/wp-content/uploads/2019/04/Nebulosas-do-Pensamento-Urbanistico-Tomo-I-Modos-de-pensar>>

MARICATO, Ermínia. Metrópole na Periferia do Capitalismo: ilegalidade, desigualdade e violência. São Paulo: Editora HICITEC, 1996.

MARQUEZ, Renata e CANÇADO, Wellington. Atlas Ambulante. Minas Gerais, 2011.

SANTOS, Milton. 2002. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (edusp).

SANTOS, Milton. (1979) 2004a. O espaço dividido. São Paulo: edusp.

SANTOS, Milton. 2007. O espaço do cidadão. São Paulo: edusp

SIMAS, Luiz Antônio. O Corpo Encantado das Ruas. Rio de Janeiro: Grupo Editorial Record, 2019.